

MONTEIRO LOBATO



DIGITAL
Source

DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

DIGITAL
Source

Monteiro Lobato

**Dom Quixote
das
Crianças**

CÍRCULO DO LIVRO

CÍRCULO DO LIVRO S.A.

Caixa postal 7413

01051 São Paulo, Brasil

Edição integral

Copyright © by herdeiros de Monteiro Lobato

Layout da capa: Tide Hellmeister

Ilustrações: Jorge Kato (coordenação), Izomar Camargo Guilherme (capas),

Adilson Fernandes, Carlos Avalone Rocha,

Eli Marcos Martins Leon, Luiz Padovin, Michio Yamashita,

Miriam Regina da Costa Araújo, Paulo Edson,

Roberto Massaru Higa, Roberto Souto Monteiro

Licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia dos herdeiros de
Monteiro Lobato e da Editora Brasiliense S.A.

Venda permitida apenas aos sócios do Círculo

Composto pela Linoart Ltda.

Impresso e encadernado pelo Círculo do Livro S.A.

2468 10 97531

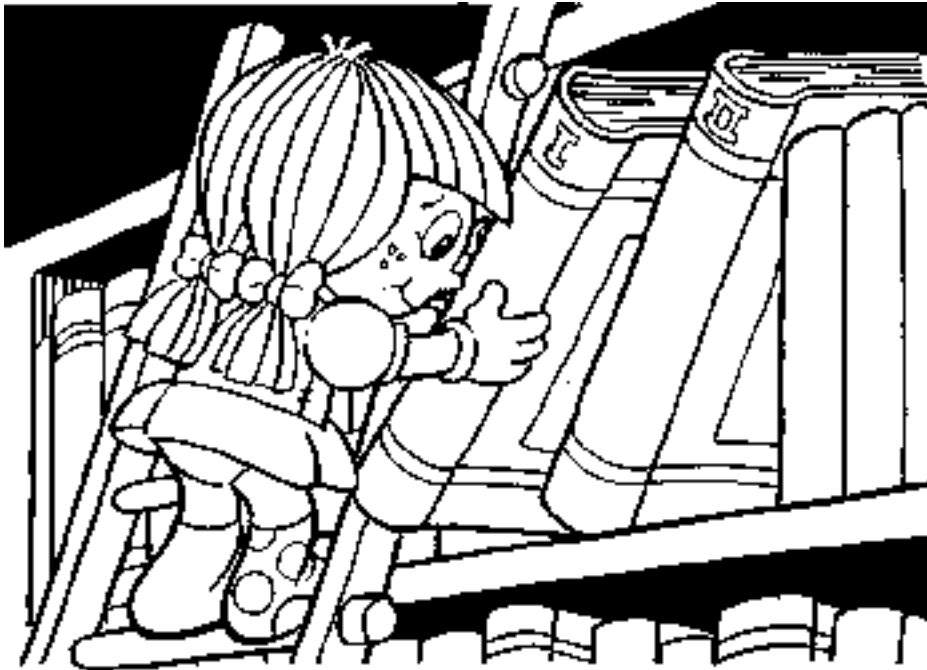
85 87 89 88 86

*Como tem ocorrido com outros volumes da coleção
MONTEIRO LOBATO, mantivemos nesta obra os dados originais
em que se baseou Lobato para escrevê-la.
Por essa razão, o leitor poderá encontrar referências
desatualizadas.*

Os editores

Dom Quixote
das
Crianças

I



Emília descobre o Dom Quixote

Emília estava na sala de Dona Benta, mexendo nos livros. Seu gosto era descobrir novidades — livros de figura. Mas como fosse muito pequenina, só alcançava os da prateleira de baixo. Para alcançar os da segunda, tinha de trepar numa cadeira. E os da terceira e quarta, esses ela via com os olhos e lambia com a testa. Por isso mesmo eram os que mais a interessavam. Sobretudo uns enormes.

Uma vez a pestinha fez o Visconde levar para lá uma escada — certa vez em que Dona Benta e os netos haviam saído de visita ao compadre Teodorico.

Foi um trabalho enorme levar para lá a escadinha. O coitado do Visconde suou, porque Emília, embora o ajudasse, ajudava-o cavorteiamente, fazendo que todo o peso ficasse do lado dele. Afinal a escada foi posta junto à estante, e Emília trepou.

— Segure bem firme, Visconde — disse ela ao chegar ao meio. —

Se a escada escorregar e eu cair V. Exa. me paga.

— Não tenha nenhum receio, Senhora Marquesa. Estou aqui agarrado nos pés da bicha como uma verdadeira raiz de árvore. Suba sossegada.

Emília subiu. Alcançou os livrões e pôde ler o título. Era o *Dom Quixote de La Mancha*, em dois volumes enormíssimos e pesadíssimos. Por mais que ela fizesse não conseguiu nem movê-los do lugar.

— Visconde — disse a travessa criatura, limpando o suorzinho que lhe pingava da testa —, parece que estes livros criaram raiz. Sem enxada não vai. Temos de arrancá-los como se arranca árvore. Vá buscar uma enxada.

— Se a senhora me permite uma opinião, direi que o caso não é de enxada — sim de alavanca. Dona Benta já explicou que a alavanca é uma máquina própria para levantar pesos. Com a alavanca o homem multiplica a força do braço, conseguindo erguer pedras e outras coisas pesadíssimas.

Emília olhava para os livrões.

— Bom — disse ela. — A alavanca multiplica a força do braço dos homens, sei disso. Mas será que também multiplica a força do braço das bonecas?

— Experimente — respondeu o Visconde. — É experimentando que se fazem descobertas. Foi experimentando que Edison descobriu o fonógrafo.

— Deixe Edison em paz e traga a alavanca. O Visconde trouxe um cabo de vassoura.

— Está bem certo de que isto é alavanca, senhor sabugo?

— Garanto que é. Experimente. Se a senhora enfiar a ponta do cabo da vassoura naquele vão e fizer uma forcinha, o livro move-se. Experimente.

A boneca fez a experiência. Enfiou o cabo da vassoura num vão, fez força, e o livro, que parecia ter raízes, moveu-se três dedos.

— Viva! Viva! — berrou a diabinha. — É alavanca, sim, Visconde, e das legítimas! Desta vez eu tiro a prosa deste peso.

E tirou mesmo. Tanto fez que o livrão se foi deslocando para a beirada da estante, agora dois dedos, agora mais dois dedos, até que. . .

Brolorotachabum! — despencou lá de cima, arrastando em sua queda a escada, a Emília e o cabo de vassoura, tudo bem em cima do pobre Visconde.

A barulheira fez Tia Nastácia vir correndo da cozinha.

— Nossa Senhora! Que terremoto será aquilo? — exclamara ela. E ao entrar na sala, vendo o desastre: — Será possível, santo Deus? A terra estará tremendo?

— Foi a alavanca — explicou Emília. — A alavanca arrancou o livrão lá de cima e o derrubou em cima do Visconde. . .

— Em cima do Visconde, Emília? Então o pobre do Visconde está debaixo deste colosso?

— Está sim — tão achatadinho que nem percebe. Malvada alavanca.

Levantando o livrão, a negra viu que realmente o Visconde estava embaixo — mas completamente achatado.

— Credo! — exclamou. — Parece um bolo de massa que a gente senta em cima. Será que morreu?

Sacudiu-o, virou-o dum lado para outro, gritou-lhe ao ouvido. Nada. O Visconde não dava o menor sinal de vida. Só deixava sair de si um caldinho.

— É o caldo da ciência — observou Emília. — Vou guardá-lo num vidro. Pode servir para alguma coisa.

— E agora? — disse a negra, de mãos na cintura, com os olhos naquele achatamento.

— Agora — respondeu a boneca — nós deixamos ele como está para ver como fica. Pedrinho logo chega e dá um arranjo. Pode ir cuidar do seu fogão.

Emília estava ansiosa por ver as figuras do *Dom Quixote*. Como fosse uma boneca sem coração, era-lhe indiferente que o Visconde ficasse por ali naquele triste estado. Além disso, tinha a certeza de que, dum jeito ou de outro, Pedrinho o consertaria. Criaturas de sabugo têm

essa vantagem. São consertáveis, como os relógios, as máquinas de costura e as chaleiras que ficam com buraquinhos. Mas Tia Nastácia, sempre de mãos à cintura, não tirava os olhos do pobre sabuguinho.

— Chega! — berrou Emília. — Não enjoe. Vá cuidar das suas panelas — e foi empurrando a negra até a porta da cozinha. Em seguida voltou correndo para o livro. Abriu-o e leu os dizeres da primeira página.

O ENGENHOSO FIDALGO
DOM QUIXOTE DE LA MANCHA
POR
MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA

— Saavedra! — exclamou. — Para que estes dois *aa* aqui, se um só faz o mesmo efeito? — e, procurando um lápis, riscou o segundo *a*.

Feita a correção, começou a folhear o livro. Que beleza! Estava cheio de enormes gravuras dum tal Gustave Doré, sujeito que sabia desenhar muito bem. A primeira gravura representava um homem magro e alto, sentado numa cadeira que mais parecia trono, com um livro na mão e a espada erguida na outra. Em redor, pelo chão e pelo ar, havia de tudo: dragões, cavaleiros, damas, curingas e até ratinhos. Emília examinou minuciosamente a gravura, pensando lá consigo que se aqueles ratinhos estavam ali era porque Doré se esquecera de desenhar um gato.

Nisto ouviu barulho na varanda. Dona Benta e os meninos vinham entrando.

— Que é isso, Emília? — indagou a velha, ao dar com o *Dom Quixote* esparramado no chão. — Quem desceu esse livro?

— Foi a alavanca — respondeu a boneca. — Artes do Senhor Visconde, e por isso mesmo ficou mais chato que um bolo que a gente senta em cima. E mudo. Parece que morreu.

Narizinho e Pedrinho correram a examinar o Visconde.

— Coitado! — exclamou a menina. — Um Visconde tão bom, tão

científico. Veja, Pedrinho, se dá um jeito nele.

— O caldo da ciência eu salvei — disse Emília, mostrando um vidro de homeopatia.

Tia Nastácia veio da cozinha explicar o desastre.

— Mas de que modo o livro caiu lá de cima? — quis saber Dona Benta.

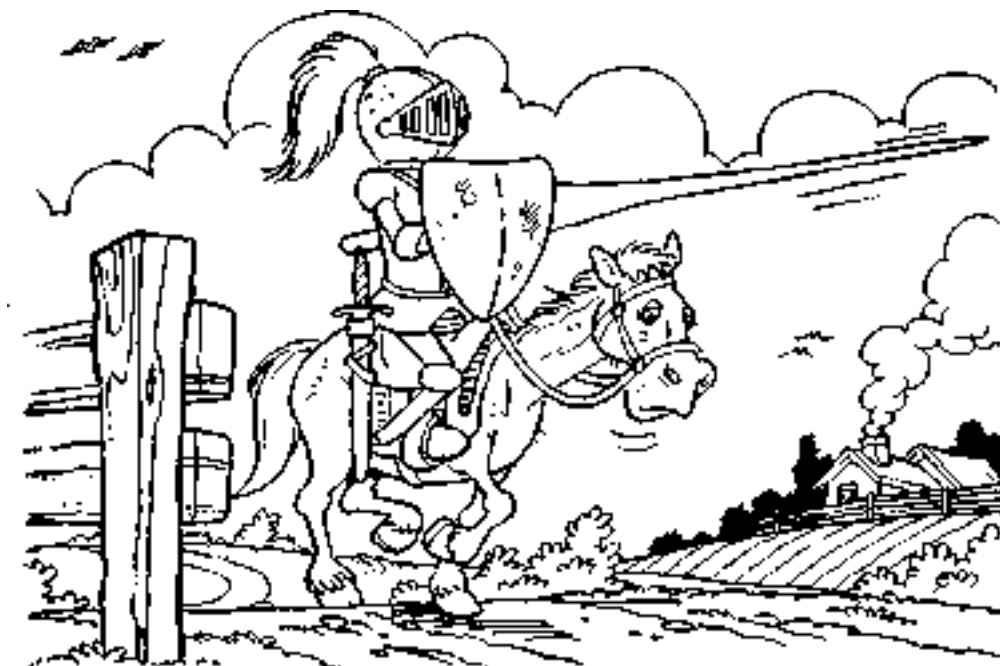
— Não sei, sinhá. Ouvi um barulho. Corri e achei o livro no chão. Quando levantei o livro, encontrei embaixo uma chatura: era o pobre Visconde. Nem gemia. Estava morto duma vez. . .

— Mas como foi que o livro caiu lá de cima?

— Não sei, sinhá. O que vi foi uma escada no chão, o livro em cima do Visconde e um cabo de vassoura. Diz a Emília que foi não sei quê duma tal alavanca...

— Hum! Hum! — rosnou Dona Benta, cravando os olhos na boneca. — Estou compreendendo tudo. Alavanca é ela. . .

II



Dona Benta começa a ler o livro

O que não tem remédio, remediado está. O Visconde ficou encostado a um canto, e Dona Benta, na noite desse mesmo dia, começou a ler para os meninos a história do engenhoso fidalgo da Mancha. Como fosse livro grande demais, um verdadeiro trambolho, aí do peso de uma arroba, Pedrinho teve de fazer uma armação de tábuas que servisse de suporte. Diante daquela imensidade, sentou-se Dona Benta, com a criançada em redor.

— Este livro — disse ela — é um dos mais famosos do mundo inteiro. Foi escrito pelo grande Miguel de Cervantes Saavedra. . . Quem riscou o segundo *a* de Saavedra?

— Fui eu — disse Emília.

— Por quê?

— Porque sou inimiga pessoal da tal ortografia velha coroca que complica a vida da gente com coisas inúteis. Se um *a* diz tudo, para que dois?

— Mas você devia respeitar esta edição, que é rara e preciosa. Tenha lá as idéias que quiser, mas acate a propriedade alheia. Esta edição foi feita em Portugal há muitos anos. Nela aparece a obra de Cervantes traduzida pelo famoso Visconde de Castilho e pelo Visconde de Azevedo.

— Ah! — exclamou Emília. — Então foi por isso que o nosso Visconde mexeu nele — para conhecer a linguagem dos seus colegas viscondes. Que raça abundante! Três só aqui nesta salinha. . .

Dona Benta continuou:

— O Visconde de Castilho foi dos maiores escritores da língua portuguesa. É considerado um dos melhores clássicos, isto é, um dos que escreveram em estilo mais perfeito. Quem quiser saber o português a fundo, deve lê-lo — e também Herculano, Camilo e outros.

— O português perfeito é melhor que o imperfeito, vovó? — indagou Narizinho.

— Está claro, minha filha. Uma coisa, se é perfeita, está claro que é melhor que uma imperfeita. Essa pergunta até parece da Emília. .

— Então comece — pediu Pedrinho. E Dona Benta começou a ler:

— *"Num lugar da Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não há muito, um fidalgo, dos de lança em cabido, adarga antiga e galgo corredor"*.

— Ché! — exclamou Emília. — Se o livro inteiro é nessa perfeição de língua, até logo! Vou brincar de esconder com o Quindim. *Lança em cabido, adarga antiga, galgo corredor*. . . Não entendo essas viscondadas, não. . .

— Pois eu entendo — disse Pedrinho. — Lança em cabido quer dizer lança pendurada em cabido; galgo corredor é cachorro magro que corre e a adarga antiga é. . . é. . .

— Engasgou! — disse Emília. — Eu confesso que não entendo nada. Lança em cabido! Pois se lança é um pedaço de pau com um chuço na ponta, pode ser "lança atrás da porta", "lança no canto" — mas "no cabido", uma ova! Cabido é de pendurar coisas, e pedaço de

pau a gente encosta, não pendura. Sabem que mais, meus queridos amigos? Vou brincar de esconder com o Quindim. . .

— Meus filhos — disse Dona Benta —, esta obra está escrita em alto estilo, rico de todas as perfeições e sutilezas de forma, razão pela qual se tornou clássica. Mas como vocês ainda não têm a necessária cultura para compreender as belezas da forma literária, em vez de ler vou contar a história com palavras minhas.

— Isso! — berrou Emília. — Com palavras suas e de Tia Nastácia e minhas também — e de Narizinho — e de Pedrinho — e de Rabicó. Os viscondes que falem arrevesado lá entre eles. Nós que não somos viscondes nem viscondessas, queremos estilo de clara de ovo, bem transparentinho, que não dê trabalho para ser entendido. Comece.

E Dona Benta começou, da moda dela:

— Em certa aldeia da Mancha (que é um pedaço da Espanha), vivia um fidalgo, aí duns cinqüenta anos, dos que têm lança atrás da porta, adarga antiga, isto é, escudo de couro, e cachorro magro no quintal — cachorro de caça.

— Para que a lança e o escudo? — quis saber Emília.

— Era sinal de que esse fidalgo pertencia a uma velha linhagem de nobres, dos que antigamente, na Idade Média, usavam armaduras de ferro e se dedicavam à caça como sendo a mais nobre das ocupações.

— Vagabundos é que eles eram! — exclamou a boneca.

— Não atrapalhe, Emília — murmurou Narizinho. — Continue, vovó.

Dona Benta continuou:

— Morava em companhia duma sobrinha de vinte anos e duma ama de quarenta. Chamava-se Dom Quixote. Era magro, alto, muito madrugador e amigo da caça. E mais amigo de ler. Só lia, porém, uma qualidade de livros — os de cavalaria.

— Eu sei o que é cavalaria — disse Pedrinho. — Depois das Cruzadas, a gente da Europa ficou de cabeça tonta e com mania de guerrear. Os fidalgos andavam vestidos de armaduras de ferro, capacete na cabeça e escudo no braço, com grandes lanças e espadas. Montavam

em cavalos que eles diziam ser corcéis e saíam pelo mundo espetando gente, abrindo mouros pelo meio com espadas medonhas. As proezas que faziam eram de arrepiar os cabelos. Já li a história de Carlos Magno e os Doze Pares de França. . .

— Isso mesmo — confirmou Dona Benta. — Eram os cavaleiros andantes. Depois de lermos o *Dom Quixote* temos de procurar o *Orlando furioso*, do célebre poeta italiano Ariosto — e vocês vão ver que coisa tremenda eram os tais cavaleiros andantes.

— Por que se chamavam assim? — indagou a menina.

— Porque viviam a cavalo, sempre a correr mundo atrás de aventuras. E tais e tantas foram suas aventuras, que os poetas começaram a contá-las em seus poemas, como esse de Ariosto; e os prosadores também; de modo que a literatura daquele tempo era só de cavalaria andante, como hoje é quase só de bandidos e policiais.

Cervantes escreveu este livro para fazer troça da cavalaria andante, querendo demonstrar que tais cavaleiros não passavam duns loucos. Mas como Cervantes fosse um homem de gênio, sua obra saiu um maravilhoso estudo da natureza humana, ficando por isso imortal. Não existe no mundo inteiro nenhuma criação literária mais famosa que a sua.

Dom Quixote não é somente o tipo do maníaco, do louco. É o tipo do sonhador, do homem que vê as coisas erradas, ou que não existem. É também o tipo do homem generoso, leal, honesto, que quer o bem da humanidade, que vinga os fracos e inocentes — e acaba sempre levando na cabeça, porque a humanidade, que é ruim inteirada, não compreende certas generosidades.

Pois é isso. De tanto ler aqueles livros de cavalaria, o pobre fidalgo da Mancha ficou com o miolo mole; entendeu de virar também cavaleiro andante e sair com a velha armadura herdada de seus avós, mais a lança e o escudo, a correr mundo atrás de aventuras, isto é, atrás de outros cavaleiros andantes com quem se bater, e de maus a quem castigar. No delírio do seu sonho imaginava até a conquista de um grande reino lá pelo Oriente.

Tanto imaginou aquilo que um dia se resolveu. Largando os livros, foi ver o cavalo que tinha na cocheira. Era um pobre cavalo, desses que por aqui chamamos matungo, e velho até não poder mais. Ossos só. Mas a imaginação desvairada de Dom Quixote via tudo ao contrário da realidade. Olhou para o feixe de ossos sem ver osso nenhum — viu um maravilhoso cavalo, igual aos mais famosos do mundo, como aquele Bucéfalo de Alexandre, o Grande, ou o Babieca do Cid.

— Que Babieca é esse, vovó? — indagou a menina.

— O Cid foi um famosíssimo herói espanhol, que a lenda pinta como o maior fazedor de proezas da Espanha. Chama-se Dom Rodrigo de Bivar. E, como um herói desse tamanho tem que ter um cavalo também heróico, apareceu o Babieca, que hoje ocupa na literatura um lugar semelhante ao de Bucéfalo.

Dom Quixote olhou para o seu cavalo magro, a pensar no nome que lhe daria. Tinha de ser um nome e tanto, que ficasse famoso como o de Bucéfalo ou de Babieca. Depois de muito pensar achou um: Rocinante.

— Que quer dizer?

— Nada. Talvez a palavra venha de rocim, que hoje significa animalzinho magro, cavalinho à-toa. O fidalgo achou sonoro o nome de Rocinante e com ele batizou o seu cavalo. Esse nome se tornou tão célebre no mundo inteiro que hoje quem vê um cavalo velho, magríssimo, diz logo: "Ali está um rocinante". Passou de nome próprio a nome comum.

Muito bem. O nome do cavalo estava arranjado. Restava arranjar um bom nome para si próprio, visto que todos os cavaleiros andantes tinham lindos nomes, como o célebre Amadis de Gaula, que entre todos os cavaleiros andantes era o que Dom Quixote mais admirava. Sendo Quisana, ou Quezana, o verdadeiro nome do fidalgo da Mancha, dessa palavra tirou ele Quixote, e como fosse nascido naquela aldeia da Mancha, ajuntou ao nome Quixote o nome da Mancha. Ficou sendo Dom Quixote de Ia Mancha. Bonito, hein?

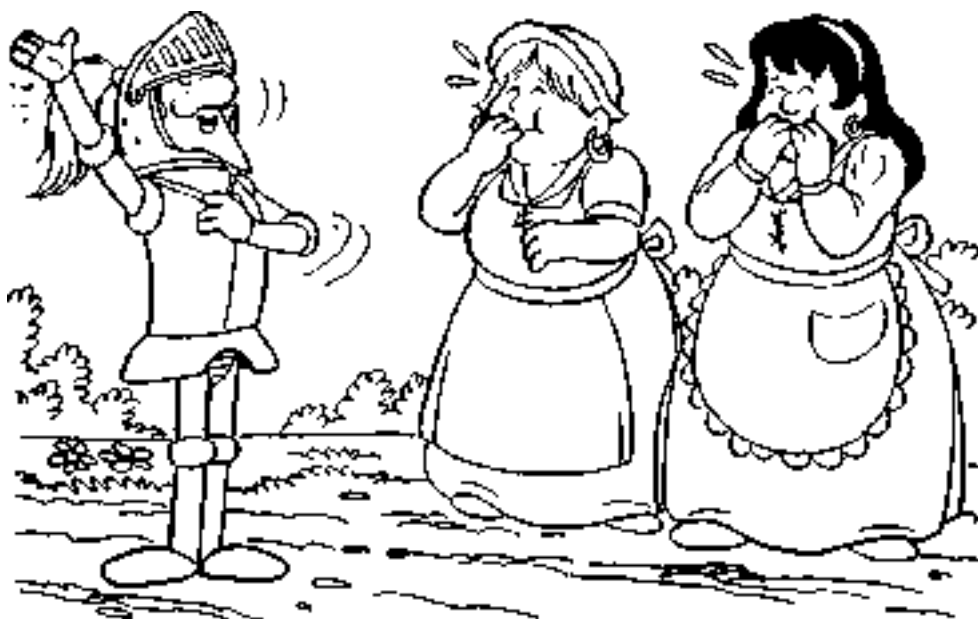
Bem. A coisa ia indo. Restava ainda arranjar a dama dos seus amores, porque todos os cavaleiros andantes dos livros viviam loucos de amor por uma dama misteriosa, também de lindo nome, a quem juravam servir a vida inteira, proclamando-a sempre a mais bela de todas. E ai de quem duvidasse disso! Vinham logo espetadas de lanças e espadadas de abrir uma pessoa de alto a baixo.

Dom Quixote pensou, pensou. Por fim, lembrou-se duma camponesa das vizinhanças, a quem andou arrastando a asa quando mais moço, chamada Aldonça. Mas Aldonça, nome muito vulgar naquele tempo, não ficava bem à grande dama dum cavaleiro andante, e ele batizou-a de Dulcinéia del Toboso. Toboso era a aldeia onde morava Aldonça.

Muito bem. Estava tudo resolvido. Tinha cavalo, tinha nome sonoro e tinha a dama dos seus amores. Só restava enfiar no corpo a armadura e partir. A armadura, velhíssima, havia pertencido a um seu bisavô. Ele remendou-a como pôde e um belo dia, pela madrugada, fez o que vocês fazem aqui, quando vão meter-se em aventuras: ergueu-se nas pontinhas dos pés sem o menor barulho para não acordar a sobrinha e a ama, e dirigiu-se à estrebaria onde encilhou Rocinante. Montou e partiu. Quando o dia rompeu, já ele estava longe da aldeia, em pleno campo deserto.

Mas faltava ainda uma coisa. Os cavaleiros podem ter cavalo de nome bonito; podem ter armaduras; podem ter damas de amores — mas, antes de serem armados cavaleiros, não são cavaleiros.

III



Primeiras aventuras

— Dom Quixote já não estava armado? — observou Emília.

— Ser "armado cavaleiro" é coisa diferente de um cavaleiro armar-se com armaduras e armas. Ser armado cavaleiro é receber o grau de cavaleiro andante, dado por outro cavaleiro. E nisso ia pensando Dom Quixote pelo caminho. Era-lhe absolutamente indispensável encontrar um cavaleiro que o armasse cavaleiro. Mas onde esse cavaleiro padrinho? Dom Quixote olhava dum lado e de outro e só via o deserto. Nem sombra de cavaleiro.

Súbito, distingue ao longe um desses pobres albergues de beira de estrada muito comuns na Espanha; mas para sua imaginação sempre em fogo aquilo se afigurou imponentíssimo castelo com torres, ameias, ponte levadiça e o mais dos castelos famosos.

Ótimo. Lá dentro encontraria o cavaleiro em condições de o armar cavaleiro. O costume no tempo dos castelos era, quando algum visitante se aproximava das suas muralhas, ser avistado por algum

anão do alto das torres, o qual anão tocava uma cometa, dando aviso ao senhor de que havia gente fora. Dom Quixote deteve-se a certa distância, à espera de que soasse o toque de "cavaleiro andante à vista". Não soou coisa nenhuma, e como Rocinante, com uma fome danada, estivesse impaciente por entrar na estrebaria, Dom Quixote aproximou-se do albergue.

Na porta estavam duas mulheres do povo — mulheres vagabundas, dessas que hoje chamam "mulheres de porta de venda". Para a sua imaginação, entretanto, pareceram formosíssimas castelãs que ali respiravam a brisa do campo. E para elas se dirigiu. Nisto ecoou no pasto atrás da casa uma buzina: tratadores de cabras que faziam soar o toque de recolher. "Ótimo!", pensou consigo o fidalgo. "O anão da torre está dando ao senhor do castelo o aviso da minha chegada" — e aproximou-se das vagabundas, as quais, com medo daquela criatura tão esquisita, toda enlatada e armada, fizeram menção de fugir para dentro. Dom Quixote as sossegou com um gesto, e erguendo a viseira descobriu o rosto magro, coberto de pó.

— Que é viseira? — perguntou Narizinho.

— Viseira é a parte da armadura que recobre o rosto do cavaleiro. Uma parte móvel, que se ergue quando o enlatado deseja mostrar a cara, falar ou comer. Ergueu a viseira e disse:

— Não vos assusteis, ó gentis donzelas, de me verdes assim armado diante dos vossos divinos olhos. Pertencço à ordem dos cavaleiros andantes, a qual manda defender e acatar o belo sexo.

As vagabundas abriram a boca, mal compreendendo tão lindas palavras. Por fim, riram-se de serem tratadas de "gentis donzelas" — riram-se indecentemente, como as vagabundas costumam rir-se, o que muito desapontou e aborreceu o fidalgo. E já ia ele censurá-las, quando surge na porta um carão redondo e vermelho. Era o dono do albergue. Ao ver diante de si aquele cavaleiro magro e alto, todo ferragens pelo corpo e montado num feixe de ossos, teve vontade de rir também; só não o fez de medo da lança e da carranca do desconhecido. Conteve-se e disse:

— Ilustríssimo senhor cavaleiro, se V. Sa. pretende pernoitar aqui, devo avisá-lo de que cama não há nenhuma; mas não sendo cama, tudo mais está às ordens de V. Sa.

Pelo tom daquelas palavras Dom Quixote deduziu estar diante do senhor do castelo em pessoa, e respondeu-lhe:

— Por mim, senhor castelão, qualquer coisa me basta, pois que meu vestuário são as armas e meu descanso é o pelejar.

Ao ver-se tratado de castelão, o estalajadeiro refranziu a testa, nada entendendo; mas foi tratando de levar Rocinante à estrebaria, onde o desarreou e lhe deu água e capim. Em seguida voltou a saber que mais o fidalgo ordenava. Encontrou-o já reconciliado com as duas vagabundas, que o despiam da armadura. Tiraram-lhe o peitoral, o espaldar e outras peças. Na viseira embaraçaram-se, por estar amarrada com uma fita verde na nuca.

— É nó cego — disse uma. — Não desata. Só cortando com tesoura.

Mas o fidalgo não consentiu que lhe cortassem um nó tão bem dado e ficou de viseira no rosto. Impossível imaginar-se figura mais cômica — ele, muito alto e magro, despido da armadura toda, exceto no rosto. . . Aquelas gentilezas das "castelãs" encheram-no de gamenhice, fazendo-o improvisar uns versos:

*Nunca foi um cavaleiro
De damas tão bem servido
Como eu sou neste momento.
Ao chegar da minha aldeia
Donzelas cuidam de mim,
Castelãos do meu rocim. . .*

As "donzelas" nada entenderam, de tão brutas que eram, e o dono do albergue, voltando da estrebaria, disse ao fidalgo:

— Senhor paladino, como hoje é sexta-feira, só temos por aqui bacalhau com batatas. Se V. Sa. não despreza este petisco dos pobres,

correrei a servi-lo.

Dom Quixote deu a entender que para quem está morrendo de fome bacalhau é um manjar divino — o dono do albergue foi à cozinha buscar a coisa. Voltou com uma pratarrada de bacalhau com batatas, mais um pedaço de pão duro como pau, que colocou sobre a mesa sujíssima. Dom Quixote sentou-se e tentou comer. Mas comer como, com aquela ferragem na cara? Erguia a tampa da viseira; ao fazer o menor movimento com o queixo, a tampa caía e lhe fechava a boca.

O remédio foi ser ajudado pelo estalajadeiro e pelas "donzelas", as quais seguraram a tampa no alto, enquanto o homem ia, com o garfo, enfiando no herói, pela fresta da ferramenta, pedaços de bacalhau e batatas. A fim de despejar lá dentro vinho, teve de empregar um funil. E o fidalgo da Mancha tudo suportava só para que não lhe bulissem na fita verde que com certeza imaginava um presente da sua Dulcinéia.

— Já vi Tia Nastácia encher assim o papo dum pinto doente — observou Emília. — Mas esse pinto não era andante — não tinha viseira.

Dona Benta riu-se da asneirinha e continuou:

— Terminado o enchimento do herói da Mancha, levantou-se ele e, pegando o estalajadeiro pela mão, levou-o para a estrebaria, onde estavam suas armas. Ajoelhou-se ao lado delas, e disse:

— Valentíssimo cavaleiro, tenho um grande pedido a fazer.

O homem arregalou os olhos, surpreso.

— O que desejo ardentemente — continuou Dom Quixote — é que amanhã bem cedo V. Sa. me confira a ordem da cavalaria andante. E para isso, de acordo com as regras, tenho de passar a noite na capela deste alcáçar velando as armas.

— Que é alcáçar, vovó? — interrompeu Narizinho.

— É o mesmo que castelo, fortaleza. E velar as armas era uma cerimônia da cavalaria. Antes de ser armado cavaleiro, o candidato devia passar a noite diante de suas armas, velando-as.

— Quanta besteira, meu Deus! — exclamou Emília. — E ainda

me chamam asneirenta. Asneirenta é a humanidade. . .

— Bem — exclamou Dona Benta, rindo-se. — O estalajadeiro ouviu aquilo e disse:

— Senhor fidalgo, esse desejo é bem digno da grande alma de V. Sa. e será grande prazer meu satisfazê-lo. Sim, ilustríssimo cavaleiro, eu também, quando mais moço, dei-me a altas cavalarias. Que o digam as tavernas e subúrbios da cidade de Toledo, que foram os cenários das minhas façanhas. Depois que envelheci, retirei-me para este. . . castelo, onde minha profissão é hospedar cavaleiros andantes. Capela para velar as armas não tenho no momento, porque mandei derrubar a que havia a fim de construir outra muito mais luxuosa. Mas V. Sa. não ignora que em casos excepcionais, quando não há capela, os cavaleiros andantes podem velar as armas em qualquer lugar. Fique V. Sa. aqui no pátio velando as armas, que amanhã cedo realizarei a cerimônia. Mas antes disso: V. Sa. traz dinheiro?

— Dinheiro! — exclamou Dom Quixote. — Jamais li em meus livros que os cavaleiros andantes andassem munidos do vil metal.

O estalajadeiro torceu o focinho.

— Peço licença para declarar a V. Sa. que V. Sa. se engana nesse ponto. Se os livros nada falam a respeito, é que julgam ser matéria tão sabida que nem merece referência. Posso afirmar a V. Sa. que os cavaleiros andantes andam sempre com a bolsa bem recheada; e por isso, na qualidade de próximo padrinho de V. Sa. ordeno que nunca mais corra mundo sem dinheiro, visto como o dinheiro é a vida, a alma e o sangue de tudo.

Dom Quixote prometeu seguir o conselho e transferiu-se para o pátio, onde colocou a armadura sobre o tanque de lavar roupa, já que não podia colocá-la sobre um altar de capela. Em seguida uniu a espada ao peito, empunhou a lança e pôs-se a passear de cá para lá, de lá para cá, diante das armas ao clarão da lua. Velar as armas era aquilo.

Uma hora mais tarde um tropeiro, também hospedado na estalagem, lembrou-se de dar água à sua mula. Veio ao pátio. Como

visse aquela armadura trancando o tanque, arredou-a para que o animal pudesse beber. O fidalgo interrompeu o vaivém para berrar com voz de trovão:

— Ó tu, quem quer que sejas, atrevido cavaleiro, não toques nessa armadura sob pena de pagares com a vida a ousadia.

O labrego não fez caso da trovoada, ao contrário, irritou-se e jogou com toda a lataria no chão, longe dali. Ah! por que o fez? Aceso em cólera, Dom Quixote ergueu os olhos para o céu, exclamando:

— Dulcinéia, senhora minha, ajuda neste passo o teu fiel cavaleiro! — e arremete contra o bruto, de lança erguida qual porrete. E tamanho golpe lhe assenta no coco, que o estira. Vendo o atrevido por terra, imóvel, ajunta as armas e recoloca-as no altar do tanque. E continua de lá para cá, de cá para lá, como se nada houvesse acontecido.

Logo depois outro tropeiro aparece no pátio para o mesmo fim e igualmente limpa o tanque daquela tranqueira. Desta vez Dom Quixote não invocou a sua Dulcinéia: foi descendo a lança na cabeça do homem sem dizer água vai. O berro que ele deu fez que acudissem o estalajadeiro e mais gente do albergue. Fechou-se o tempo. Os companheiros dos dois espancados, enfurecidos, armaram-se de paus e pedras para reduzirem Dom Quixote a pedacinhos. O herói, porém, com toda a imponência, ficou de lança em riste, a esperá-los impávido — e ainda por cima os insultava de vil canalha.

Vendo o caso mal parado, o estalajadeiro acalmou os homens; mas resolveu desembaraçar-se de Dom Quixote o mais depressa possível. Declarou-lhe não ser necessário esperar pela manhã, pois podia armá-lo cavaleiro naquele mesmo instante. E foi correndo buscar um livro e um toco de vela.

O livro devia ser um livro sagrado. Como não houvesse nenhum, ele trouxe o borrador onde fazia os seus assentos diários. Também trouxe consigo as duas mulheres e um ajudante.

— Tudo arrumado, senhor cavaleiro!

Dom Quixote ajoelhou-se diante do padrinho, o qual rosnou,

com o livro aberto, umas tantas palavras ininteligíveis; depois deu um leve golpe no pescoço do fidalgo. As duas mulheres cingiram-lhe a espada e calçaram-lhe as esporas. Pronto! Estava o grande herói da Mancha transformado num legítimo cavaleiro andante, segundo todas as regras da ordem.

O júbilo de Dom Quixote foi intenso e imediatamente a comichão das aventuras fez-se sentir em seu corpo e em sua alma. Correu a selar Rocinante. Montou. Despediu-se do padrinho e lá partiu no galope.

Que alívio! Embora não recebesse um vintém pela hospedagem do afilhado, o estalajadeiro deu-se por bem pago com vê-lo afastar-se dali naquela rapidez. Ufl. . .

IV



Terrível combate

— Ao sair da estalagem, convencido de que estava mesmo armado cavaleiro, Dom Quixote tocou para a sua aldeia a fim de recheiar o bolso, conforme o conselho do padrinho. Ia em meio da viagem quando lhe chegaram aos ouvidos os berros de dor duma criatura humana. Os sons partiam dum bosque próximo.

— Graças aos céus — murmurou ele — posso já no primeiro dia exercer o mais santo dever da minha nobre profissão de cavaleiro!

Disse e cravou as esporas nos ossos de Rocinante. Num ápice estava no ponto donde vinham os gritos. Que vê lá? Um menino, assim um pouco maior que Pedrinho, amarrado a um tronco de árvore a receber uma tremenda sova de correia. A cada golpe o menino urrava e jurava:

— Nunca mais, senhor meu amo, nunca mais o lobo me enganará! Juro por todos os santos!

Mas o patrão não queria saber de nada, e *lepte! lepte!*

— Cruelíssimo cavaleiro — gritou Dom Quixote —, a ação que praticas é dum perfeito covarde. Monta no teu matungo e defende-te!

O verdugo entreparou, olhando com olhos pasmados para aquela estranha figura de herói que assim tão de surpresa o interrompia — e teve medo da lança que Dom Quixote apontava para ele. Desculpou-se.

— Senhor cavaleiro — disse, com humildade —, este rapaz é meu empregado, guardador de ovelhas; mas guarda-as tão mal que raro dia não me some alguma.

— Mentira! — gritou o menino. — Ele está a bater-me porque lhe pedi a paga de seis meses de ordenado que me deve, a sete moedas cada mês.

— Não te devo tanto assim, meu caro — contestou o patrão. — Esqueces de levar em conta que te forneci três pares de sapatos e ainda paguei as três sangrias que te fez o barbeiro quando estiveste doente.

— Basta de discussões — disse Dom Quixote. — Desamarra o menino e paga-lhe os seis meses atrasados — e já! Os sapatos e as sangrias fiquem como indenização das injustas lambadas que lhe deste.

— Senhor — respondeu o patrão desamarrando o menino —, dinheiro não tenho nenhum cá comigo; mas André que vá à minha casa que tudo receberá até o derradeiro vintém.

— Nessa não caio eu! — gritou o menino. — Se ele me apanha lá, esfola-me vivo.

— Não será assim, André — observou Dom Quixote. — Farei este cavaleiro jurar o cumprimento da promessa, e lhe concederei que vá até sua casa contigo. Respondo pelo pagamento. E fica tu sabendo que sou Dom Quixote de Ia Mancha, um cavaleiro andante que corre mundo em defesa dos inocentes.

O patrão jurou e rejurou por todas as ordens de cavalaria existentes e por existirem, com grande satisfação do herói da Mancha, que, esporeando o magríssimo ginete, tocou para diante no galope.

Assim que Dom Quixote desapareceu ao longe na curva da estrada, o malvado patrão voltou-se para o menino, dizendo:

— Muito bem, meu rapaz, vou pagar-te os atrasados aqui mesmo, como prometi àquele cabide de ferragens que lá vai.

— Pois está claro — tornou o bobinho. — Se não me pagar tudo quanto deve, correrei atrás dele para que volte e castigue exemplarmente o caloteiro.

— Ótimo! — exclamou o patrão; — mas para aumentarmos a paga, acho bom aumentarmos a dívida. — Disse e *nhoque!* agarrou o menino, amarrou-o novamente à árvore e — *lepte! lepte!* deu-lhe tal surra que o deixou recoberto de vergões. Por fim desatou-o entre gargalhadas: — Vai agora atrás do tal defensor dos inocentes e pede-lhe que te cure o lombo. Ah! ah! ah! . . .

— E o menino foi? — indagou Narizinho, danada com a brutalidade do homem.

— Ir, como? O coitadinho estava que nem podia consigo e Dom Quixote já havia dobrado a curva da estrada, muito contente consigo mesmo do ato de justiça que praticara.

— Pois eu ia — disse Pedrinho. — Fugia e saía pelo mundo até encontrar de novo Dom Quixote e trazê-lo para rachar o brutamontes de alto a baixo com a lança.

— Com a espada — emendou Emília. — Lança é só para espetar.

— Com a lança ou espada — insistiu Pedrinho. — Com essas duas armas pode-se fazer as duas coisas — rachar ou espetar.

— Não pode — contestou Emília. — Espada corta; o que corta não racha.

— Pode, sim, boba. Machado corta e racha.

— Mas lança não racha.

— Racha!

— Não racha!

— Racha!

Dona Benta interveio.

— Parem com isso e vamos à história. O menino André não foi à procura do herói da Mancha para que viesse espetar ou rachar o cruel

patrão. Ficou por ali, estirado, a gemer, enquanto o carrasco, de mãos na cintura, se ria, gozando a peça.

— E Dom Quixote? — perguntou a menina.

— Dom Quixote estava longe e já com outra aventura engatilhada. Tinha visto um grupo de mercadores de Toledo que iam a comprar sedas em Múrcia, homens graúdos, bem montados em nédias mulas, com grandes guarda-sóis abertos.

— Nédias mulas quer dizer mulas ruças ou manas? — indagou Pedrinho.

— Não. Nédia quer dizer gorda, desse gordo que deixa os animais lustrosos.

— Pode-se dizer que fulana é uma moça nédia?

— Pode-se, mas é impróprio. Essa palavra se aplica quase que só aos animais.

— Mas a moça também é animal — objetou Emília. — Vegetal não é, apesar de haver moças chamadas Margarida, Violeta, Rosa, etc.

— Boba — disse Narizinho. — Quando vovó fala de animal quer dizer animal irracional, isto é, animal de rabo. Continue, vovó. Dom Quixote viu os mercadores de seda e . . .

— Bem — continuou Dona Benta. — Dom Quixote viu os mercadores repimpados em suas nédias mulas, de guarda-sóis abertos e seguidos de quatro capatazes a cavalo e mais três a pé. Lá consigo pensou: "Vamos ter aventura grossa!", e espetou-se no meio da estrada, à espera dos homens. Quando eles chegaram a ponto de fala, bradou-lhes com arrogância:

— Não adianteis de um só passo antes de confessardes que a mais formosa dama do mundo é a sem-par Dulcinéia del Toboso.

Surpreendidos com aquelas estranhas palavras, os mercadores entrepararam, de olhos fixos na estranha figura daquela ferragem falante. E um de língua mais solta exclamou:

— Que raio do diabo quer esse doido com a sua vesga Dulcinéia? Ora já se viu que estupor?

O sangue subiu ao rosto de Dom Quixote.

— Oh, infame canalha! — urrou ele. — Vou ensinar-te a respeitar a altíssima rainha da Mancha.

Disse e investiu de lança contra o mercador de língua solta. Infelizmente o pobre Rocinante tropeçou numa pedra e afocinou, dando com o cavaleiro em terra, onde, embaraçado pelo trambolho da armadura que tinha no corpo, mais o escudo, a lança e a espada, ficou estatelado, sem conseguir erguer-se. Mesmo assim não cessou de lançar insultos contra os seus inimigos.

— Não fujais, covardes! Unicamente a queda do meu ginete me impede de castigar-vos pela blasfêmia proferida.

Mas ninguém estava fugindo; ao contrário, estavam avançando. Um dos homens a pé arrancou-lhe a lança, e depois de parti-la ao joelho em dois pedaços, malhou com um deles no cavaleiro, como quem malha feijão. Por fim largou-o, indo juntar-se ao grupo já a caminho.

— Com que pedaço ele malhou? — quis saber a Emília. — Com o mais grosso ou o mais fino?

V



Dom Quixote volta para casa. A queima dos livros

Sem responder à pergunta, Dona Benta continuou: — Quando o pobre cavaleiro andante se viu só, com o grupo já bem longe, soltou um profundo gemido. Quis levantar-se. Impossível. Estava completamente derreado. Deixou-se então ficar onde estava, a recordar vários lances da cavalaria andante, em que o herói servira em condições ainda piores que a sua. Vieram-lhe à lembrança uns versos duma das histórias lidas.

Onde estás, senhora minha, Que não te dói o meu mal? Ou não o sabes, senhora, Ou és falsa e desleal!

Nesse ponto apareceu gente. Apareceu um homem lá da aldeia dele, que andava em compras de trigo. Vendo o cavaleiro caído, correu a socorrê-lo. Tirou-lhe a viseira e exclamou:

— Que é isto? O Senhor Dom Quixote por aqui, neste estado? Fale! Que foi que lhe sucedeu?

Mas não obteve resposta. O herói da Mancha perdera a fala.

Vendo a gravidade do seu estado, o homem o tomou nos ombros e o arrumou dobrado em dois sobre o burrinho em que viera. Depois recolheu as armas por ali espalhadas, o escudo, o espadão, os pedaços da lança, pendurando tudo sobre a sela do Rocinante — e lá se foi para a aldeia com aquele carregamento de cacos.

La caindo a noite quando parou à porta da casa de Dom Quixote, onde tudo andava de pernas para o ar desde o dia do seu desaparecimento. O cura da aldeia e o barbeiro lá se achavam, conversando com a ama e a sobrinha.

— Veja, senhor cura — dizia a ama —, veja que desgraça! Há já seis dias que o nosso homem desapareceu com o cavalo, a lança, o escudo e aquela ferragem da armadura do bisavô! Tudo por causa dos tais malditos livros de cavalaria, que lhe viraram a cabeça. . .

— É verdade, sim — confirmou a sobrinha. — O senhor cura pode crer que o meu honrado tio passava às vezes até quarenta e oito horas seguidas agarrado a esses bolorentos livros, sem querer saber de mais nada. Só os largava para erguer-se, pegar da espada e atirar golpes contra as paredes, gritando que estavam ali torres e gigantes. E quando, já exausto, não podia mais sustentar a espada, bebia um copão d'água, dizendo ser o preciosíssimo elixir com que o brindara o encantador Esquife, seu amigo.

— Fizemos mal em deixá-lo entregar-se de corpo e alma a tais livros — observou o cura. — O melhor é queimá-los todos sem demora. Chega o dano que já causaram.

Foi nesse ponto da conversa que soaram batidas à porta. Um criado correu a abrir, e com o maior dos espantos todos deram com a estranha carga que o homem trazia em seu burrico.

A sobrinha, a ama e o cura correram de braços abertos para o reaparecido, mas Dom Quixote não estava em estado de receber abraços de ninguém; só queria cama.

— Deitai-me já — murmurou com voz fraca —, pois estou bastante moído, por culpa de Rocinante — e chamaí quanto antes uma fada que me cure.

— Hum! — fez a ama, virando-se para o cura. — Que lhe disse eu? — E para o fidalgo em pandarecos: — Venha, venha, senhor. Nós o poremos são como um pêro, sem auxílio de fada nenhuma.

Com muitas cautelas, os homens ali presentes puseram Dom Quixote sobre a sua macia cama. Tiraram-lhe as ferragens; examinaram-lhe o corpo em procura de ferimentos; não acharam nenhum — apenas machucaduras.

— Eu estou é contuso — disse ele. — Numa luta contra terríveis gigantes meu cavalo veio ao chão e não pude defender-me. Moeram-me.

— Tá, tá, tá! — exclamou o cura. — Lá vêm os gigantes! Não há remédio: temos de queimar os tais livros quanto antes.

Foram feitas mais algumas perguntas ao herói escalavrado, mas Dom Quixote não queria saber de histórias. Só queria comer e dormir, de modo que tiveram de o deixar em paz.

No dia seguinte, muito cedo, enquanto o fidalgo ainda estava no melhor do sono, o cura voltou com o barbeiro. Depois de alguns cochichos com a sobrinha e a ama, foram-se todos à biblioteca, na ponta dos pés. Arrecadar os livros de cavalaria não custou muito, porque tudo lá era cavalaria — mais de cem, afora os miúdos. Foram levados para o quintal. Momentos depois uma enorme fogueira os devorava.

— Louvado seja Deus! — exclamou a ama diante do montão de cinzas. — Pelo menos estes não mais mexerão com a bola do senhor meu amo.

Mal acabara de dizer isso, ressoam lá dentro berros de Dom Quixote.

— Acudi, acudi, valorosos cavaleiros! — bradava ele. — Nesse andar, os cortesãos vencem a partida!

Todos correm para o quarto do herói, e com espanto o vêem de pé, em fraldas de camisa, fazendo com a espada mil movimentos como se estivesse a bater-se contra gigantes invisíveis. O criado agarra-o pela cintura e, a custo, ajudado pelo barbeiro, domina-o, despindo-o das ferragens e deitando-o novamente. Depois que sossegou um bocado,

Dom Quixote disse ao cura:

— Ora, pois, Senhor Arcebispo Turpim, não é a maior das vergonhas que por artes do vil encantador dos Doze Pares de França a vitória deste torneio penda para os cortesãos do Imperador Carlos Magno?

Vendo que o doente ainda estava fora do juízo, o cura respondeu de modo a acalmá-lo, como se realmente ele, o cura, fosse o Arcebispo Turpim:

— Oh, não se aflija com isso, Senhor Dom Quixote. O que se perde hoje ganha-se amanhã.

— Assim o espero, senhor arcebispo — respondeu o fidalgo, suspirando — e pediu o almoço.

A fim de cortar o mal pela raiz, o cura e o barbeiro mandaram fechar com tijolos a porta que dava para a biblioteca, de modo que ninguém desconfiasse ter havido porta ali, e foi recomendado à ama que, se ele estranhasse a ausência da porta, lhe dissesse que desaparecera por artes dum encantador.

Três dias após, quando o fidalgo se ergueu da cama, a primeira coisa que fez foi encaminhar-se para a biblioteca em procura dos amados livros. Mas ficou atônito ao dar com uma parede contínua, sem marca nenhuma de porta. Apalpou-a, sondou, examinou. Por fim, chamou a ama.

— E a biblioteca?

— Sumiu, senhor — disse ela. — Enquanto meu amo esteve por fora em aventuras, um maldito mágico apareceu por cá, montado num dragão, e entrou na livraria. O que lá fez não sei. Só sei que a livralhada, e mais a sala da biblioteca, tudo desapareceu, e o mágico se sumiu pelo teto, numa fumaceira, berrando: "Sou Munhaton! Sou Munhaton!"

— Não era Munhaton — explicou Dom Quixote. — Era Freston. Oh, conheço-o muito bem! Trata-se do mais cruel dos meus inimigos. Persegue-me porque está escrito que um dia hei de vencer na luta certo cavaleiro que Freston muito protege.

— Ninguém duvida de semelhante coisa — observou a sobrinha, que ouvia o diálogo. — Mas diga-me, rico tio, para que anda vosmecê a amofinar-se com aventuras, quando pode estar tão sossegadinho em casa? Isso de aventuras é perigoso. Lá diz o povo que quem vai buscar lâ muitas vezes volta tosquiado.

— Cala-te! — retorquiu Dom Quixote. — Cá comigo, antes que me tosem eu os deixo pelados como leitões — e embezerrou.

Durante uns quinze dias o herói da Mancha teve o comportamento duma criatura normal. Mas não estava curado, não. Nos seus passeios pelas vizinhanças conseguiu seduzir um pobre lavrador de cabeça fraca e alma crédula, ao qual prometeu mundos e fundos, caso quisesse acompanhá-lo em novas aventuras.

— Sim, meu caro Sancho (Sancho Pança era o nome do lavrador). Serás meu escudeiro — e o escudeiro dum cavaleiro andante acaba sempre, no mínimo, governador dalguma ilha.

A palavra governador fez Sancho esbugalhar os olhos e cair em cismas. Era tentação forte, à qual não soube resistir, e lá consigo deliberou largar a mulher e os filhos para deitar-se ao mundo como escudeiro do herói da Mancha. Combinado tudo, Dom Quixote lembrou-se do conselho do seu padrinho do castelo, isto é, de munir-se de dinheiro. Vendeu mais alguma terra, empenhou o que pôde e desse modo conseguiu recheiar a sua bolsa.

Em seguida tratou de refazer do melhor modo a velha armadura avariada pela surra do arrieiro, depois do que ajustou com Sancho a hora e o dia da viagem. Sancho teria de prover-se dos necessários alforjes, indo montado em seu burrinho, um excelente e fiel animal.

A princípio a idéia de andar à aventura seguido dum escudeiro montado em burro não agradou lá grande coisa ao fidalgo; mas por fim consentiu, lembrando-se que poderia dar a Sancho o corcel do primeiro cavaleiro encontrado pelo caminho e vencido em luta.

Tudo bem planejado e arranjado, partiram certo dia sem que os da casa vissem; ao romper da manhã estavam já tão longe que ninguém os poderia alcançar. Sancho, com as banhas escarranchadas no

jumento e os bojudos alforjes lado a lado, dava a idéia dum patriarca bonachão. Em certo momento, tomou da cabaça que trazia a tiracolo e disse, antes de sorver um gole:

— Ah, Senhor Dom Quixote, rogo-lhe que nunca se esqueça da ilha que me prometeu. Juro governá-la com a maior sabedoria.

— Descansa, amigo Sancho. Serei mais generoso contigo do que muitos cavaleiros de fama o foram com seus servidores. Costumavam deixá-los envelhecer sem nunca os galardoar com a merecida recompensa. Quando muito lhes davam alguma província e um reles título de conde ou marquês. Eu, porém, em menos de seis dias espero conquistar todo um reino — ou dois, e este segundo será teu.

— Oh, meu querido amo! — exclamou o escudeiro batendo palmas, aos pulos na sela. — Quer dizer então que ainda serei rei e a minha mulher Teresa, rainha e meus filhos, príncipes?

— Está claro — confirmou Dom Quixote.

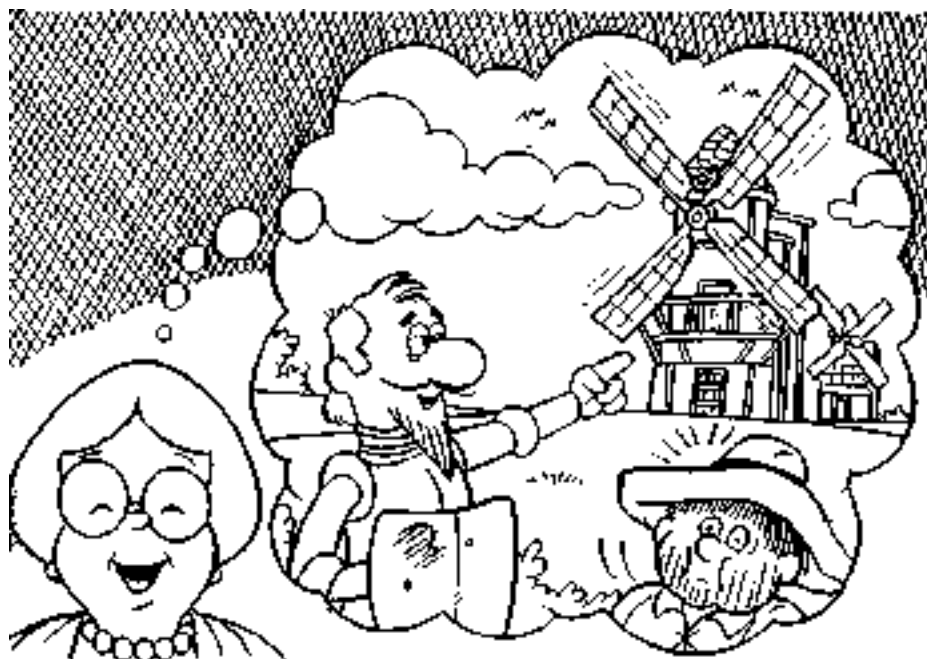
Mas Sancho pôs-se a rir. Estava a pensar na sua mulher.

— Coitada! — exclamou. — Ainda que chovam coroas, creio que nenhuma se ajustará na cabeça da pobre Teresa. Não dá para rainha, não, a coitada. . . Condessa ainda vá lá; mas rainha. . .

— Não te preocupes com isso, Sancho. Tudo se há de resolver do melhor modo. Neste momento o que posso assegurar-te é que receberás um reino.

— Os anjos digam amém — murmurou Sancho com os olhos no céu. — Eu cá de mim fico sossegado, porque sei que palavra de cavaleiro não volta atrás. Inda mais a palavra do maior cavaleiro da Mancha, o meu valorosíssimo amo. . .

VI



Primeiras aventuras em companhia de Sancho

Dona Benta parou nesse ponto porque já era tarde — nove horas, hora de cama. Os meninos foram dormir e sonharam com as aventuras narradas. O melhor sonho foi o da Emília, que ela contou no dia seguinte.

— Ah, vocês nem calculam a sova que eu dei no tal malvado patrão de André! Ele apareceu por aqui, com aquela cara lavada de sem-vergonha.

— Senhorita, poderá fazer o obséquio de dizer-me se é aqui o sítio de Dona Benta? — perguntou muito amável.

Eu, que sabia a malvadeza dele, fiz-me de tola.

— É, sim, seu cara-de-coruja. Que deseja V. Sa.?

— Vim ver se não está escondido por aqui um tal Andrezinho, um menino que eu quero muito, muito, muito bem!

De medo dum doido vestido de armadura que anda a correr as estradas, ele fugiu-me lá do meu sítio e. . .

— Ah, sei — disse eu. — Um tal Dom Quixote, não é? Um cavaleiro malvado que corre mundo a surrar crianças, não é?

O homem desconfiou um bocadinho. Eu continuei:

— Está aqui, sim. Está escondidinho no quintal, de medo do tal cavaleiro de ferro que bate nas crianças. Vamos até lá.

E levei-o ao quintal, onde Quindim estava pastando sossegadamente. O homem nunca tinha visto rinoceronte. Assustou-se.

— Que é aquilo? Aquele monstro?

— Não tenha medo — respondi. — É um rinoceronte de mentira que Pedrinho fez. De papelão. Não chifra.

— Mas como está pastando? — perguntou ele.

— Está pastando de mentira, bobo. Tudo é de mentira. Pedrinho é um danado para fazer coisas assim.

O homem acreditou e foi se aproximando do Quindim. E eu:

— O Andrezinho está escondido atrás desse bicho de papelão.

Ele foi chegando, chegando. . . De repente, gritei:

— Pega, Quindim! — E Quindim deu um daqueles botes famosos — com o chifrão apontado, feito lança de Dom Quixote.

Nossa Senhora! Queria que vocês ouvissem o berro que o homem deu! Saiu numa disparada que mais parecia veado. Na porteira do pasto tropicou numa pedra e fez o mesmo que Rocinante: afocinou. Rachou o nariz. E Quindim em cima, *fuqt fuqt*, espetando-o com o chifre. E eu cá a berrar. . .

— Espere, Emília — disse Narizinho. — Esse sonho está muito bem arranjado para ser verdadeiro. O que você está fazendo é nos tapear com uma das suas lorotas.

Nesse momento entrou Dona Benta, que vinha continuar a história. Sentou-se e disse:

— Muito bem. Onde ficamos ontem?

— Dom Quixote estava outra vez na estrada, em companhia de Sancho, conversando sobre a ilha — lembrou Pedrinho.

— Isso mesmo — disse Dona Benta. — Estavam a conversar sobre a futura ilha de Sancho, quando o herói viu ao longe uns vinte ou trinta moinhos de vento.

— Sancho, meu caro Sancho! — bradou Dom Quixote. — A

fortuna começa a favorecer-nos. Não vês lá ao longe aquele exército de gigantes?

— Gigantes? — repetiu o escudeiro voltando-se para todos os lados. — Não vejo nem sombra de gigantes, senhor. . .

— Aquilo, acolá — disse Dom Quixote, com o magro dedo apontado.

— Oh, senhor! Aquilo nunca foi exército de gigantes. Não passa duns tantos moinhos de vento. Nada mais.

— São gigantes, sim — insistiu o herói; — vou combatê-los. Depois de derrotados, ficaremos com os despojos. Ajoelha-te, Sancho, e reza enquanto dou cabo dos monstros — e, sem esperar resposta, cravou as rosetas nos ossos de Rocinante, partindo aos berros: — A mim! A mim, covardes ladrões! Eu sozinho, com esta lança, vos reduzirei a trapos.

O vento nesse instante aumentou, de modo que as asas dos moinhos começaram a girar com maior rapidez.

— Virai esses braços quanto quiserdes! — berrava Dom Quixote. — Ainda que tivésseis mais braços que o gigante Briareu, do mesmo modo eu vos reduziria a trapos.

Estava já perto. Enristou a lança e atacou o moinho mais próximo, espetando o ferro numa das asas — e o que sucedeu foi algo espantoso. A asa em movimento colheu cavaleiro e cavalo e os arremessou para longe, em pandarecos.

Ao ver o desastre, Sancho, que ficara a rezar, esporeia o burro. Corre em socorro do amo. Encontra-o por terra, estirado, imóvel.

— Eu bem disse, meu amo, que os vultos eram moinhos e não gigantes. O meu amo não me deu crédito — agora está aí escangalhado, a gemer. . .

— Cala-te, Sancho — respondeu Dom Quixote —, pois as coisas da guerra, mais que quaisquer outras, estão sujeitas às mudanças e aos caprichos da fortuna. Fica tu sabendo, Sancho, que o meu mais cruel inimigo é o terrível encantador Freston. Já me roubou a livraria; agora, para me tirar a honra de vencer estes gigantes, transformou-os

em moinhos. Paciência. Haja o que houver, a minha fiel espada tem que vencer no fim — e Freston será castigado.

— Amém! — tornou o escudeiro, e ajudou o moído amo a repimpar-se sobre o pobre Rocinante, que mal podia agüentar-se de pé. O pior foi a lança do cavaleiro ter-se partido em três pedaços — e um cavaleiro sem lança perde o jeito. Isso provocou no herói da Mancha as seguintes considerações:

— Certa vez um grande paladino espanhol, de nome Diogo Peres, quebrando a espada numa briga, arrancou um tronco de carvalho e com ele destroçou tal quantidade de mouros que recebeu a alcunha de Diogo Machuca, nome com que mais tarde se honraram todos os seus descendentes. Vou fazer o mesmo. Afeiçoarei com as minhas próprias mãos uma nova lança, com a qual assombrarei os mundos.

— Assim o permita Deus! — exclamou Sancho, com os olhos postos na figura alquebrada do cavaleiro, atitude que lhe causava má impressão. — Senhor meu amo, acho bom que se endireite um pouco mais na sela. Quem o vir assim há de jurar que é corcunda. . .

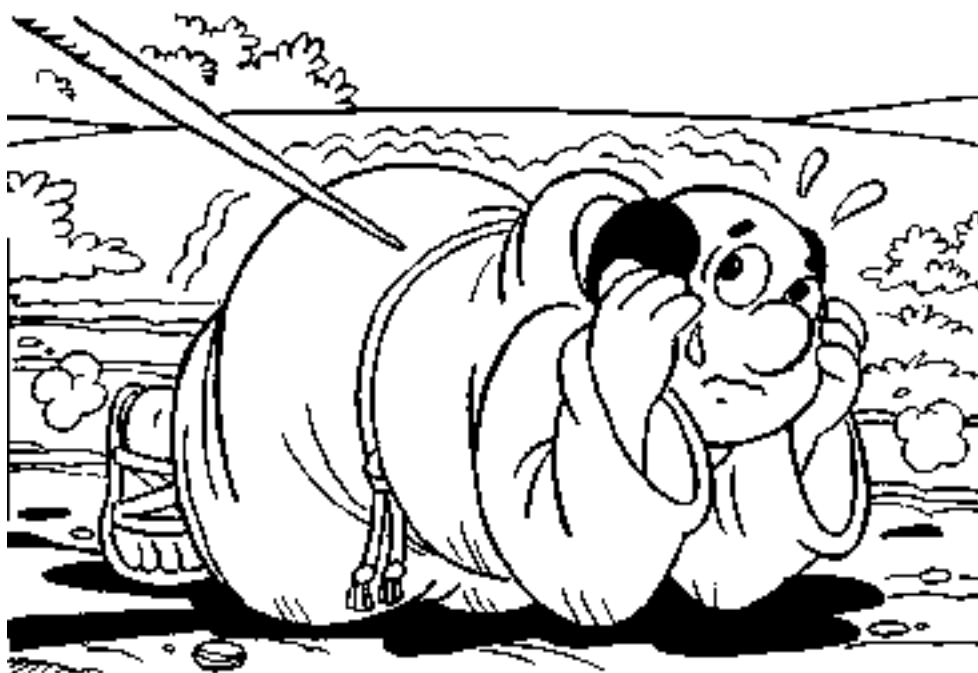
— Confesso-te, Sancho, que esta queda me achatou bastante; e se não me queixo, nem gemo as dores que sinto, é que um cavaleiro não deve jamais queixar-se, nem gemer, ainda que lhe ponham todas as tripas de fora.

— Oh — exclamou Sancho —, está aí uma coisa que eu jamais faria. Não sei resistir. Ao menor arranhão, berro e gemo que nem cachorrinho novo ao qual cortam a cauda. Mas, diga-me, senhor, não acha que sejam horas de cuidar da pança?

— Come tu, meu Sancho. Come tu, já que tens fome. Eu não careço de alimento.

O escudeiro não acreditou muito naquilo; mas em vez de contrariar o amo, cruzou uma perna sobre o cabeça da sela, abriu um dos alforjes, sacou de dentro parte do que havia e foi enchendo o bucho. Também não se esqueceu da cabaça de vinho, que ficou muito mais leve.

VII



Novas aventuras pela estrada. Os frades

— Por isso é que ele era tão gordinho — observou a menina. — Esse Sancho, aqui nos desenhos, parece um chouriço. O que quer é comer, comer, comer. Só não entendo uma coisa. Dom Quixote tinha a bola virada; era pois natural que visse fantasmas e gigantes de todos os lados. Mas Sancho? Como é que não tendo a bola virada seguia o cavaleiro por toda parte?

— Sancho — respondeu Dona Benta — era uma criatura de bom senso, sem nada de louco, mas um tanto simplório e espertalhão. Seguia Dom Quixote por interesse. Primeiro, a ilha; depois, coisinhas que pudesse ir pegando pelo caminho. As aventuras tinham de lhe render alguma coisa, disso estava ele certo.

— Sova, rendia! — observou a boneca. — Estou vendo que esse Dom Quixote é o que Tia Nastácia chama armazém de pancadas. As suas aventuras ainda estão no começo e quantas tundas já não recebeu?

— Lá isso é verdade — concordou Dona Benta. — Se vocês lerem a história inteira de Dom Quixote, irão repassar um rosário de sovas que não acaba mais — não só que ele dava nos outros, como as que apanhava. E se Sancho ia pilhando coisas aqui e ali, também levava suas doses de pau muito bem malhado.

— Mas não havia de doer — disse Emília. — Ele era acolchoadinho de banhas. Eu não tenho dó de gente gorda que apanha. De gente magra, sim. Os gordos hão de ser como bonecos de borracha. Não há meio de quebrar lá dentro osso nenhum. As banhas acolchoam os ossos.

— Bem, bem — murmurou Dona Benta. — Continuemos. Os dois aventureiros iam de rumo a um lugar chamado Porto Lápice, zona onde esperavam muitas aventuras — e a esperarem aventuras se passou o dia. Ao cair da noite detiveram-se num bosque onde o fidalgo da Mancha procurou, achou e cortou uma grossa vara que lhe servisse de lança. Ajeitou-a convenientemente e com ela encabou o ferro pontudo. Nisso anoiteceu. Sancho acomodou-se, e logo dormiu, como se estivesse em colchão de plumas. Já o fidalgo não pôde pregar o olho. A noite inteira passou-a com o pensamento na amada Dulcinéia.

Lá pela madrugada, bradou:

— Acorda, Sancho, que são horas de partir.

— Sim, meu senhor, sim, meu senhor — respondeu o escudeiro estremunhando, esfregando os olhos e escancarando a boca em bocejos.

Mas o melhor meio de espantar duma vez o sono era a cabaça — e, indo-se à dita, o escudeiro bebeu tantos goles que a deixou levezinha. Depois tratou de encher o estômago. Comeu, comeu, comeu. Dom Quixote, porém, não quis almoçar. Positivamente vivia de brisas. Logo se puseram a caminho e não tardou muito que vissem sinais de Porto Lápice perto.

— É por aqui, meu amigo — observou o herói da Mancha — que poderemos atolar-nos até as orelhas nisso que chamam aventuras. Cumpre-me, portanto, avisar-te de uma coisa: nunca debes tomar a espada para defender-me por maior perigo que eu corra, salvo se os

atacantes forem gente baixa ou canalha vil. Contra cavaleiro, só cavaleiro.

— Fique descansado, senhor meu amo — respondeu Sancho. — Juro que lhe obedecerei fielmente. Bem sabe que sou de natureza pacífica e tenho horror a combates e barulhos. Mas se alguém me assentar a mão, ah, prego-lhe a catana. Isso, prego-lhe!

— E farás muito bem — apoiou o cavaleiro. — Mas, quem vem lá?

Eram dois frades beneditinos, repimpados em mulas bem tratadas. Traziam guarda-sóis abertos e óculos no nariz. Atrás vinha um coche seguido de quatro ou cinco homens a cavalo e dois a pé. Nesse coche viajava uma dama da Biscaia que ia ao encontro do seu marido em Sevilha. Os frades não faziam parte da comitiva da grande dama.

— Up! — exclamou Dom Quixote. — Ou muito me engano, ou temos famosíssima aventura. Estás vendo, Sancho, aqueles vultos negros? Pois são dois perversos encantadores que roubaram alguma princesa e a levam naquele coche. Haja o que houver, tenho de tirar isso a limpo.

— Mau, mau, mau, senhor! — exclama Sancho. — Não vê V. Sa. que são apenas dois frades e que a dama do coche não passa de simples viajante?

Mas Dom Quixote, já a preparar-se para o assalto, a nada atendia. Nem ouviu os últimos gritos do escudeiro: — Meu senhor, meu senhor, não são feiticeiros, apenas gente do comum! — Sua espora fincou-se na ilharga de Rocinante e lá se foi ele na disparada.

— Alto aí, satélites de Barzabu! — berrou ao chegar o grupo. — Soltai já essa maravilhosa princesa que tendes encerrada no coche ou vos farei em picado.

— Senhor cavaleiro — respondeu humildemente um dos frades — não somos satélites de coisa nenhuma, sim religiosos da ordem de São Bento, que seguimos o nosso destino. Nada sabemos de princesas cerradas em coches.

— Basta de mentiras, ó infame canalha! Conheço-os perfeitamente. A mim! — e arremeteu, furioso, de lança no sovaco.

Ao ver aquele ferro de lança apontado em sua direção, o frade lançou-se da mula abaixo, enquanto o companheiro fugia a galope para longe dali. Mal viu o primeiro frade por terra, Sancho correu a despojá-lo. Nisto chegam os homens do co-che e o acusaram de estar no saque daquele monge, ao qual até a batina queria arrancar.

— Ah, ah, ah! — riu-se o escudeiro. — Acusação mais asnática nunca vi. Pois não sabem que quando um cavaleiro andante vence o inimigo, os despojos pertencem ao escudeiro do vencedor? O Senhor Dom Quixote, meu amo, venceu esta batalha; logo, os despojos são meus.

— Sim? — exclamaram ironicamente os homens. — Pois então leve mais isto — e descarregaram-lhe no lombo tal dose de coices, trancos e pauladas, que o deixaram no chão, a gemer lastimosamente. O frade caído aproveitou-se do incidente para erguer-se, montar e voar ao encontro do companheiro.

Enquanto isso Dom Quixote, rente à portinhola do coche, murmurava gamenhamente para a dama:

— Já Vossa Alteza não está mais cativa, minha senhora. Meu poderoso braço acaba de punir o atrevimento dos rouba-dores, e como é justo que Vossa Alteza queira conhecer o nome do seu libertador, aqui o proclamo: sou Dom Quixote de Ia Mancha, o cavaleiro andante.

Um dos biscainhos, que seguiam o coche e estivera a ouvir, achou demais a loucura e avançando para o herói segurou-lhe a lança, berrando:

— Vai-te já daqui, cavaleiro, que senão, pelo Deus que me criou, racho-te ao meio, não fosse eu biscainho.

— Miserável! — exclamou Dom Quixote. — Se foras de fato cavaleiro, já terias experimentado a violência do meu braço.

— Sou cavaleiro, sim! — replicou o homem. — Sou fidalgo biscainho! Põe-te em guarda, diabo! Hei de cortar-te a orelha. Vamos! Larga a lança e puxa a espada!

Dom Quixote nada responde. Larga a lança. Ajeita o escudo e com a espada investe contra o biscainho, como gavião sobre pomba. Mas o homem teve tempo de tomar uma das almofadas do coche para lhe servir de escudo, e também de sacar a catana — e ataca. Desfere contra o herói da Mancha tal golpe que por um triz não o abre meio a meio. Por felicidade a lâmina pegou-lhe a cabeça de lado, resvalando pelo ombro e fazendo vir por terra parte do elmo, as peças guarnecedoras do peito com um pedaço de orelha.

Dom Quixote soltou um berro de atroar e exclamou:

— Senhora minha, ajuda-me neste rude passo! — e erguendo com ambas as mãos a pesadíssima espada, assentou um tremendíssimo golpe na cabeça do adversário.

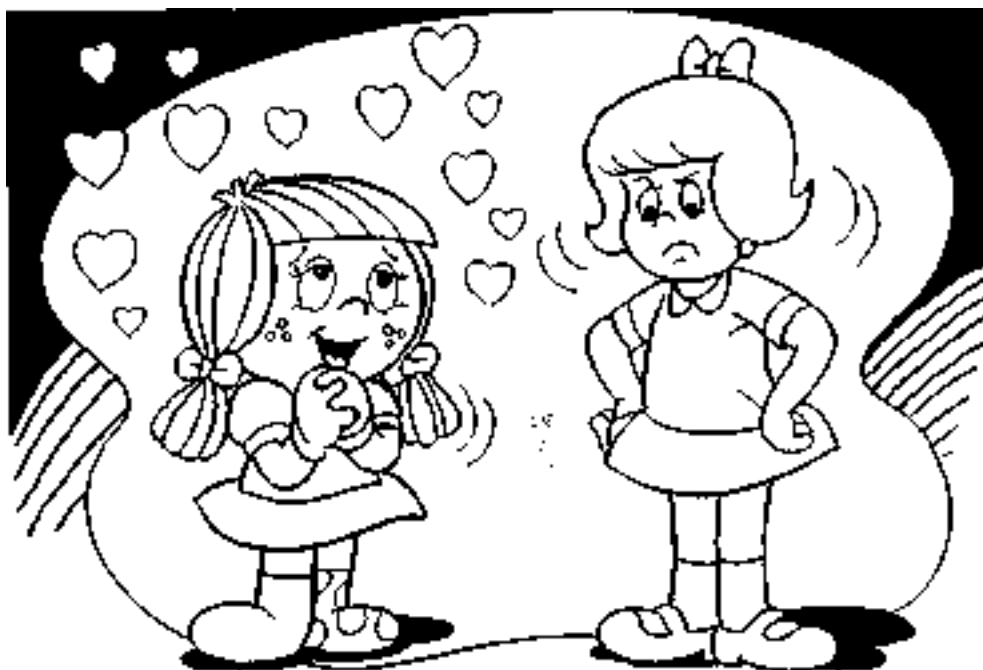
O sangue jorra da boca, do nariz e das orelhas do biscainho, cujos braços descaem. Perde ele os estribos. Sua mula espanta-se, pula, escouceia e com uns corcovos deita-o em terra. Dom Quixote, já a pé, encosta-lhe a ponta da espada no gasnete, berrando: — Rende-te, miserável!

O pobre homem estava sem fala; nada pôde responder; e o herói da Mancha certamente o espetaria se a dama do coche não acudisse, intercedendo pelo vencido.

— Concedo-lhe a vida — respondeu Dom Quixote imponente de orgulho — já que Vossa Alteza mo pede; mas sob a condição de que vá a Toboso apresentar-se à sem-par Dulcinéia para que a formosa das formosas determine o que lhe parecer conveniente.

A aflitíssima dama, ansiosa por ver-se livre de tamanho louco, prometeu que faria o biscainho cumprir a ordem dada. E tratou de raspar-se dali. Uf! Que susto! . .

VIII



Conversas de Dom Quixote e Sancho

— Ai, ai! — suspirou Emília. — Quem me dera ter um cavaleiro andante que corresse mundo berrando que a mais linda de todas as bonecas era a Senhora Emília dei Rabicó. . .

— Que adiantava isso, boba? — disse Narizinho.

— Adiantava que eu ficaria bem ganjenta cá comigo. E também poderia receber muitos presentes. Com certeza esse biscainho, quando foi pôr-se às ordens da tal Dulcinéia, lhe levou algum presente.

— Levou nada — gritou Pedrinho. — De medo, quando Dom Quixote os derrotava, esses patifes prometiam tudo, como aquele patrão do Andrezinho. Mas logo que o cavaleiro se afastava, era só nomes feios que diziam contra ele e mais a Dulcinéia. Se você fosse uma Dulcinéia, Emília, tinha de andar com a orelha em fogo o dia inteiro.

— Mesmo assim eu queria. Podia de repente aparecer um Cervantes que contasse a história num livrão como este, e me deixasse célebre no mundo inteiro como ficou a Dulcinéia.

Narizinho fez um muxoxo.

— Exigente! Você já anda bem famosinha no Brasil inteiro, Emília, de tanto o Lobato contar as suas asneiras. Ele é um enjoado muito grande. Parece que gosta mais de você do que de nós — conta tudo de jeito que as crianças acabam gostando mais de você do que de nós. É só Emília pra cá, Emília pra lá, porque a Emília disse, porque a Emília aconteceu. Fedorenta. . .

— Isso mesmo! — apoiou Pedrinho. — Um dia eu agarro essa diaba e jogo o *Dom Quixote* em cima dela. Merece ficar mais chata que o Visconde.

— Por falar em Visconde, Pedrinho, como vai indo ele?

— perguntou a menina. — Já sarou do achatamento?

— Está quase bom. Botei-o no torno, apertado em sentido contrário à achatadura. Está endireitando, mas acho que vai ficar meio quadrado, perdendo aquele redondinho de sabugo. Pena é que esteja mudo. Não sabe mais nada, não fala nada.

— É que com a espremedura a ciência dele saiu toda — explicou Emília. — Não viu aquele caldo que eu guardei no vidrinho?

— Essa está de bom tamanho! — exclamou Pedrinho.

— Ciência líquida! Só mesmo você poderia descobrir isso. Ciência não é coisa sólida, nem líquida. Poderá ser gasosa — um fluido, um gasinho, como alma de pessoa.

— Pois a dele era líquida — tornou Emília. — Já fiz a experiência e vi que o que está no vidrinho é ciência pura. Pinguei um pinguinho numa formiga, que imediatamente ficou científica.

Dona Benta, que estivera a ouvir a prosa, interveio:

— Chega. Vocês estão hoje mais asneirentos do que nunca. Parece que a doença da Emília pegou em todos.

— Mas a senhora acha, vovó, que pode haver ciência líquida? — insistiu o menino.

Dona Benta ergueu os olhos para o céu.

— Pois, sim — gritou Emília. — Nos livros a gente lê constantemente coisas assim: "Uma questão líquida", "ponto líquido",

"assunto líquido". Ora, se uma questão, um ponto ou um assunto podem ser líquidos, por que a ciência não poderá ser também?

Narizinho tapou com a mão a boca da Emília para que Dona Benta pudesse continuar.

¹ Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

IX



A pousada com os cabreiros

Dona Benta continuou:

— Ao ver-se livre dos homens que o moeram, Sancho ficou a seguir de longe o combate do senhor seu amo com o biscainho. A vitória final o entusiasmou tanto que correu para Dom Quixote, para ajoelhar-se e beijar-lhe a mão, dizendo:

— Que vitória estupenda, meu senhor! Creio chegado o momento de V. Sa. dar-me a ilha — e fique certo de que a governarei muito bem.

— Amigo Sancho — respondeu o fidalgo —, isto não são ainda aventuras de ilhas — não passam de simples recontros nos quais um cavaleiro o mais que ganha é ficar sem orelha e todo esfolado. Tem paciência. Quando chegar a boa ocasião, dar-te-ei o reino prometido.

Sancho, radiante de felicidade com a confirmação da promessa, ajudou-o a cavalgar o magríssimo Rocinante, e com alguma dificuldade também se pôs em cima do seu burro. E pela estrada deserta lá seguiram os dois até as proximidades de um bosque, cuja verdura deu

uma idéia ao escudeiro.

— Ah, meu senhor — disse. — V. Sa. deixou o biscainho à beira do inferno e portanto acho prudente pôr-nos em segurança antes que surjam os soldados d'el-rei. Assim que a comitiva chegar a Lápice, teremos a justiça em nossa perseguição.

— Cala-te, Sancho —olveu Dom Quixote. — Não digas asnidades. Quem te meteu na cachola que os cavaleiros andantes estão sujeitos à justiça dos reis? Sossega e adverte que, se os soldados de el rei viessem prender-me, eu é que os prenderia. Mas, aqui entre nós: já leste, por acaso, alguma história de cavaleiro mais valente do que teu amo?

— Devo confessar, senhor, que não sei ler nem escrever, e portanto não li nunca história nenhuma. Nem quero pensar nisso. Temos de cuidar da sua orelha, isso sim, que está sangrando muito. Nos meus alforjes há fios e um bom unguento.

— Ah, Sancho, Sancho! — exclamou o herói, erguendo os olhos para o céu. — Eu bem que dispensaria teus fios e unguentos, se tivesse comigo um boião do famoso bálsamo de Ferrabrás.

— Bálsamo de Ferrabrás? — repetiu o escudeiro, franzindo a testa. — Diga lá, senhor, que maravilha é essa. . .

— Oh, é um bálsamo, mas que bálsamo! Vale um reino inteiro. Olha, Sancho, com o bálsamo de Ferrabrás qualquer pessoa se ri das feridas, por mais graves que sejam — e até da morte. Toma bem sentido no que vou dizer-te. Quando tivermos esse bálsamo, e nalguma briga for eu cortado em duas metades (coisa freqüente nas aventuras), corre em meu socorro, junta as duas partes antes que esfriem e pinga-me na boca umas gotas de bálsamo. Verás que ficarei são como um pêro.

— Cáspite, Senhor Dom Quixote! — exclamou Sancho, assombrado. — Se é assim, desde já desisto da minha ilha em troca dum boião do tal bálsamo. Poderei vendê-lo às gotas, duas moedas cada uma, e com o dinheiro assim junto passarei o resto da vida feliz como peixe n'água. Mas, diga-me, é difícil obter a maravilha?

— Com a despesa de meia moeda poderei fabricar seis canadas

— respondeu o herói.

— Deus do céu! — exclamou Sancho, radiante. — Senhor Dom Quixote, ensine-me, já, já, essa receita.

— Ensinar-te-ei essa e outras ainda mais portentosas, mas trata-me da orelha, que está a doer muito.

Sancho tirou dos alforjes um chumaço de fios e o unguento, aplicando-os cuidadosamente ao resto de orelha que ficara no crânio do amo. Só então o cavaleiro da Mancha viu que seu elmo estava amarrotado e impossível de uso. Essa descoberta o enfureceu medonhamente. Pôs-se a gritar horrores, que fazia e acontecia, que rachava ao meio quantos paladinos topasse, até conquistar um capacete novo, bom como aquele.

Sancho suou para aplacar-lhe a fúria.

— Amigo — disse por fim Dom Quixote —, vê se em teus alforjes ainda resta alguma coisa que se coma. Tenho de pensar um bocadinho no corpo, enquanto não chego a algum castelo onde pernoite e possa fabricar o bálsamo.

— Aqui só restam — respondeu Sancho, examinando os alforjes — um pedaço de queijo e uma cebola, grosseiros manjares que não quadram a um cavaleiro andante da marca do meu amo.

— Sim, sim — observou Dom Quixote. — De fato, os famosos cavaleiros andantes só se alimentavam de finos manjares, dados em banquetes; o resto do tempo só se nutriam de pensamentos. Mas é também dos livros que quando os paladinos se perdem pelos desertos e matas onde não há banquetes, lhes é permitido manducarem frutas secas e coisas rústicas, como essas de que falas. Sigamos, pois, o exemplo dos mestres. Venha o queijo e a cebola.

— Bem — disse Sancho. — Doravante rechearei os alforjes de acordo com a ordem da cavalaria andante — finas frutas secas para V. Sa. e para mim salsichas e outras coisas rústicas.

— Eu não disse que os cavaleiros só se alimentam de frutas secas, Sancho. Contentam-se com elas quando não há outra coisa — e assim também de certas ervas que conheço.

— Louvado seja Deus! — exclamou o escudeiro. — Muito me alegre que V. Sa. conheça tais ervas, pois num deserto destes é muito provável que tenhamos de imitar Rocinante.

E, a dizerem mais coisas assim, deram cabo de tudo quanto restava nos alforjes, depois montaram e partiram em busca de um bom albergue. Não houve encontrar castelos, nem albergue nenhum. Só toparam umas choupanas de cabreiros.

Os guardadores de cabras receberam cortesmente o grande herói e o seu pançudo escudeiro — e também ao Rocinante e ao burro. Os dois esfomeados viandantes sentiram logo o aroma duma caldeirada ao fogão e com água a pingar da boca puseram-se a namorá-la com os olhos.

Quando chegou a hora da comida, os gentis cabreiros convidaram-nos a cear. Um balde velho, virado às avessas, foi o assento oferecido a Dom Quixote. Sancho plantou-se atrás dele, de cócoras. O fidalgo interveio:

— Para que saibas, Sancho, o bom que há na cavalaria andante, e como ela rende honras às pessoas que privam com os cavaleiros, quero que te sentes ao meu lado, e comas e bebas comigo. A cavalaria é a mãe da igualdade.

— Muito agradeço tão alta honra —olveu Sancho; — contanto que nada me falte, prefiro comer em pé a comer ao lado direito dum imperador. Muito melhor me sabe uma sardinha com pão manducada num canto, sem etiquetas, do que um peru recheado nessas mesas de luxo onde cada conviva tem que mastigar a compasso, e beber aos golinhos, e limpar a boca em guardanapos de renda, e não pode espirrar nem tossir, nem cuspir quando lhe dá ganas.

— Deixa-te dessas ridículas considerações, Sancho, e senta-te ao meu lado. Deus exalta o cavaleiro que se humilha — e, puxando-o pelo braço, colocou-o junto de si.

Os cabreiros, homens rudes, nada entendiam daquelas arengas palacianas e por isso olhavam calados para tão exóticas figuras, que pareciam realmente esfaimadas. Nacos e mais nacos de cabra cozida

foram desaparecendo a galope pelas respectivas gargantas.

A sobremesa foi um queijo mais rijo que pedra e uns punhados de avelãs, mas tudo muito bem irrigado de vinho. Dos dois odres que lá havia, um murchou completamente.

Dom Quixote de Ia Mancha, depois de saciar, bem saciada, a fome velha, tomou umas avelãs e pôs-se a mirá-las.

— Século ditoso — disse ele —, século áureo! Naquele tempo o *meu* e o *teu* eram vozes ignoradas. Sim, meus amigos, nessa boa quadra, todos os mortais tinham o mesmo direito aos bens do solo. Para se alimentarem, bastavam as frutas e as nozes que as árvores produzem. As fontes cristalinas lhes matavam a sede; as abelhas operosas lhes davam o cheiroso mel. Humildes choupanas lhes serviam de morada. Tudo era paz, concórdia, amizade. Os homens não se enganavam uns aos outros, porque a mentira não nascera ainda. A justiça não sabia o que fosse *favor* ou *interesse*. Só mais tarde é que esses monstros vieram envenenar o coração dos homens. Foi-se a natural eqüidade. Foi-se a virtude, e hoje, acossada de todos os lados, não acha ela coração em que se abrigar. Só o vício reina, meus amigos. Só a maldade. Foi para combater tamanha invasão do mal que se instituiu a ordem da cavalaria andante, única que defende o fraco e ampara os órfãos. Irmãos cabreiros: eu pertenço a essa ordem, e sinceramente vos agradeço a boa acolhida que me destes, a mim e ao meu fiel escudeiro.

Um simples punhado de avelãs inspirara ao herói da Mancha aquela formosa arenga sobre a Idade de Ouro — arenga de que os cabreiros não pescaram um xis, e Sancho ouviu distraidamente, pensando em coisas mais sólidas, enquanto mascava e amiudava os goles da vinhaça.

Terminando o discurso, quis Dom Quixote começar outro, mas Sancho, que estava a cair de sono, interrompeu-o logo às primeiras palavras.

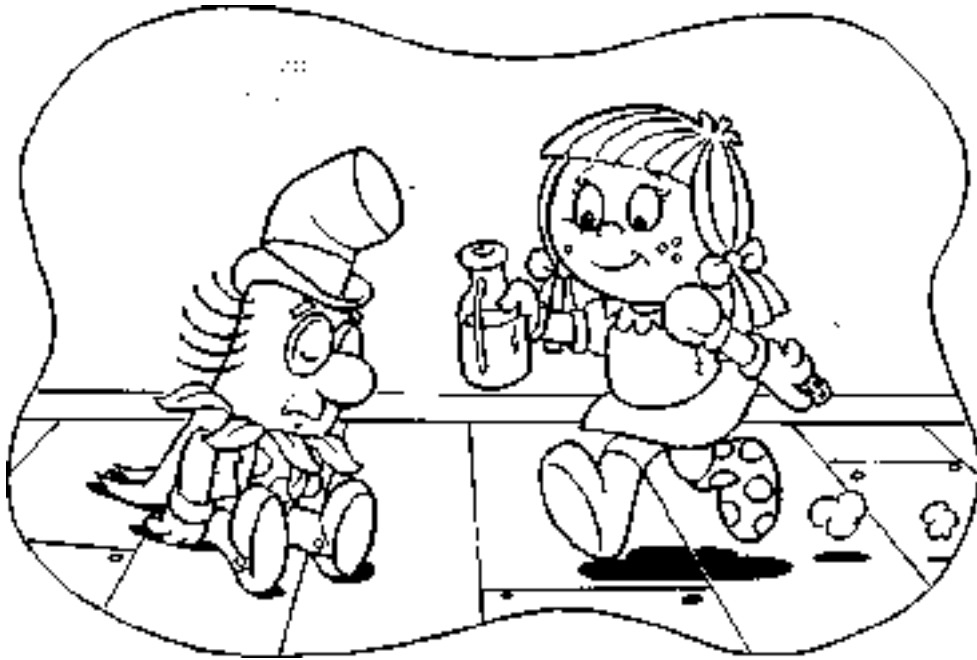
— V. Sa. não vê que estes homens trabalharam o dia inteiro e estão querendo cama?

— Bem te entendo, meu amigo — respondeu o herói. — Os vapores do vinho já te treparam à cabeça.

— Se eu reguei à vontade minha garganta, acho que V. Sa. também não se descuidou da sua — respondeu Sancho com desembaraço.

— Convenho — volveu o fidalgo. — Deita-te e dorme, se queres. Eu ficarei onde estou, porque os da minha igualha não dormem — velam sempre. Mas, antes de deitar-te, vem pôr mais unguento em minha orelha.

Um dos cabreiros quis vê-la e contou a Dom Quixote dum remédio excelente. Foi buscar um punhado de folhas de alecrim, mastigou-as, fez com a massa um emplastro que assentou sobre a ferida. Remédio ótimo. Minutos depois a dor passava. Findo o serão, Dom Quixote retirou-se para outra cabana, e Sancho, aninhado sobre palhas, entre Rocinante e o burro, entrou a assoprar como um fole.



Renascimento do Visconde

Dona Benta interrompeu a história nesse ponto. O relógio acabava de bater nove horas.

— Cama, cama, criançada!

Mas Tia Nastácia entrou com o Visconde na mão.

— Veja, sinhá — disse ela —, que judiação os meninos andam fazendo com o pobre Visconde! Fui encontrar o coitadinho apertado no torno. Veja. Ficou quadrado e todo arreventado por dentro. Pedrinho pensa que sabugo é massa de bolo que toma o jeito que a gente quer.

Dona Benta examinou o triste sabugo científico. Estava em miserável estado, como aquelas criaturas que antigamente eram submetidas ao suplício. E mudo. Morto. Mortíssimo.

— Que pena! — exclamou a velha. — Um viscondinho tão sabido, tão delicado. E tudo por artes da Senhora Emília. . .

Emília protestou.

— Minhas, não, Dona Benta. Artes de Dom Quixote. Foi Dom Quixote quem fez uma aventura para cima dele e o esborrachou com a

lança. Quem manda. . .

— Quem manda o quê, Emília?

— Quem manda o Visconde meter-se a valente? Dom Quixote estava quieto dentro do livro, com sua espada, seu escudo, sua lança no cabido. Veio o Visconde com a escada. Ora, Dom Quixote não é certo da bola. Pensou que a escada fosse alguma asa de moinho de vento e o Visconde algum mágico — o tal mágico Freston. E atirou-se lá de cima da estante em cima dele. O bobo do Visconde, em vez de desviar-se, ou aparar o golpe com um escudo, esperou que o livrão caísse e o achatasse. Por isso está quadradíssimo, expandongadíssimo. Felizmente eu salvei a ciência dele. . .

Dona Benta continuava contemplando os restos do Visconde.

— O remédio, Nastácia — disse por fim dirigindo-se à negra —, é você arranjar outro sabugo e aproveitar a cabeça, os bracinhos e as pernas deste. Vá fazer isso já, porque me está dando aflição ver o nosso Visconde assim tão expandongado.

— Escolha um sabugo de milho vermelho — gritou Emília quando a negra se retirava.

— Por quê?

— Para variar. Já estou enjoada de Visconde de sabugo de milho branco. E como dizem que o milho vermelho tem mais vitaminas que o milho branco, talvez o sabugo de milho vermelho seja mais científico que o de milho branco.

Meia hora depois Tia Nastácia reaparecia com o Visconde consertado. Ficou em ordem apesar do disparate que era aquilo da cabeça velha, dos braços velhos e das perninhas velhas enfiadas num corpo de sabugo no vinho, debulhado naquele momento. Tia Nastácia deixou uma carreira de grãos de milho que descia de alto a baixo — exatamente vinte e cinco.

Mas o Visconde reformado permanecia mudo. Por mais que o sacudissem não falava nada. Emília então fez a experiência de pingar nele o caldinho do Visconde velho. Maravilhoso efeito! A criatura arregalou os olhos, começou a mexer os braços, as pernas, e por fim

murmurou: "A matéria atrai a matéria na razão direta das massas e na razão inversa do quadrado da distância".

— Eu não disse? — exclamou Emília vitoriosa. — Eu não disse que o caldinho era de ciência pura? Bastou pingar neste sabugo bobo o conteúdo do vidrinho para ele ficar tão científico que até a lei da gravitação já sabe de cor, sem um erro.

Todos se assombraram com o prodígio. Tia Nastácia, de beijo derrubado, foi para a cozinha fazendo o pelo-sinal.

— Credo! A gente vê cada coisa neste mundo. . . Depois de longos comentários sobre o maravilhoso acontecimento, Dona Benta retomou o fio da história.

XI



Grande combate com arrieiros. Pancadaria em Dom Quixote e Sancho

— No dia seguinte, bem madrugada, Dom Quixote e Sancho despediram-se dos bons cabreiros e puseram-se a caminho. Depois de atravessada uma extensa floresta, saíram num campo, através do qual corria um riacho de águas límpidas. Tão formoso lhes pareceu o sítio que apearam e soltaram as cavalgaduras para que pastassem livremente.

Amo e escudeiro sentaram-se na relva macia e abriram os alforjes, porque a ceia da véspera já estava digerida. Comeram com bom apetite. Confiado no bom gênio de Rocinante, Sancho deixou-o completamente solto — e disso veio desastre, porque, aparecendo um bando de animais, o cavalo correu a brincar com eles. Esses cavalos, porém, estavam com fome; queriam capim e não pândega; de modo que receberam o feixe de ossos a coices e mordidas, escangalhando-lhe os

arreios. Os donos dos animais, vendo aquilo, correram de pau em cima do intruso. Ora, além de coices, receber pauladas era muito para Rocinante. O pobre cavalo caiu por terra, derreado.

Diante de tamanha ofensa, Dom Quixote empunhou a espada e investiu contra os arrieiros, seguido de Sancho de cacete em punho. Travou-se renhidíssima peleja, onde houve espadeiradas e pauladas a valer. Por fim, vencidos pelo número, Sancho afocinou e Dom Quixote foi estatelar-se junto ao escangalhado Rocinante. Os arrieiros, certos de que tinham dado cabo dos três, montaram precipitadamente em seus cavalos e fugiram.

Quem primeiro voltou a si foi Sancho. Abriu os olhos. Soltou um gemido profundo.

— Senhor Dom Quixote! Ah, Senhor Dom Quixote! . . .

— Que queres de mim, amigo? — respondeu com voz débil o fidalgo.

— Se me pudesse dar umas gotas do tal bálsamo de Ferrabrás. . . Há de ser tão bom para amassamento a pau como para ferimentos de espada.

— Quem me dera ter aqui um bom frasco da maravilha! — exclamou o herói da Mancha. — Mas juro-te que, em chegando a um castelo, a primeira coisa de que cuidarei será abastecer-me duma boa reserva.

— Ah, senhor, como poderemos ir ter a castelos, se nem de pé conseguimos ficar?

— São os ossos do ofício, meu caro. Muitas vezes nas aventuras acontecem coisas assim. Quando um cavaleiro está a ponto de tornar-se rei ou imperador, zás! ocorre um desastre e lá se vão os sonhos.

— Queira Deus, senhor, não nos aconteça um desastre fatal antes que eu apanhe a ilha prometida. . .

— Sossega, amigo Sancho. Hás de ter a tua ilha. Mas deixemos isto agora e vejamos se Rocinante pode erguer-se, porque desta feita também o pobre cavalo levou a sua dose.

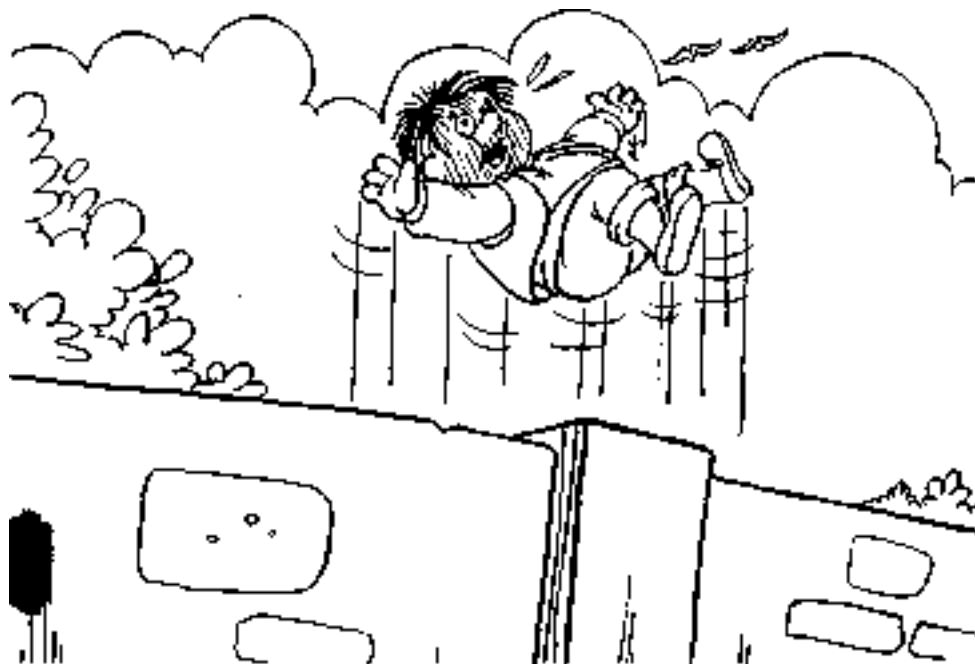
— E por que não havia de levá-la? Não é ele um cavalo andante?

O que me alegra é que meu burrinho não entrou na dança. Lá está o malandro a regalar-se nos capins, sem pensar em coisa nenhuma desta vida.

— Bem vês, Sancho, que a Fortuna sempre deixa uma porta aberta. Escuta. Na falta de Rocinante, não me pejo de ser carregado pelo teu jumento até onde possa curar-me das minhas feridas. Isto é dos livros. O bom Sileno, aio do deus Baco, entrou na cidade de cem portas (Tebas) montando um jumento. Levanta-te, pois; vai buscar o burro e partamos antes que caia a noite.

O pobre escudeiro, arrancando vinte ais, trinta suspiros e vários berros de dor, a muito custo conseguiu pôr-se em pé, e lá se foi, a arrastar a perna, para onde estava o burrinho. Trouxe-o. Ajudou em seguida o escangalhado Rocinante a erguer-se nas quatro patas. Trabalho maior foi enganchar Dom Quixote sobre o jumento. Uf! Só o conseguiu depois de tremendo esforço. Amarrou então a rédea de Rocinante à cauda do burro e tomou a frente, puxando-o pela rédea. E lá se foram.

XII



Aventuras na estalagem

O Visconde, que não tinha ouvido o começo da história de Dom Quixote, ficou apreensivo.

— Quem é esse doido? — perguntou ele.

— Pois não sabe? — gritou Emília. — É o famoso cavaleiro andante da Mancha, aquele que achatou você.

— Que me achatou? — repetiu o Visconde franzindo a testinha.
— Mas eu não estou achatado.

Emília deu uma gargalhada.

— Achatou o outro corpo que você teve, Visconde. Esse vermelho é novo, botado hoje.

Mas o Visconde não entendia nada. Foi necessário que lhe contassem toda a sua vida anterior, ou antes, a vida anterior do outro sabugo. O caldinho da ciência com que Emília o embebera era só de ciência, não era a memória líquida do passado, de modo que o novo Visconde só sabia leis científicas, e experiências, e astros e átomos, e a

distância da Terra à Lua — mas nada se lembrava do seu passado.

— Não se lembra nem daquele pinto que comeu os botões de milho que você trazia no peito? — perguntou Narizinho.

— Não! — respondeu o novo Visconde, com carinha de quem não se lembrava mesmo.

Pedrinho ficou apreensivo. Que história aquela? Tia Nastácia só mudara o corpo do Visconde. A cabeça era a mesma. Seria possível então que o Visconde pensasse com qualquer parte do corpo, em vez de pensar com a cabeça?

— Vovó, a senhora não está estranhando isso? — perguntou o menino. — Não está estranhando que o Visconde não pense com a cabeça?

Dona Benta suspirou.

— Ah, meu filho, tenho visto nesta boa terra tanta gente que não pensa com o cérebro, que não me admiro de a este viscondinho acontecer o mesmo. Tudo é possível neste mundo...

— Continue, vovó — pediu a menina. E Dona Benta continuou:

— Muito bem. Depois daquela tremenda esfrega, Sancho, com muita dificuldade, colocou o amo em cima do burrinho e lá se foi, puxando Rocinante pela rédea.

Léguas e meia caminharam assim, até que surgiu uma estalagem, logo avaliada pelo fidalgo como castelo, apesar da opinião em contrário de Sancho. Inda estavam a disputar sobre esse ponto quando chegaram. O estalajadeiro franziu a testa, ao ver aquele fantasma vestido de ferragens, arcado sobre o burrinho, perguntou a Sancho quem era e o que queria.

— Nada de grave — respondeu Sancho. — Trata-se dum ilustríssimo cavaleiro andante que rolou por um despenhadeiro abaixo e ficou mal das costelas. Com repouso e tratamento fica logo ótimo.

A mulher do estalajadeiro, uma excelente criatura, acudiu logo, acompanhada duma servente asturiana bem mal-ajambrada. Feia até ali, coitadinha. Cabeça chata, carão mais largo que comprido, um olho vesgo, outro vermelho. Meio corcunda e quase anã — e sujíssima, pois

nunca despegava do fogão. Maritornes era o seu nome.

Ajudada pela Maritornes, a estalajadeira arranhou uma cama composta de três tábuas toscas sobre dois bancos cambaios, duma esteira velha e duns lençóis encardidíssimos. Ali foi acomodado o grande herói da Mancha, depois de bem emplastrado de cataplasmas e unguentos caseiros.

— Senhora — disse o escudeiro enquanto a mulher fazia os curativos —, não grude nele todos os emplastos porque também eu estou precisadíssimo de alguns.

— Caiu no buraco também? — indagou a boa criatura.

— Não — disse Sancho; — mas ao ver meu amo rolar pelo despenhadeiro, senti tal choque que fiquei todo quebrado por dentro.

— E qual é o nome do doente? — quis saber Maritornes.

— Dom Quixote de Ia Mancha, o mais valente e nobre de todos os cavaleiros andantes, passados, presentes e futuros — respondeu Sancho.

— E que coisa é essa de cavaleiro andante? — perguntou a rapariga.

— É um traste de ferro que está sempre em véspera de ser imperador ou de ser moído a pancadas.

Dom Quixote, que ouvira a pergunta da esfregona, não apanhou a excelente definição de Sancho; do contrário não teria metido o bedelho na conversa, dizendo:

— Senhoras castelãs, não foi desventurado o acaso que me trouxe ao vosso esplêndido castelo. O meu escudeiro dir-vos-á quem sou, já que a mim não me fica bem gabar-me. Limito-me a agradecer-vos tantos e tão finos obséquios, dos quais me lembrarei eternamente.

Castelãs, castelo! Eram palavras que a estalajadeira e a esfregona pela primeira vez na vida ouviam, e daí não as entenderem. Mas entenderam muito bem as palavras de agradecimento; sorriram satisfeitas e depois de muitas medidas se retiraram.

No celeiro, onde haviam posto o esmoído herói, estava um amontoado de selas e mantas, dum arrieiro que também se hospedara

na estalagem e ia dormir naquele mesmo cômodo. Como o arrieiro estivesse por fora, Sancho houve por bem aproveitar-se daquela tralha, para com ela ajeitar uma cama dez vezes melhor que a de tábua onde gemia o senhor seu amo. Arrumou-a, deitou-se, e incontinenti ferrou no sono.

Dom Quixote, porém, cuja cabeça era um perpétuo vulcão de aventuras e encantamentos, conservou-se de olhos abertos, como uma lebre. Reinava o silêncio na semi-escuridão apenas quebrada pela fumarenta lâmpada de óleo que ardia pendente duma trave. O herói sonhava acordado com a sua sem-par Dulcinéia. Enquanto isso o arrieiro que andava por fora, tendo acabado de tratar dos seus animais, recolheu-se ao celeiro para dormir. Entrou na ponta dos pés para não acordar o doente que sabia estar lá.

Mas a Dom Quixote o vulto do arrieiro representou-se como o próprio encantador Freston, seu inimigo, que ali vinha para atacá-lo — e sentou-se na cama, preparando-se, apesar das dores, para agarrar o cruel inimigo. Quando o arrieiro passa rente à sua cama, dois braços magros o ferram, enquanto uma voz triunfal estruge:

— Agarrei-te, malvado! És meu prisioneiro!

Surpreendido, o arrieiro defende-se. Assenta a murraça nos queixos de Dom Quixote. Trava luta. Sobe à cama e põe-se a pisá-lo aos pés, como os fabricantes de vinho pisam a uva. As tábuas partem-se. Vem tudo por terra. A coisa virou um bolo de cavaleiro andante, arrieiro, pontas de tábuas e bancos partidos, a dançar a sarabanda louca do soco vai, vai pontapé, tome cabeçada, tudo em meio de grande estrondo.

Por fim o arrieiro desembaraça-se das mãos que o haviam agarrado e, furiosíssimo ainda, dirige-se para o canto onde deixara as mantas. Depara em cima delas um corpo gordo, a roncar. O arrieiro não indaga, nem discute. Vai fincando socos e pontapés naquela massa adiposa. Sancho senta-se estremunhado, julgando ser pesadelo — e engalfinham-se os dois.

Atraído pela barulheira, açode o dono da estalagem de lanterna

em punho e tenta separar os combatentes. Leva um coice. A luz apaga-se — e a luta prossegue feroz no escuro.

Em outro cômodo do albergue estava dormindo um quadrilheiro da Santa Irmandade (que era como se chamava a polícia da Espanha naquele tempo). O quadrilheiro acorda. Ergue-se. Atenta no rumor e resolve intervir. Toma da vara (que era o seu signo de autoridade) e da lata onde trazia os seus títulos e vai, às apalpadelas, para o celeiro donde vinham os gritos.

— Aqui del-rei e da Santa Irmandade! — berra ele, com voz de trovão.

Na penumbra do recinto entrevê um vulto deitado por terra, em meio a destroços de cama. Avança para o vulto. Agarra-o pela barba e, percebendo que não se mexe, grita:

— Fechem a porta! Mataram aqui um homem!

Essas palavras assustam os outros. Cessa a luta entre Sancho e o arrieiro. O dono da casa esgueira-se para o seu quarto na ponta dos pés. O arrieiro deita-se e finge dormir. O quadrilheiro pede luz para poder atuar como representante da lei. Ao ouvir isso, o estalajadeiro, que se ia retirando, apaga a lamparina da trave e deixa tudo imerso em profunda escuridão.

O único remédio que o quadrilheiro viu foi reacender o fogo da chaminé — e meia hora lá passou assoprando as brasas.

Enquanto isso Dom Quixote volta do seu desmaio e exala uma série de dolorosíssimos suspiros, ao cabo dos quais exclama com voz débil:

— Amigo Sancho, dormes? Dormes, Sancho amigo?

— Dormir?! — responde Sancho. — Como pregar olho num inferno destes, acometido por cem mil diabos? Houve um que me esmoeu a socos e me tomou a cama tão gostosa.

— Assim é — disse Dom Quixote. — O castelo está encantado. Também a mim me moeu a pancadas o infame Freston.

Nisto reaparece o quadrilheiro, com a lanterna acesa. Sancho assusta-se.

— Ah, senhor! Não será esse que aí vem o bruxo Freston, que volta de lanterna acesa para ver se ainda nos resta algum osso inteiro?

O homem da lei espantou-se de, em vez dum defunto, encontrar dois homens vivos a cochicharem entre si. Chega-se a Dom Quixote e indaga:

— Então, meu bom homem, como vai isso?

— Insolente — exclama o herói da Mancha. — É assim, então, que lá em tua infame terra se fala aos ilustríssimos cavaleiros andantes?

O esbirro enfureceu-se e, jogando com a lanterna à cara do ex-defunto, afastou-se, rosnando mil desaforos.

— Bem te disse eu, amigo Sancho — filosofou o herói da Mancha. — Bem te disse que esse era o meu implacável e feroz inimigo Freston. Estás convencido? Ergue-te, Sancho, e vai pedir ao governador do castelo um pouco de azeite, vinho, sal e alecrim, com que eu prepare o excelente bálsamo de Ferrabrás. Com ele sararemos num abrir e fechar de olhos.

Sancho levanta-se para cumprir a ordem e sai às apalpadelas; tropeça aqui, tropeça acolá, até que esbarra no quadrilheiro que tinha ficado a escutar pelo vão da porta. Toma-o pelo dono da casa.

— Ah, senhor! Por quem é, tenha a bondade de dar-me um pouco de sal, alecrim, azeite e vinho, para que possa curar-se um dos melhores cavaleiros andantes do mundo, ferido gravemente pelo bruxo Freston.

Ouvindo tais palavras, para ele sem sentido, o quadrilheiro vê logo que se tratava de loucos. Não impediu, porém, que Sancho fosse em procura do estalajadeiro e lhe pedisse as drogas necessárias.

Dom Quixote pegou os ingredientes e misturou-os a seu jeito; depois ordenou ao escudeiro que levasse a mistura ao fogo e a fervesse, despejando tudo numa garrafa. Sancho cumpriu as ordens à risca e, pronta a garrafada, o herói da Mancha batizou-a com uns padrenossos, salves e credos ditos com trejeitos mágicos. E impacientíssimo que estava para provar a virtude do maravilhoso bálsamo, bebeu quase

o conteúdo inteiro da garrafa.

A ação não podia ser mais rápida. Vomitou com a fúria de quem está vomitando a alma e as tripas. Sobreveio-lhe logo uma fraqueza e um suor abundantíssimo, que o fez cair na cama e dormir horas e horas a fio. Quando acordou sentiu-se quase bom. Ergueu-se. Experimentou os músculos. Ótimo tudo. Podia novamente meter-se em aventuras.

Boquiaberto ante o maravilhoso milagre, Sancho pediu a Dom Quixote que lhe desse o resto da garrafada. Mas quando despejou no bucho a nojenta droga, quase levou a breca. Vieram-lhe cólicas tremendas, que o fizeram rolar pelo chão aos berros. Sancho rogou mil pragas contra o bálsamo e mais o desalmado que inventara aquela receita.

— Amigo Sancho — disse calmamente Dom Quixote —, não sabes por que o bálsamo maravilhoso produziu em ti efeito contrário ao operado em mim? É que não és cavaleiro andante. O efeito benéfico só se opera nos que foram armados cavaleiros.

— E por que então V. Sa. não mo disse antes? Não estaria eu agora sofrendo o que sofro — bradou Sancho, e continuou a torcer-se nas eólicas, que só uma hora depois serenaram.

Sentindo-se vigoroso e alegriinho, Dom Quixote tratou de safar-se dali em procura de novas aventuras. Foi ele mesmo selar Rocinante e o burro, sobre o qual colocou o descorado e gemebundo Sancho. Montou e, à porta da estalagem, disse para o estalajadeiro e mais vinte pessoas ali presentes:

— Senhor castelão, jamais esquecerei a vossa generosa cortesia. Se tendes algum serviço a reclamar de mim, juro pela ordem da cavalaria andante que o satisfarei incontinenti.

— Eu, senhor cavaleiro — disse o homem —, só quero que V. Sa. pague a conta da sua dormida nesta estalagem.

— Estalagem? — repetiu Dom Quixote admirado. — Pois então isto é uma estalagem?

— Em carne e osso, meu senhor.

— Coisa singular! — exclama Dom Quixote. — Pareceu-me

desde o começo um castelo magnífico. Mas, seja lá o que for, castelo ou espelunca, as regras da cavalaria opõem-se a que eu pague hospedagens. Estalajadeiros e castelões são por igual obrigados a receber gratuitamente os cavaleiros andantes, em vista dos trabalhos sem conta que eles padecem por amor ao gênero humano.

— Eu nada tenho com essas regras da cavalaria — tornou o estalajadeiro. — Tenho com as regras do meu negócio. Há uma conta devida. Quero que V. Sa. a pague.

— Você, grande patife, além de mau estalajadeiro, é um perfeito sandeu — replicou Dom Quixote — e sem mais picou Rocinante, pondo-se ao largo, sem olhar para trás e, pois, sem ver se o escudeiro o seguia.

Escapando-lhe assim o cavaleiro, o dono da estalagem pensou em Sancho. Se o amo não paga, o servidor pagaria — e foi em busca do pobre Sancho. Ora, Sancho era um escudeiro convencido da cavalaria e dos mandamentos da ordem da cavalaria, de modo que o que fez foi repetir todas as palavras do amo. Infelizmente estavam na estalagem uns moços de Sevilha e Córdoba, amigos da pândega, os quais resolveram tirar partido do incidente. Correram para Sancho e o desmontaram do burrinho.

— Vamos manteá-lo — lembrou um.

Boa idéia! Correm em busca dum grosso cobertor, que seguram pelas pontas. Jogam Sancho dentro e lá começam — Upa! Para cima! Upa! Outra vez! Upa! Mais uma! . . .

Era o jogo da peteca! Sancho berra que nem um possesso. Implora. Chora. E a rapaziada — Upa! Upa! Upa! . . .

Dom Quixote, de longe, ouve os gritos. Reconhece a voz e regressa de galope para salvar o escudeiro. Mas dá com a porta do albergue trancada. Procura outra. Não acha. E fica do lado de fora a ver a manteação do pobre escudeiro no pátio. Havia um trecho de muro que lhe tirava a vista da cena, mas por cima do muro via compassadamente aparecer Sancho, qual peteca, logo depois de cada upa. E a coisa foi assim até que os rapazes se cansaram.

Que esfrega! Sancho, completamente moído, foi a custo que

montou novamente no burrinho. Suara tanto que ficara completamente seco por dentro. Pediu logo de beber. Maritornes trouxe-lhe uma cuia d'água. Sancho fez careta. Queria vinho. Veio vinho. No momento de bebê-lo ouve um berro de Dom Quixote lá fora:

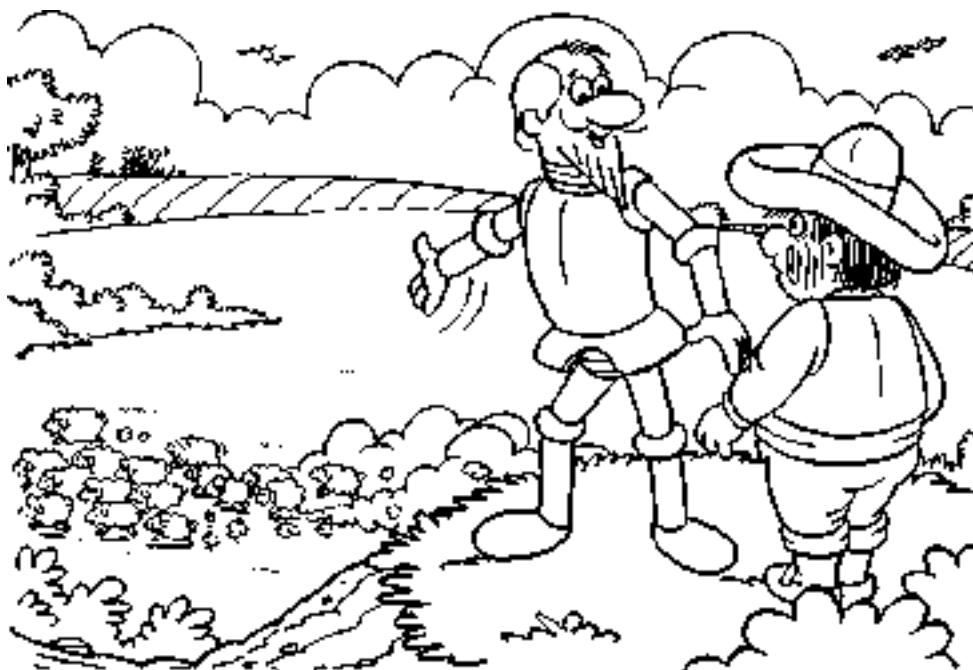
— Sancho! Sancho! Não bebas esse pérfido licor, porque te matará! Tenho aqui comigo o maravilhoso bálsamo de Ferrabrás, que te curará num relance — e por cima do muro mostrou-lhe a garrafa.

Mas Sancho já conhecia a droga.

— Guarde lá V. Sa. esse negregado bálsamo. Esqueceu, então, que isso é droga só para cavaleiros andantes? — e despejou nas tripas a vinhaça que Maritornes lhe dera.

Os moços abriram a porta do pátio e o espantaram dali, ficando o estalajadeiro com os alforjes, a título de penhor.

XIII



Combate com os carneiros

— Pobre Sancho! — exclamou Narizinho. — É possível que ainda pegue a ilha que Dom Quixote lhe prometeu — mas eu não queria uma ilha, nem que fosse a de Madagascar, por esse preço.

— Pois eu queria — contrariou a boneca.

— Está claro. Criaturas de pano, sem costelas, podem ser petecadas a vida inteira que não dói, nem quebra nada. Mas o pobre Sancho, apesar de gordinho, já devia andar com as costelas em pandarecos. Que adianta uma ilha para um homem descostelado?

O Visconde interveio corri a sua ciência.

— Isso de quebrar costelas não tem muita importância — disse ele. — Elas soldam-se. Muito mais perigoso é quebrar o crânio.

— Por quê? Crânio também solda. Todo osso solda — objetou Pedrinho.

— Sim, mas quando o crânio se quebra quase sempre a quebradura do osso espeta os miolos e o paciente fica de cérebro

transtornado. Não se pode mexer no cérebro humano. Aquilo tem um tal arranjo, que qualquer desarranjinho provoca doenças horríveis — loucuras, perda de memória, mil coisas. A maior maravilha que existe é o cérebro.

— É verdade — concordou Emília. — Tudo quanto há na Terra, feito pelos homens, sai dessa maravilha — as guerras, os crimes, as maluquices...

— Isso também não, Emília — disse Pedrinho. — Sai o mau e também o bom. Saem as invenções, saem as obras de arte, os livros como este. . .

Tia Nastácia entrou nesse momento com uma peneira de pipocas.

— Saem também pipocas! — gritou Narizinho. — Viva o cérebro de Tia Nastácia!

— Viva! Viva! — gritaram todos.

Enquanto comiam as salgadinhas pipocas de Tia Nastácia, Dona Benta prosseguiu.

— Sancho — disse ela — retirou-se da estalagem moidíssimo e embezerradíssimo. Para acalmá-lo, Dom Quixote tentou provar que tudo não passava de picuinhas e malvadezas dos tais mágicos encantadores. Mas Sancho já estava achando aquilo excessivo.

— Qual, meu senhor, o melhor é voltarmos para casa. O sosseguinho da família vale todos os impérios deste mundo.

Nesse momento avistaram ao longe uma poeirada. Dom Quixote entreparou e firmou a vista.

— Amigo Sancho — diz ele —, parece que é chegado o meu grande dia de glória. Estás vendo acolá aquele turbilhão de pó? Pois é um tremendo exército em marcha. Repara!. . . À esquerda começa a levantar-se outra nuvem de pó. Há de ser o exército contrário. Vão chocar-se. . .

Os dois exércitos não passavam de dois rebanhos de carneiros. Sancho de modo nenhum podia enganar-se tomando carneiros como homens de guerra; mas com tal calor e certeza seu amo afirmava aquilo,

que ele duvidou de si próprio e admitiu que realmente podiam ser dois exércitos.

— Eia, meu Sancho! — exclamou o herói. — Subamos àquele morrote para vermos melhor e dir-te-ei logo que exércitos são esses e quem os comanda.

Subiram ao morrote. Dom Quixote olhou, olhou e disse:

— O da esquerda pertence ao Imperador Alifanfarrão e o da direita ao Rei Pentapolim, seu poderoso inimigo. O maometano Alifanfarrão quer impor suas malditas crenças ao Rei Pentapolim, que é um fiel seguidor de Cristo. Logo, tenho de tomar o partido deste último e juntamente com ele atacar os infiéis.

Mas Sancho, que não via nada de nada de tudo aquilo, ousou dizer:

— Oh, senhor! V. Sa. está a sonhar. Não vejo Alifanfarrão nem Pentapolim nenhum — nem, a falar verdade, nenhum exército. Só distingo ovelhas. . .

— Como? — exclamou Dom Quixote. — Pois não ouves o relincho dos cavalos e o toque das cometas?

— Não ouço nada do que V. Sa. diz. Ouço *mês* de carneiros, só isso.

Dom Quixote sorriu com desprezo.

— És um covarde, uma galinha-d'angola que não merece tomar parte na luta. Fica por aqui como espectador. Verás meu braço fortíssimo decidir da peleja num relance.

Disse e cravou as rosetas em Rocinante — e partiu na volada, de lança baixa, veloz como um raio, na direção dos dois exércitos. Sancho ainda tentou detê-lo, a berros:

— Senhor, senhor! Pare! Volte! Não são mouros nada, nem gigantes, nem exércitos. Simples ovelhas, e se V. Sa. mata algumas teremos de pagá-las à custa dos nossos lombos.

O herói a nada atendia. Galopava num verdadeiro delírio.

— Sus! Cavaleiros que combateis sob o pendão do valoroso Pentapolim, segui-me! Num ápice destroçarei as hostes do infame

Alifanfarrão.

Chega ao rebanho. Entra por ele com ímpeto, trespassando com a lança os pacíficos animais assustados — e um, e dois, e três e quatro. . . Os pastores açodem em defesa. Metem pedras nas fundas, e iniciam o bombardeio do herói. Dom Quixote prossegue no espetamento das ovelhas, aos berros:

— Onde estás, onde te escondes, ó soberbo Alifanfarrão? Vem medir-te comigo em combate singular. Desafio-te sozinho!

Mas um dos projéteis o apanha pelo flanco, fazendo o herói da Mancha desferir um grito de dor — e parar para um gole de bálsamo. Quando ia emborcando a garrafa, uma pedra a apanha e a reduz a cacos. Logo a seguir, outra acerta na boca do cavaleiro, levando-lhe vários dentes. Terceira estropia-lhe uma das mãos. Quarta acerta-lhe na têmpora e o faz cair, desmaiado.

Os pastores rodeiam-no e, julgando que o tivessem matado, fogem dali com a carneirada, levando às costas as sete ou oito ovelhas vítimas dos lançamentos. . .

Lá no topo da colina Sancho arrepele as barbas e maldiz a hora em que, por causa dum raio de ilha, se meteu pelo mundo como escudeiro de tal louco. Ao vê-lo cair, corre em seu socorro, bradando:

— Eu não disse? Eu não disse que eram ovelhas, Senhor Dom Quixote? Ora, dá-se. . .

Mas o desastrado cavaleiro andante gemia por terra na cantiga de sempre:

— Maldito encantador Freston! Mais uma vez me trocou tudo. Transformou dois poderosos exércitos num vil rebanho de ovelhas. Infame estratagem. Ai, amigo Sancho! Aproxima-te e cura-me estas feridas. Estou em cacos.

— Eu bem disse. Eu bem avisei. Teimou, não é? Pois agora é agüentar. E sabe o que mais? Os alforjes com os fios e o unguento lá ficaram de penhor na maldita estalagem. Estamos a nenhum.

Sancho desespera-se, fala em voltar para a aldeia, em desistir de tudo, até da ilha.

— Sancho, Sancho — gemeu Dom Quixote —, é preciso haver paciência. O mal e o bem não são eternos. Nem um nem outro duram muito. E nunca estamos mais próximos da vitória do que quando tudo parece perdido.

— Perdoe-me V. Sa. — disse Sancho em tom azedo — mas V. Sa. me parece mais talhado para pregador do que para cavaleiro andante. O caso, porém, é que os alforjes lá ficaram e o que nos resta a fazer são cruces na boca.

— O Altíssimo, que alimenta as aves e os insetos, não nos faltará com socorro e alimento.

— Só se for com essas ervas que V. Sa. diz conhecer, mas eu cá por mim bem que preferia ser reconfortado com um bom pedaço de pão com queijo. Não nasci comedor de ervas.

— Tudo se há de remediar no fim da jornada. Toma a dianteira e guia-me. Ficas livre de escolher o ponto de pouso.

Com muita dificuldade, Dom Quixote montou e lá partiram. Uma coisa amofinava a sério o nosso herói: ter deixado no campo de luta alguns dos seus melhores dentes.

— Boca sem dentes é moinho sem mó — murmurou de si para si várias vezes.

Para tirá-lo da tristeza, Sancho disse:

— E por falar, meu senhor, quem é o tal Mambrino a quem V. Sa. se refere amiúde?

A fisionomia do herói da Mancha expandiu-se.

— Mambrino, amigo Sancho, foi um mouro possuidor dum elmo encantado. Um dia perdeu-o para Sacripante, depois de tremenda luta.

— Era realmente precioso o tal elmo?

— Tão precioso que desde já fiz voto de combater mortalmente o cavaleiro que esteja na posse dele. Meu grande sonho é conquistar o elmo de Mambrino.

Nestas e outras práticas passaram a tarde. Veio a noite. A fome ia-se tornando intensa. Cada vez que se lembrava dos alforjes perdidos, Sancho arrancava um suspiro. E nada de avistarem sombra de moradia

humana.

Por fim, quando a escuridão já era completa, distinguiram ao longe uma luzinha. Casa não era, pois a luz se movia — vinha se aproximando. E não uma só — várias. Sancho pôs-se a tremer, e também alguns fios dos cabelos de Dom Quixote se puseram de pé. Mas o herói dominou-se.

— Amigo Sancho — disse ele —, vamos ter uma aventura tremendíssima! Havemos que apurar toda a energia da nossa alma e toda a força do nosso braço.

Recuam os dois para uma das margens do caminho, Sancho atrás do cavaleiro. Aquilo lhes parece avejões, abantesmas. Cerca de vinte criaturas a cavalo. Vultos segurando tochas e rosnando em voz surda palavras fúnebres. Atrás vinha uma liteira negra, seguida de seis cavaleiros de luto fechado.

A estranha comitiva deixou Sancho com as pernas moles, e também Dom Quixote bambeou um pouco. Por um momento só. As histórias lidas nos livros vieram-lhe à cabeça e ele admitiu que talvez se tratasse dum cavaleiro morto, ou traiçoeiramente ferido, crime que lhe competia indagar. Assim que essa idéia o dominou, a belicosidade lhe volta. Firma na mão a lança e vai plantar-se no meio do caminho.

— Alto! — gritou com voz de mando. — Dizei-me já quem sois, donde vindes e para onde ides — e o que levais nessa liteira. Tenho comigo que sois traidores.

— A nossa pressa é grande — respondeu um dos homens a cavalo — e não há tempo para satisfazer a tantas perguntas.

— Atrevido! — exclamou Dom Quixote. — Já que não queres responder, defende-te! — e avançou.

A mula em que vinha o tal homem assusta-se e dá com ele em terra. Dom Quixote arroja-se contra o segundo e também o derruba com um tranco de lança. Ataca o terceiro. Vendo aquilo, os demais deitam a fugir, apavorados.

— Vitória! Vitória! — berra o cavaleiro da Mancha.

— Vitória! Vitória! — repete Sancho, num entusiasmo louco, tão

afeito andava ele a constantes derrotas.

O primeiro homem ainda estava no chão, com a tocha acesa ao lado. Dom Quixote apeia-se e corre a pôr-lhe a ponta da espada na garganta, intimando-o a render-se.

— Mais que rendido estou eu — geme o infeliz — visto que nem mexer-me posso. Tenho a perna quebrada. Senhor, se sois bom cristão não me mateis. Será um sacrilégio cometido contra um pobre sacerdote.

— Se V. Sa. é sacerdote, que anda fazendo por aqui? — interpelou o fidalgo.

— Coisas do meu destino — respondeu o padre — ou antes do meu dever. Eu com mais onze clérigos vínhamos acompanhando o corpo dum velho fidalgo falecido em Baeça, o qual ordenou que o enterrassem em Segóvia, sua pátria. Eis tudo.

— Quem matou esse velho fidalgo? — quis saber o herói da Mancha.

— Foi Deus, com uma febre maligna — disse o padre.

— Bom, nesse caso não sou obrigado a vingar a sua morte. Declaro, porém, a V. Revma. que me chamo Dom Quixote de Ia Mancha, cavaleiro andante que corre o mundo para corrigir agravos.

— Tomara eu, senhor cavaleiro, que V. Sa. me corrigisse esta perna quebrada — geme o sacerdote.

— Isso não está em mim e o que está feito, feito está. A culpa cabe a V. Revma. e a seus companheiros, que se metem a caminhar de noite, vestidos de negro, com tochas acesas, formando um grupo que lembra logo coisa de Satanás.

— Confesso a nossa culpa — volveu o padre — mas ajude-me V. Sa. a retirar esta perna de sob a pata da mula, que isso me faz doer muito.

Dom Quixote chama o escudeiro para acudir o desgraçado, mas Sancho não vem. Está ocupadíssimo em remexer numa grande cesta de comestíveis que os clérigos abandonaram na luta. Tira dela o conteúdo e o aloja em dois sacos improvisados que arruma em cima do burrinho. Só depois é que corre a atender.

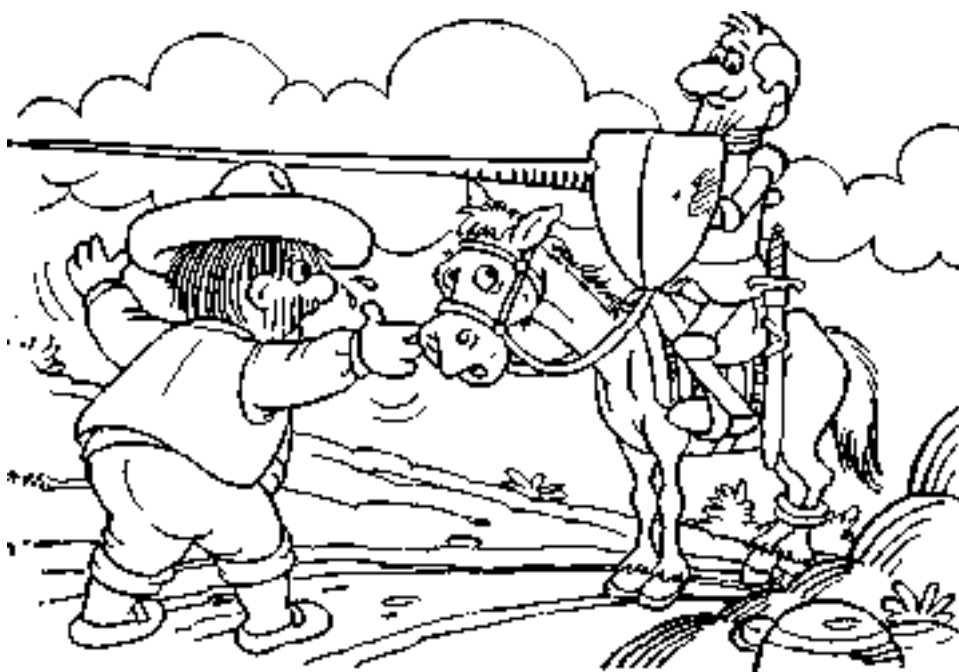
— Impossível, senhor, fazer duas coisas ao mesmo tempo. Aqui estou.

Sancho ergue o padre e encarapita-o sobre a mula. E diz:

— Se os outros clérigos perguntarem a V. Revma. quem o deixou nesse estado, responda que foi o famosíssimo Dom Quixote de la Mancha, o *Cavaleiro da Triste Figura*.

O padre fez que sim e a gemer lá se foi.

XIV



A aventura dos pilões

— O que eu gosto em Dom Quixote — observou Pedrinho — é que ele não respeita cara. Medo não é com ele. Seja clérigo, seja moinho de vento, seja arrieiro, ele vai de lança e espada em cima, como se fossem carneiros.

— Valente ele é — concordou Narizinho. — Pena que não vença todas as vezes. O tal Cervantes era mau. Judia muito desse personagem.

— Isso é para equilibrar outras histórias de cavaleiros andantes — explicou Dona Benta — nas quais os heróis venciam sempre. Havemos mais tarde de ler algumas.

— Como a dos Doze Pares de França — observou Pedrinho. — Aquilo é que é dar pancada. O Senhor Roldão e o Senhor Oliveiros, por exemplo, enfrentavam exércitos de trezentos mil mouros e derrotavam-nos. Roldão tinha a célebre espada durindana, ótima para abrir mouros de alto a baixo. Eu, quando leio a história dos Doze Pares de França, fico de cabeça quente — e estou contando uma boa que houve por aqui.

— Conte — disse Dona Benta.

— A senhora promete que não fica zangada comigo? — Prometo.

— Pois lá vai. Lembra-se daquele milharal que a senhora plantou lá atrás da mangueira da Vaca Mocha?

— Como não hei de lembrar-me? Era um milharal lindo. Estava viçoso, gordo, quase já a soltar as bonecas, quando um malvado qualquer entrou lá e escangalhou tudo. . .

Pedrinho piscou para Narizinho.

— E a senhora nunca desconfiou de quem teria sido esse malvado, vovó? — perguntou ele.

— Ora quem havia de ser! Algum maluco que passou de noite pela estrada. . .

— Foi Roldão, vovó! — disse o menino.

— Roldão?!

— Sim, Roldão, o principal dos Doze Pares de França. Roldão encarnou-se em mim e. . .

Dona Benta arregalou os olhos, assombrada.

— Quer dizer então, Pedrinho, que foi você quem fez aquilo?

— Eu explico tudo, vovó — respondeu o menino. — Foi na semana em que caiu em casa aquele livrinho da história de Carlos Magno e dos Doze Pares de França. Comecei a ler e fui me esquentando, me esquentando, me esquentando, até que não pude mais. Minha cabeça virou — ficou assim como a de Dom Quixote. Convenci-me de que eu era o próprio Roldão. E fui lá no quarto dos badulaques e tirei aquela espada que pertenceu ao velho Tio Encerrabodes, e amolei-a no rebolo, bem amoladinha. E quando a senhora saiu com Tia Nastácia e Narizinho para visitar o compadre Teodorico, ah, que regalo! Corri ao milharal e não vi nenhum pé de milho na minha frente. Só vi mouros! Eram trezentos mil mouros! Ah! Caí em cima deles de espada que foi uma beleza. Destrocei-os completamente. Não ficou um só! Que coisa gostosa. . .

— Nastácia! — gritou Dona Benta. — Venha ver quem nos escangalhou o milharal. Foi Pedrinho.

Nastácia apareceu, sacudindo a cabeça.

— Eu andava desconfiada, sinhá. Aquela história do maluco que ia passando, aquilo sempre me pareceu uma coisa meio sem jeito. Esse menino, credo! . . .

— Mas não fui eu, vovó — disse Pedrinho. — Foi Roldão. Ele encarnou-se em mim, juro. Essas coisas acontecem na vida, a senhora sabe.

— Sei, sei. Sei que moro com os maiores maluquinhos deste mundo. Mas continuemos a nossa história de Dom Quixote. Como vocês estão vendo, a loucura de Dom Quixote é coisa mais comum do que se pensa. O que Pedrinho fez não passa duma quixotada. Quem se encarnou em você não foi Roldão — foi o herói da Mancha. . .

E Dona Benta continuou:

— Aquela história de Sancho lhe chamar Cavaleiro da Triste Figura ficou a parafusar na cabeça do herói. Por fim, ele não resistiu e disse:

— Ora, vem cá, Sancho. Que história é essa de Cavaleiro da Triste Figura?

— Ah, senhor! A coisa foi que, ao ver o rosto de V. Sa. à luz do archote, pareceu-me ele tão esquisito, tão melancólico. . .

— Meu Sancho — torna-o herói —, estás na aldeia e não vês as casas. Fica sabendo que tiveste uma pura inspiração. Os cavaleiros andantes devem ter alcunhas assim — e de agora em diante adotarei esse cognome e mandarei pintar em meu escudo uma bem estranha e triste figura.

— Isso é escusado, senhor! — torna Sancho. — Basta que V. Sa. apareça ao natural e toda gente dirá logo: "Eis o Cavaleiro da Triste Figura".

Dom Quixote achou graça; riu-se. Em seguida retomaram a marcha até onde uma suave colina os convidou ao repouso.

Sancho abriu os sacos e foi tirando os petiscos tomados aos clérigos, gente que costuma passar bem. Comeram com vontade. Mas não havia vinho e quando não há vinho água serve. Dom Quixote e

Sancho olharam em torno, em procura dalguma fonte. Perto dali a vegetação mostrava-se mais viçosa — sinal de umidade do solo. Talvez passasse por lá algum arroio.

Assim raciocinando, levantam-se os dois, tomam pelas rédeas ao Rocinante e ao burro e encaminham-se para lá. A noite era de lua — uma lua que Dom Quixote mentalmente comparou com a Dulcinéia. Súbito, começaram a ouvir um rumor. À medida que avançam, o ruído cresce. Talvez viesse de alguma torrentezinha. Mas perceberam logo não se tratar disso. Não era só ruído de água. Havia algo mais.

Sancho assusta-se. Suas pernas entram a bambear. Misturados ao rumor da água que se despejava de bica, vinham-lhes sons de pancadas em compasso, e retinidos de ferros.

O sítio era de grandes árvores que o vento agitava. Os golpes surdos, os retinidos de ferro, o escachoar da água e a semi-escuridão da noite, tudo isso enchia o coração de Sancho do mais honesto medo. Já o valente Dom Quixote não se alterou. Montou no corcel, enfiou no braço o escudo e, brandindo a lança, disse:

— Amigo Sancho, o céu quis que eu nascesse para ressuscitar a Idade de Ouro neste século degenerado, e o destino reservou-me os maiores feitos. Por mais árdua que seja a aventura que se apresenta, não a evitarei. Arrocha a cilha de Rocinante e fica neste ponto à minha espera. Se eu não voltar desta aventura, retornarás à aldeia e dirás a todos que teu amo pereceu como os verdadeiros heróis perecem — na luta!

Ouvindo tais palavras, Sancho rompeu em choro de criança.

— Ai, meu querido amo! Para que há de V. Sa. meter-se em tais embrulhos? Já não está de sobejo famoso com tantas proezas realizadas? Se meu amo perece, adeus minha ilha! Lembre-se, meu senhor, que tenho mulher e filhos e que sem a ilha ficarão todos desamparados. Ah, senhor, espere pelo menos que amanheça. De dia os perigos são menores.

— De dia ou de noite, tudo é o mesmo para o Cavaleiro da Triste Figura — respondeu o herói — e ninguém dirá que por ter sido noite

deixou Dom Quixote de cumprir o seu dever.

O céu me ajudará e cuidará de ti caso eu pereça. Vamos.

Aperta a cilha de Rocinante e espera-me neste ponto. Voltarei vencedor.

Vendo que nada deteria seu amo, Sancho empregou a astúcia para fazê-lo pelo menos esperar que amanhecesse. Fingiu que apertava a cilha de Rocinante, mas de fato peou o corcel das patas de trás, de modo que quando Dom Quixote deu esporas, em vez de partir no galope o cavalo pôs-se a pererecar.

— V. Sa. está vendo — disse o escudeiro radiante — que o céu me escutou e está impedindo que V. Sa. me abandone. O rocim não obedece à espora.

Dom Quixote danou com o cavalo; esporeou-o com vontade — mas Rocinante fazia tudo, menos sair do lugar. Por fim o herói desistiu.

— Bem. Nesse caso esperarei pela aurora — e suspirou.

— Sem dormir? — indagou o escudeiro.

— Sem dormir, está claro — respondeu o herói. — Dorme tu, meu Sancho, que para isso nasceste. Eu ficarei a dialogar com os meus altos pensamentos.

— Não se agaste, meu amo. Não tive tenção de o molestar.

O estranho barulho ao longe continuava, e o medo de Sancho crescia. E tanto cresceu que. . . que ele fez sem querer uma coisa que não pôde dizer.

— Que é isso, Sancho? Que houve? — perguntou Dom Quixote, tapando o nariz.

— A culpa não é minha, senhor. É de quem me trouxe para este horrível deserto, cheio de rumores pavorosos. . .

Dom Quixote não quis ouvir mais. Ordenou a Sancho que se afastasse — e pela primeira vez desde a saída da aldeia, o fiel escudeiro teve de dormir a cinqüenta passos do seu amo.

Pela madrugada Sancho levantou-se e, cautelosamente, para não ser pilhado, desfez o laço que peava as patas de Rocinante, o qual, ao ver-se livre daquilo, deu pulos de alegria. Dom Quixote achou bom

agouro e tratou de montar, para recomeço da nova aventura. Despede-se outra vez de Sancho, e diz que em seu testamento já estava ele devidamente contemplado, de modo que, ainda que não viesse a ilha, seu futuro seria bom.

Sancho enterneceu-se a fundo; chorou e jurou que jamais deixaria um amo tão excelente.

O enternecimento do escudeiro também enterneceu o herói. Imediatamente, porém, Dom Quixote reagiu contra a crise de sentimentalismo e belicosamente marchou para o sítio donde vinham as pancadas surdas. Sancho o seguiu a pé, puxando o burrinho. Ao alcançarem o tope da colina, avistam lá embaixo uma construção rústica, junto a altos rochedos, pelos quais se despejava uma torrente. Era daquele ponto que vinham as pancadas surdas.

Rocinante assustou-se e empinou. Sancho fez-se amarelo. Mas avançando um pouco mais, descobriu a causa de tudo. Eram monjolos.

Dom Quixote desapontou, e Sancho, de mãos na cintura, rompeu a rir perdidamente — a rir do desapontamento do amo. Exasperado, o herói arrumou-lhe duas tremendas lambadas de lança no lombo.

— Ah, senhor! Não vê que estou rindo? — diz o escudeiro.

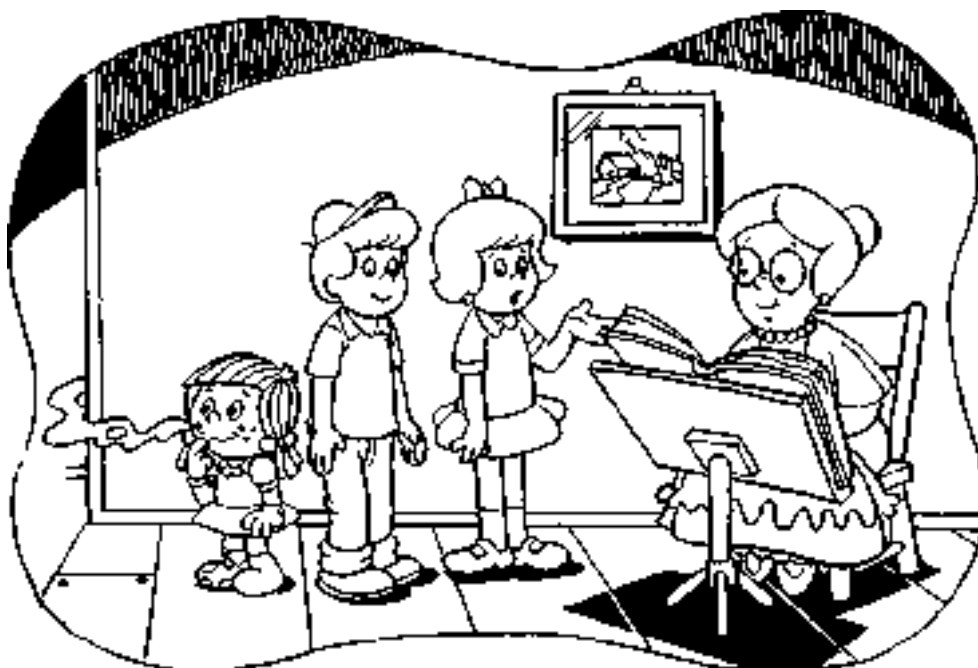
— Por isso mesmo te castigo — diz Dom Quixote. — Não sou objeto de riso. Podia eu acaso adivinhar que os estrondos fossem de monjolos? Supus muito naturalmente serem roncões de gigantes — e se fossem gigantes verias como lindamente eu lhes deceparia as cabeças.

— Creio piamente — tornou Sancho. — Mas V. Sa. há de confessar que esta aventura foi bem engraçada. . .

— Não nego que o fosse, mas um escudeiro não deve nunca faltar ao respeito devido a seu amo — e tu faltaste.

— Está bem, está bem, senhor. Perdoe-me por esta vez. Em ocasiões semelhantes saberei conter-me.

— E só assim continuaremos amigos — concluiu Dom Quixote.



Conquista do elmo de Mambrino,
o mais famoso do mundo

Estava Dona Benta nesse ponto da história, quando Narizinho se lembrou de perguntar por que razão nos livros velhos se fala tanto em barbeiros.

— Estou com esta pergunta a lhe fazer há muito tempo, vovó. Parece que antigamente os barbeiros eram muito mais importantes do que hoje. Por que isso?

— É, minha filha, que antigamente os barbeiros também funcionavam como médicos. O grande remédio da humanidade, durante muito tempo, foi a sangria — e os barbeiros, além de barbearem os fregueses, também os sangravam quando adoeciam.

— E por que foi esse remédio abandonado? — quis saber Pedrinho.

— Simplesmente porque não curava. A ignorância dos nossos antepassados era maior que a nossa de hoje. Em matéria *já* de

medicina, então, eles praticavam verdadeiros absurdos, como esse de tirar o sangue dos pobres enfermos, como se no sangue estivesse o mal.

— E isso durou muito tempo?

— Durou, meu filho. Tudo que é errado dura muito. A humanidade é bem isso que a Emília vive dizendo. A história da humanidade não passa de história de horrores, estupidez e erros monstruosos. Hoje, por exemplo, olhamos com grande superioridade para os antigos, com dó deles, certos de que nossas idéias são certas e hão de durar sempre. Mas nossos bisnetos rir-se-ão das nossas idéias como nós nos rimos das idéias de nossos bisavós, e os bisnetos dos nossos bisnetos rir-se-ão das idéias dos nossos bisnetos — e assim até o infinito.

— Que maçada ser assim, vovó! — disse Pedrinho. — Eu queria tanto ter certeza absoluta de alguma coisa. . .

— Eu tenho certeza duma porção de coisas — disse Emília. — Tenho certeza, por exemplo, que Tia Nastácia hoje não vem com pipocas — vem com bolinhos fritos.

O cheiro que vinha da cozinha tornava muito fácil adivinhar aquilo. Tia Nastácia variava sempre a comedoria da noite. Inventava coisas. Um dia, batata-doce assada. Outro dia, pinhão cozido. Outro dia, pipoca. Outro dia, amendoim torrado. Outro dia, cará, inhame ou mandioca. E sempre um café coado na hora que era "da hora", como Narizinho dizia.

Mas antes que viesse o café com bolinhos, Dona Benta contou mais um pedaço das aventuras de Dom Quixote.

— O céu foi-se cobrindo de nuvens — disse ela. — Começou a chuveirar. Sancho, muito naturalmente, propôs a Dom Quixote que se abrigasse no rancho dos monjolos; mas Dom Quixote havia tomado tal ojeriza àquelas rudes máquinas que recusou — e tocou por diante. Não tinham caminhado nem meia légua, quando apareceu lá longe na estrada um cavaleiro com qualquer coisa amarela na cabeça.

— Sancho! Sancho! — bradou o herói. — Vês naquele guerreiro, que num ginete ruço se dirige ao nosso encontro, o capacete de ouro

que ele traz na cabeça? Pois é o tal elmo de Mambrino que jurei conquistar.

— Guerreiro, senhor? — exclamou Sancho, firmando a vista. — Pois então V. Sa. toma como guerreiro um homenzinho comum daqueles?

— Tu tens cataratas nos olhos, amigo Sancho. Afirmo-te e reafirmo-te que é um legítimo guerreiro com o elmo de Mambrino na cabeça. E vou conquistá-lo.

Disse e investiu contra o homem, de lança enristada.

Não era cavaleiro nenhum, como Sancho vira logo. Tratava-se apenas dum pobre barbeiro, que vinha da aldeia próxima para atender a algum freguês suburbano, e como chovesse resguardara a cabeça com a bacia de barbear, comum a todos os barbeiros da época e feita de Ia tão. O coitado, vendo avançar contra si aquele estranhíssimo homem todo recoberto de chapas de ferro e armado de tão medonha lança, não quis saber de histórias. Pulou do burro e fugiu, deixando cair a bacia reluzente.

— Covarde! — exclamou Dom Quixote. — Só mesmo a fuga te podia salvar Sancho, apeia e pega esse elmo.

— Oh — exclamou o escudeiro —, está tão novinha que vale bem meia moeda. Parece-me bacia de barbeiro.

Dom Quixote recebeu a bacia e colocou-a na cabeça, ajeitando-a.

— Grandíssima cabeça tinha o pagão dono deste capacete! E ainda não está todo ele aqui. Falta-lhe um pedaço.

Sancho quase disparou na gargalhada; a lembrança do que lhe acontecera no caso dos monjolos, porém, fê-lo rir-se só por dentro.

— É provável — continuou Dom Quixote — que este maravilhoso elmo haja caído nas mãos de algum ignorante, o qual, vendo que era de ouro puro, derretesse metade e afeiçoasse o resto sob a forma de bacia de barbeiro. Seja lá como for, mandarei compô-lo, restaurando-lhe a forma primitiva. Ficarei assim com um elmo superior ao que Vulcano fez para Marte.

Sancho não tirava os olhos do burro abandonado pelo barbeiro.

— Que faremos do animal, meu senhor? O dono com certeza não vem buscá-lo e o bichinho me parece bom de marcha.

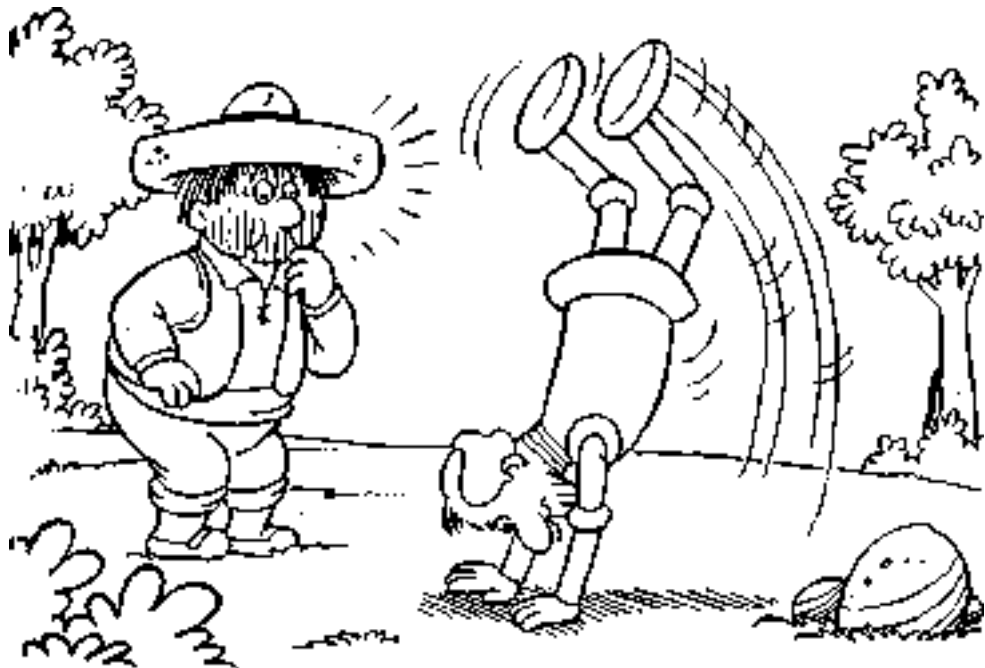
— As leis da cavalaria — respondeu o herói — não permitem que o vencedor tome o ginete do vencido. Deixa-o, pois, em paz.

— Que levem a breca as tais leis — resmungou Sancho. — Tenho cá minhas razões para apropriar-me deste burrinho, ou pelo menos trocá-lo pelo meu, que é muito inferior. Poderá V. Sa. informar-me o que dizem as leis da cavalaria sobre a troca de burros e de selas?

— Nada sei a respeito — respondeu Dom Quixote — mas me parece que enquanto me informo podes trocar as selas. Impossível que as leis da cavalaria se oponham a uma coisa tão inocente.

Devidamente autorizado, Sancho tirou do burro do barbeiro a sela nova e colocou-a no seu. Ótimo. O cavaleirismo andante começava a render.

XVI



A aventura com os galerianos

— Em seguida — continuou Dona Benta — almoçaram o resto da ceia e puseram-se a caminho, e foram indo, foram indo até que encontraram um grupo de doze galerianos. Vinham conduzidos por cinco homens armados de escopetas e lanças.

— Olá! — exclamou Sancho. — Temos agora uma leva de forçados.

— Forçados? — repetiu Dom Quixote. — Não se trata de forçados, meu amigo, e sim de honradíssimos súditos de Sua Majestade, vítimas de alguma cruel violência.

— Qual nada! — tornou Sancho. — Criminosos e dos bons, visto como foram condenados às galés.

— Não entendes disto, meu amigo. Aqueles homens estão sendo violentados e a mim cumpre socorrê-los.

Quando o grupo se aproximou, Dom Quixote inquiriu cortesmente do que parecia o comandante da escolta sobre o motivo de

levarem algemados aqueles infelizes.

— Se V. Sa. os interpelar, eles mesmos darão a resposta. Dom Quixote indagou do primeiro sobre o crime que havia cometido. — Coisinha de nada — respondeu o galeriano. — Namorei uma canastra de roupas e por isso fui preso e condenado às galés.

— E tu? — indagou do segundo.

— Eu vou para as galés por haver *cantado na agonia* como um canário.

Como Dom Quixote fizesse de não entender, o comandante lhe explicou que o calceta havia sido posto em tortura, durante a qual confessara muitos furtos.

O terceiro inquirido parecia mais perigoso que os outros, tão encadeado estava. Dom Quixote informou-se da razão desse rigor.

— Este miserável — respondeu o guarda — é o mais culpado de todos e por isso foi condenado a dez anos de galés.

Talvez V. Sa. já ouvisse falar dele. Chama-se Gines de Passamonte, ou Ginesinho de Parapilha.

— Alto lá com isso! — protestou o forçado. — Veja como me trata. Meu nome é Gines de Passamonte e dia virá em que eu abra buracos na barriga de quem hoje me chama de Ginesinho de Parapilha.

E voltando-se para Dom Quixote:

— Dê-nos V. Sa. alguma chelpa para refrescarmos as vísceras com o suco da vida, e não perca seu tempo em ouvir nossas histórias. Eu comecei a escrever a minha.

— E não a concluíste?

— Interrompi-a quando escapei das galés, e, como agora volto, hei de retomar o fio. É nas galés que um homem pode sossegadamente cultivar as belas-letas.

— Parece-me um homem de muita agudeza — observou Dom Quixote.

— E por isso ando pelas prisões. Se fosse um pedaço de asno, certamente que nadaria em ouro.

— Bem, bem — disse Dom Quixote. — Estou vendo que

nenhum destes homens vai para as galés de livre e espontânea vontade, e como cavaleiro andante que sou me vejo na obrigação de libertá-los. Senhores guardas, fazei-me o obséquo de soltá-los, pois do contrário meu vigorosíssimo braço vos forçará a tanto.

Os guardas abriram a boca.

— Homessa agora! — exclamou o comandante. — Sabe que mais, amigo? Endireite a bacia na cabeça e vá andando seu caminho. É o melhor.

— Covarde! Insolente! Patife! — urrou o fidalgo — e, sem dizer água vai, ferra-lhe um lanço que o estira no chão. Os outros homens investem contra o paladino, mas Sancho ajuda os forçados a escaparem dos ferros e todos se juntam contra os guardas. Gines de Passamonte toma a escopeta do que caíra e aponta ora para um, ora para outro, forçando-os a abalarem dali em fuga. Um bombardeio de pedras os perseguiu ainda por um pedaço.

A vitória foi das mais completas; Sancho, todavia, apavorou-se com a perspectiva de a Santa Irmandade vir logo tirar vingança daquilo e sugeriu ao cavaleiro que se escondesse nos bosques da serra vizinha. O fidalgo, porém, no meio dos galeotes libertados, não o atendia. Estava a arengar os homens.

— Senhores, espero que não sejais ingratos e saibais agradecer o serviço que vos prestei. Só uma coisa peço: que chegueis à cidade de Toboso e presenteeis a ilustríssima Senhora Dulcinéia com as algemas de que estais livres, dizendo-lhe que esse ato é uma homenagem do Cavaleiro da Triste Figura.

Os galeotes entreolharam-se.

— O que V. Sa. pede — respondeu Gines, falando pelo grupo inteiro — é impossível. Se formos a Toboso com estes ferros, a justiça nos apanhará pelo caminho. Contentem-se V. Sa. com os agradecimentos que lhe damos.

— Não aceito desculpas — gritou Dom Quixote, já tomado de cólera. — Ordeno-te, Ginesinho de Parapilha, que, com teus sócios, vás cumprir a penitência de que falei, pois do contrário pico-vos a todos

com a espada.

Aquilo era demais. Gines não agüentou. Saltando para o lado, pôs-se a bombardear o cavaleiro com pedras. Os outros fizeram o mesmo. E tal foi a chuva de balas, que o herói da Mancha rolou por terra. Um dos forçados tirou-lhe da cabeça a bacia e deu-lhe meia dúzia de baciadas no lombo. Outro furtou-lhe o casaco; outro, isto ou aquilo, tanto ao cavaleiro como ao escudeiro — e por um triz não os largaram completamente nus. Feito o que, abalaram.

Vendo-se tão maltratado em paga do bom serviço que lhes prestara, Dom Quixote murmurou um provérbio popular: Fazer bem a vilões é semear na areia.

— Já que V. Sa. admite a verdade desse provérbio — tornou Sancho — queira seguir meu prudente conselho: fujamos para o bosque antes que chegue a Santa Irmandade.

— Fujamos?! Covarde que és! Um cavaleiro não foge nunca.

— Retiremo-nos, então. Retirada não é fuga, é estratégia. É medida urgente e sábia, quando o inimigo se mostra superior em forças.

— Bom. Isso já é outra coisa e não vejo razões para não satisfazer teu desejo.

Cavalgaram os dois e tomaram o rumo dos bosques da serra Morena, por entre os quais se meteram. Ao cair da tarde, sentaram-se à sombra duma árvore para recomfortar o estômago com o que ainda havia de comer; depois dormiram.

Gines de Passamonte, passando casualmente por ali, viu o burro de Sancho e o furtou. Quando ao acordar o pobre escudeiro percebeu a maroteira, entrou na maior lamúria e choro da sua vida, coisa de comover às próprias pedras.

— Ó filho querido, meu burrinho amado, nascido em minha casa, brinquedo de meus filhos, encanto de minha mulher, inveja de meus vizinhos, alívio de meus trabalhos! Ó meu burrinho do coração! Perdi-te para sempre e isso me matará de dor.. .

Dom Quixote quis consolá-lo e o único jeito foi prometer-lhe três burrinhos, dos seis que ele possuía na aldeia. Era negócio. Sancho

enxugou as lágrimas.

Continuaram a marchar pela floresta. Súbito, o cavaleiro entreparou e com a ponta da lança ergueu qualquer coisa do chão. Uma velha maleta ali perdida. Sancho atirou-se a ela como gato a bofes. Abriu-a com a faca. Havia dentro quatro camisas e outras peças de fino linho, um caderno de notas e um rolo com trinta peças de ouro.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! — exclamou ele radiante, a dar pinotes de alegria. — Isto é que é aventura das verdadeiras. Viva!

— Deixa-me ver o livrinho — disse Dom Quixote. — Servirá para anotar as minhas proezas. Quanto ao vil metal, podes guardá-lo para *ti*.

— Obrigadíssimo, senhor meu amo — respondeu Sancho beijando-lhe a mão. — Este vil metal convém muito à minha vil matéria — e despejou no saco as moedas tilintantes.

— Como viria parar aqui esta mala? — murmurou Dom Quixote, como falando consigo mesmo.

— Nada mais claro, meu senhor. Alguém que por aqui passou a perdeu.

— Tens carradas de razão, Sancho. Há de ser isso mesmo; mas continuemos nossa viagem.

O aspecto agreste daqueles sítios agradou sumamente Dom Quixote. Parecia-lhe em extremo apropriado para aventuras. À sua memória acudiram mil casos acontecidos em sítios ermos assim. Súbito, veio-lhe uma idéia.

— Sancho, Sancho — disse ele —, cometi um grande erro libertando os galeotes.

— Agora é que V. Sa. percebeu isso?

— Mas tu ignoras, Sancho, que quando um cavaleiro cai numa falta dessas tem de penitenciar-se. Assim fez o famosíssimo Amadis de Gaula, a suprema flor da cavalaria andante. A fim de castigar-se dum erro cometido, retirou-se para um deserto como este e tomou o nome significativo de Tenebroso. Pois vou imitá-lo. Ficarei por aqui fingindo-me de insensato, de desesperado, de louco furioso até que expie

cabalmente a minha culpa. Podes desde já considerar-me louco varrido, amigo Sancho.

— Que lhe faça muito proveito — disse o escudeiro. — Seja V. Sa. o louco que quiser, que eu abalarei para minha casa, a ver a Teresa e os filhos. Tenho já o que lhes mostrar.

— Pois vai, mas volta dentro de quinze dias, que é quanto durará minha penitência.

Aquelas paragens impressionavam estranhamente a imaginação do herói da Mancha. Um arroio corria perto. Flores, árvores velhas, pedras musgosas. Ótimo tudo. Dom Quixote apeou-se, desencilhou Rocinante e deu-lhe uma palmada na anca.

— Concedo-te quinze dias de folga, ó meu nobre corcel, companheiro magnânimo de minhas fadigas sublimes. Vai pastar.

— Alto com isso, meu amo! V. Sa. bem sabe que me bifaram o burro e que a pé eu não valho nada. Sou gordo. Por isso, tem que me ceder o Rocinante.

— Não haja dúvida — respondeu Dom Quixote; — mas quero que não partas já. Tens que ficar aqui uns dois dias para veres minhas loucuras!

— Ah, senhor, já vi tantas. . .

— Mas não todas — retorquiu Dom Quixote — e fez uma cabriola de amostra.

— Basta, basta! — gritou o escudeiro. — Vamos ao que serve. Tenha V. Sa. a bondade de escrever duas linhas numa folha desse caderno, declarando que posso receber os três burrinhos prometidos.

"Sobrinha, quando este papel receberes, darás ao meu escudeiro Sancho Pança três burrinhos dos seis que possuo.

DOM QUIXOTE."

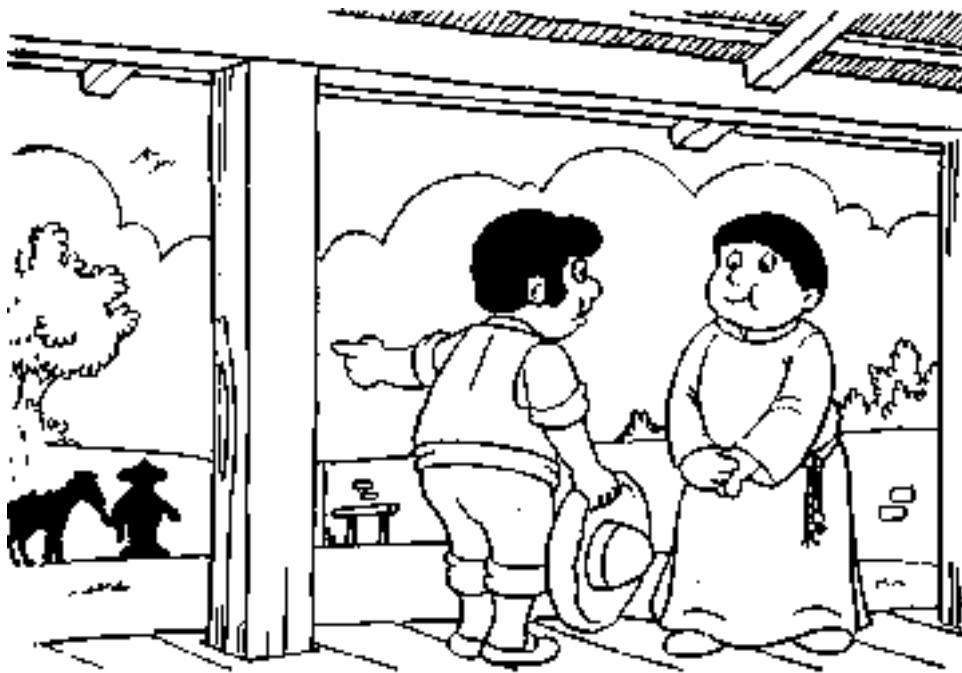
— Ótimo! Ótimo! — exclamou Sancho, dobrando cuidadosamente o papel. — Vou agora partir montado em Rocinante e espalharei ramos quebrados pelo caminho, de modo a poder voltar

quando V. Sa. haja concluído a sua penitência.

— Amigo Sancho, adeus! — exclamou o herói da Mancha, dando outra cabriola.

² Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

XVII



Fim da penitência.

O príncipe etíope. Espantosa briga

— Está aí uma coisa a que eu desejava assistir, vovó — disse Narizinho. — Dom Quixote dando vira-cambotas devia ser a coisa mais cômica do mundo. Coitado!

— De fato. Quando vocês crescerem e lerem este capítulo de Cervantes, hão de achá-lo engraçadíssimo — e ao mesmo tempo triste. A loucura é a coisa mais triste que há. . .

— Eu não acho — disse Emília. — Acho-a até bem divertida. E, depois, ainda não consegui distinguir o que é loucura do que não é. Por mais que pense e repense, não consigo diferenciar quem é louco de quem não é. Eu, por exemplo, sou ou não sou louca?

— Louca você não é, Emília — respondeu Dona Benta.

— Você é louquinha, o que faz muita diferença. Ser louca é um

perigo para a sociedade; daí os hospícios onde se encerram os loucos. Mas ser louquinha até tem graça. Todas as crianças do Brasil gostam de você justamente por esse motivo — por ser louquinha.

— Pois eu não quero ser louquinha apenas — disse Emília. — Quero ser louca varrida, como Dom Quixote — como os que dão cambalhotas assim. . .

E pôs-se a dar vira-cambotas na sala.

Dona Benta riu-se.

— É inútil, Emília. Por mais que você faça, não consegue ser louca varrida — ficará sempre uma louquinha muito querida das crianças.

— Pare com Emília, vovó! — gritou a menina, furiosa.

— A senhora até parece o Lobato: — Emília, Emília, Emília. Continue a história de Dom Quixote.

E Dona Benta continuou:

— Ao regressar para sua aldeia — disse ela — Sancho teve que passar pela estalagem onde os moços reinadores o haviam manteado. Logo que a defrontou, um arrepiu correu-lhe pelo corpo. Que fazer? Entrar? Arriscar-se a outra esfrega? O medo o fazia cauteloso, mas a fome era grande. Nisto saem lá de dentro dois vultos.

— Senhor cura — disse um —, aquele tipo gorducho acolá não é o tal labrego Sancho Pança que se sumiu em companhia de Dom Quixote?

— Exatamente! É ele sem tirar nem pôr. E aquele cavalo, juro que é o cavalo de Dom Quixote.

Os dois vultos eram o cura da aldeia e o barbeiro. O cura aproximou-se de Sancho e disse:

— Olá, amigo Sancho, que é feito do teu amo? Sancho contou tudo; narrou todas as aventuras em que

Dom Quixote se tinha envolvido e a penitência que impusera a si mesmo. E acrescentou que ele, Sancho, muito breve estaria governador duma ilha ou monarca dum grande império.

O cura e o barbeiro entreolharam-se. O labrego pareceu-lhes tão

fora do juízo como o amo.

— Pois queira aceitar meus sinceros parabéns, senhor futuro dono de ilha — disse o cura. — Mas enquanto a ilha não vem, temos de acudir ao teu amo, fazer que acabe já com essa penitência que lhe pode prejudicar a saúde. Antes disso, porém, entremos para reconfortar os estômagos.

— Deus me livre! — exclamou o escudeiro, com a cena da manteação bem avivada na memória. — Entrem V. Sas., que eu comerei cá fora em companhia de Rocinante.

Durante a refeição o cura e o barbeiro combinaram tudo quanto era mister fazer para reconduzir Dom Quixote a casa. Tinham de representar uma comédia, com disfarces e barbas postiças, e para isso montaram em suas possantes mulas e se foram de rumo à serra Morena. Sancho seguiu na frente para avisar Dom Quixote.

Em caminho encontraram um rapaz de nome Cardênio, ao qual contaram tudo e pediram que os acompanhasse, tomando parte na comédia. Cardênio aceitou. Iria disfarçado em príncipe etíope juntamente com o barbeiro. Uma hora depois Sancho voltou no galope.

— Açudam depressa, meus senhores. Meu amo está no mais lamentável estado. De cuecas, magro que nem um arenque, amarelo como cidra. Se V. Sas. não o sacam destas brenhas, ai de mim! Não terei ilha, não serei monarca! Mas quem é este fidalgo? — perguntou ao cura, vendo ali aquele moço desconhecido, já disfarçado em príncipe etíope, com um barbudo escudeiro também etíope ao lado.

O cura respondeu muito sério:

— Trata-se do príncipe herdeiro do grande reino de Micomicon, na Guiné, que vem suplicar ao ilustríssimo e excelentíssimo Senhor Dom Quixote de Ia Mancha que o vingue de certo gigante malvado.

Sancho arregalou os olhos, radiante.

— Fez bem de vir procurar meu amo — disse ele dirigindo-se a Cardênio — porque com uma só espadada Dom Quixote manda esse gigante para o inferno. — E voltando-se para o cura: — Diga-me, senhor cura, o nome deste infeliz príncipe.

— É o Príncipe Micomicônio, do reino de Micomicon.

— Ahn! Percebo. Lá na Guiné é como aqui na Espanha — cada qual toma o apelido da sua aldeia.

O cura, que dera o seu disfarce ao barbeiro, dispensou-se de acompanhar os dois etíopes e ordenou a Sancho que os levasse à presença de Dom Quixote, sem nada lhe dizer do encontro com ele, cura. Do contrário Dom Quixote não seria imperador, nem ele, Sancho, dono de ilha. Sancho prometeu calar-se e os três puseram-se a caminho.

Três quartos de légua adiante avistaram o herói da Mancha. Estava de pé, despido das armas. Foram ao seu encontro. O barbudo escudeiro etíope apeou-se da mula e ajudou o amo a fazer o mesmo. O príncipe arrojou-se aos pés do grande herói, exclamando:

— Ó tu, honra e glória da cavalaria andante, herói magnânimo, grande filho de Espanha, única esperança minha! Venho recorrer ao teu braço potentíssimo para vingança duma cruel injúria.

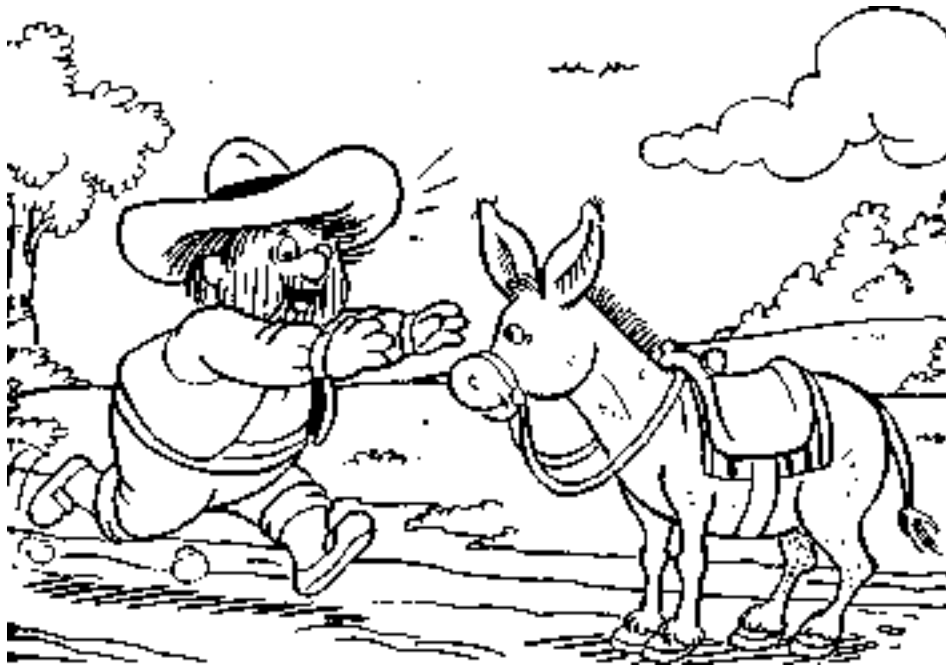
— Vingar-te-ei — respondeu Dom Quixote — contanto que essa empresa não seja contrária aos interesses do meu rei e da minha pátria.

— Peço-te, nobre cavaleiro — continuou o falso príncipe —, que me acompanhes e não empreendas nenhuma outra aventura antes de vingar-me do gigante que me usurpou os Estados.

— Juro a Vossa Alteza que assim será — respondeu Dom Quixote. — Tudo farei como quer. Partamos imediatamente. Minuto perdido para a glória é minuto perdido para sempre.

O príncipe quis beijar a mão do herói, mas este o abraçou com afeto e ordenou a Sancho que selasse Rocinante e lhe trouxesse as armas. O barbeiro, sempre ajoelhado, não se atrevia a falar, nem a mexer-se, de medo que lhe caíssem as barbas. Ao ver Dom Quixote montar, ergueu-se; correu a ajudar Cardênio a pôr-se sobre a mula; por fim montou e seguiu na rabada da comitiva.

XVIII



A aventura dos odres de vinho

— Coitado! — exclamou Narizinho nesse ponto. — Cada vez fico mais penalizada da loucura do pobre Dom Quixote. Um homem tão bom, de tão nobre sentimento, a servir de peteca a esses bobos todos. Até o cura! Por que esse padre não ficou lá na aldeia dizendo missas? Que tinha de meter-se com a vida do fidalgo?

— Você está sendo injusta, minha filha. O cura e o barbeiro eram amigos de Dom Quixote, que tudo faziam para vê-lo de novo em casa. Ora, o meio de conseguir isso só podia ser esse — enganarem-no. Do contrário, só levando-o à força, coisa muito pior.

— O que admiro — disse Pedrinho — é Sancho não desconfiar da comédia.

— Ele às vezes desconfiava, mas eram tantas a enganá-lo que o pobre gorducho acabava cocando a cabeça na dúvida.

— E depois, Dona Benta? — perguntou Emília. — Que aconteceu depois?

— Depois? Depois partiram todos. O pobre Sancho teve de seguir a pé, esbaforido, suando e suspirando de saudades do antigo burrinho. Mas consolava-se com a idéia de muito breve estar seu amo imperador de Micomicon e ele na posse da sonhada ilha. Só não estava gostando de serem negros como carvão os seus futuros vassalos; mas uma idéia súbita lhe fez brilhar os olhos: "Tanto melhor! Renderão dinheiro. Mandarei vendê-los em Espanha a cinqüenta moedas cada um — e vai ser um rio de ouro. Que pepineira!"

O cura ficara a espiar de longe, escondido numa moita. De repente, apareceu, fingindo grande surpresa de ver ali Dom Quixote.

— Oh! Se não me engano é o valentíssimo compatriota, o invencível Dom Quixote de Ia Mancha, cujas aventuras assombram o mundo!

Surpreso também do encontro, o herói da Mancha saudou o cura e quis ceder-lhe o cavalo. O cura agradeceu e montou no animal do barbeiro, que apeara — e lá seguiu par a par do cavaleiro andante, que se entretinha em conversar com o príncipe.

— Conte-me, príncipe, os seus infortúnios.

O falso etíope espirrou, escarrou, tossiu e disse:

— Senhor, eu me chamo Micomicônio, e meu pai, monarca do império de Micomicon, se chama Trinácio, ó Sábio, por ser habilíssimo nas artes mágicas. Graças a essas artes pôde adivinhar que a Rainha Xamarila, minha adorada mãe, ia morrer antes dele — e também adivinhou que sua própria vida estava chegando ao fim.

Isso apenas o entristeceu; não o abalou; eram coisas naturais. O que o abalou tremendamente foi saber que o seu império seria invadido por um horrendo gigante, rei da vizinha ilha de Pandafila: o Rei Zanaga. E que eu, já então no trono, seria expulso dos meus domínios se não me casasse com a filha do monstro.

Meu pai tinha a certeza de que eu jamais me casaria com semelhante criatura, e portanto me aconselhou que viesse à Espanha em busca do poderoso cavaleiro andante Dom Chicot, Dom Gigot ou Dom Quixote — ele não sabia o nome ao certo. Explicou-me que era um

cavaleiro alto, magro, com um sinal negro nas costas.

— Sancho! Sancho! — bradou o herói da Mancha. — Despe-me já, Sancho, para que o príncipe veja minha marca.

— Não é preciso — observou o escudeiro. — Eu juro a existência dessa marca e o príncipe acredita.

— Acredito, sim — disse o príncipe. — Não tenho a menor dúvida de achar-me diante do herói que meu pai indicou como único homem no mundo que poderá destruir o usurpador do nosso império. Esqueci-me de declarar a V. Sa. que meu pai, o Imperador Trinácrio, deixou um papel ordenando que o reino fosse entregue a esse cavaleiro, logo que haja destruído o usurpador. Fiquei incumbido de realizar essa ordem entregando a V. Sa. a coroa e o cetro imperiais.

— Não te dizia eu, Sancho? — exclamou Dom Quixote, voltando-se para o escudeiro. — Não te dizia que íamos ter reinos, impérios e ilhas a rodo?

— Assim é, senhor — respondeu Sancho, contentíssimo do reino que se aproximava. — Só desejo que V. Sa. abra ao meio esse Rei Zanaga — e quanto antes melhor. Estou a arder pela ilha que ele possui. Viva! Viva! — E Sancho deu pinotes de alegria, bateu palmas, beijou a mão do príncipe.

— Eis, senhores — continuou o príncipe —, a breve história das minhas desgraças. Na viagem para cá, um naufrágio roubou-me o meu brilhante séquito e as riquezas e presentes que trazíamos. Só escapamos, sobre umas tábuas, eu e este escudeiro barbadão.

— Coragem, príncipe! — exclamou Dom Quixote. — As desgraças de Vossa Alteza acabarão muito em breve. Prometo não me separar de Vossa Alteza enquanto não cortar a cabeça ao pérfido Rei Zanaga.

Nesse momento avistaram na curva da estrada um indivíduo montado num burro. Sancho reconheceu imediatamente o seu burrinho, furtado por Gines de Passamonte — era o próprio Passamonte que vinha montado.

— Oh, velhaco! Oh, ladrão! — grita-lhe Sancho. — Larga já do

meu burro, patife!

Vendo Sancho em boa companhia, Gines pulou do burrinho e fugiu para o mato. Sancho voou ao encontro do asno, que abraçou e beijou.

— Até que enfim te encontro, ó meu bem-amado burrinho, meu companheiro, meu filho querido!

O jumento deixou-se abraçar e beijar sem dizer nada. Todos exultaram com o acontecimento e Dom Quixote declarou que, apesar de ter Sancho reconquistado o burrinho, continuava com direito aos três que lhe dera. Nunca Sancho se achou tão feliz.

À beira dum límpido riacho, o grupo se deteve para uma breve refeição com coisas trazidas da estalagem. Estavam a manducar as gulodices quando um meninote se aproximou.

— Bons dias, meu senhor — disse ele. — Não está reconhecendo em mim aquele André atado a um carvalho, que levou uma tremenda surra?

Dom Quixote tomou-o pela mão e apresentou-o aos outros, dizendo:

— Eis, senhores, um vivo exemplo da utilidade da cavalaria andante. Dias atrás, cruzando certo campo, ouvi lastimosos gritos, e logo depois dei com este menino a ser surrado por um bruto que não lhe queria pagar os salários. Ordenei-lhe que o soltasse incontinenti e que tudo pagasse até o último vintém, o que me foi prometido sob juramento. Não foi assim, André?

— Sem tirar nem pôr — respondeu o menino. — Mas assim que V. Sa. se afastou. . .

— Já sei, recebes te ali mesmo a paga dos salários vencidos, não é?

— Sim, meu senhor, recebi a paga, não em moeda. Recebi-a em lambadas, e tantas que fiquei com as costas em sangue. Se não fosse a sua intervenção, meu senhor, eu teria ficado na primeira sova. Mas por causa da intervenção recebi duas — a segunda muito pior que a primeira. E nada do salário. O malvado vingou-se de V. Sa. no meu

lombo.

— Já, já, Sancho! — gritou Dom Quixote colérico. — Enfreia Rocinante que quero ir castigar o celerado de modo que espante as gerações vindouras.

— Ora, deixe-se disso — exclamou o rapazinho. — Prefiro que me dê alguma coisa para eu continuar minha viagem.

— Toma lá — disse Sancho — esta bucha de pão e esta lasca de queijo. Nós, escudeiros dos cavaleiros andantes, nunca temos nada de dar, de modo que é sorte tua teres pilhado isto.

Vendo que não vinha mais nada, o menino deitou a correr, gritando:

— Mil raios partam os cavaleiros andantes que só servem para dobrar as sovas dos malvados! . . .

Dom Quixote magoou-se grandemente com aquilo.

Concluída a refeição, montaram e despejaram léguas. Chegaram por fim à estalagem do manteamento. O estalajadeiro, sua mulher e a Maritornes saíram ao encontro do Cavaleiro da Triste Figura, o qual os reconheceu e pediu que lhe dessem melhor cama que da *última vez*. E ao ver-se na cama Dom Quixote, exausto da penitência e da caminheira, dormiu imediatamente.

Os outros então combinaram que fazer. Mestre Nicolau tirou a barba postiça, pedindo que, quando Dom Quixote acordasse e desse pela falta do escudeiro barbudo, todos o informassem de que fora mandado a Micomicon para anunciar o feliz encontro do herói da Mancha.

O estalajadeiro estava a arrumar a mesa para a ceia quando Sancho desceu a escada aos trambolhões, berrando qual possesso:

— Acudam! Acudam! Meu amo está a acutilar o gigante!

— Que loucura é essa, Sancho? — brada o cura. — O gigante está a mil léguas daqui.

Soa lá de cima a voz de Dom Quixote:

— Ladrão! Assassino! Desta vez não escaparás. Nada valem contra mim tua força e tua cimitarra!

— Estão ouvindo? — diz Sancho. — Eu vi o gigante! Vi jorrar sangue da sua cabeça enorme! Vi escorrer sangue vermelho como vinho.

— Upa! — exclamou o estalajadeiro com uma idéia súbita. — Querem ver que esse raio de homem está a me abrir lá em cima os odres de vinho, pensando serem gigantes? — e subiu as escadas a galope, seguido de todos.

Dom Quixote, em fraldas de camisa, barrete de dormir na cabeça, manta enrolada no braço esquerdo, feria com a espada os pobres odres de couro, alagando o quarto com ondas de vinho vermelho.

A fúria do estalajadeiro foi tamanha que se não o agarram era capaz de destruir Dom Quixote. Enquanto isso, Sancho farejava pelos recantos em procura da cabeça do gigante.

— Maldita estalagem! — ia dizendo. — Está enfeitçada. Eu vi a cabeça do gigante rolar por terra e agora só encontro odres furados. . .

Dom Quixote, que fizera aquilo em sonho, acordou e arregalou os olhos.

— Príncipe — disse ele, voltando-se para Cardênio —, foi-se o tirano. Meu fortíssimo braço o fez morder o pó.

Sancho sorriu, reanimado.

— Estão vendo? Meu amo já arrasou com o patife e eu serei rei da ilha dos negrinhos.

Os circunstantes não resistiram por mais tempo. A gargalhada foi geral, exceto da parte do estalajadeiro, que não achou graça nenhuma em ver tanto vinho perdido. Também sua esposa e a Maritornes mostravam cara feia.

Mas o cura prometeu acomodar tudo. Pagaria o vinho entornado. E Cardênio daria a Sancho a ilha do gigante morto. Tudo ótimo. Dom Quixote embainhou a espada e voltou para a cama. Minutos depois adormecia.

XIX



O que aconteceu na estalagem

— Que história de odre é essa, vovó? — perguntou Narizinho.

— Odre era um saco de couro de cabra em que na Europa antigamente se guardava o vinho. Hoje não é mais usado. O vinho é guardado em pipas, barris e garrafas.

— Ahn! — exclamou Emília. — Talvez seja por isso que o povo diz "bêbado como uma cabra".

— Pode ser, não sei. O que sei é que cabra não bebe. A origem das velhas expressões populares é sempre muito confusa, e não me admirarei que a explicação de Emília seja adotada por algum filólogo, que são os homens que estudam essas coisas.

— Chega de Emília, vovó — disse Narizinho enciumada. — Continue.

Emília pôs-lhe a língua e Dona Benta continuou.

— Logo depois — disse ela — entraram na estalagem três amigos de Cardênio, que vinham para a ceia. Sancho foi buscar Dom

Quixote.

Cearam com vontade. A sobremesa foi um discurso do cavaleiro da Mancha sobre os prodígios da cavalaria andante. Terminado o discurso, todos se recolheram. Só Dom Quixote ficou velando.

Foi ao pátio, arreou e montou no magro Rocinante. De escudo ao braço e lança em punho, ia pôr-se de guarda a hospedaria para que os encantadores e gigantes não viessem perturbar o sono do príncipe e dos demais.

Vendo aquilo, a Maritornes teve uma idéia malandra. No fundo da casa havia uma janelinha no alto. Para lá foi ela e de repente apareceu muito aflita, estorcendo as mãos, com os olhos no céu. Acenava para o cavaleiro em gestos desesperados, como a pedir-lhe que a socorresse.

Dom Quixote imediatamente viu na esfregona uma linda cativa que apelava para a cavalaria andante. Aproximou-se da janelinha. Ficou de pé no selim e alongou os braços para a desditosa castelã prisioneira. A perversa criatura, porém, laçou-lhe as mãos com uma correia, que atou a um ferrolho — e fugiu dali a rir-se doidamente.

Sentindo-se preso, Dom Quixote gritou por Sancho. Nada. Sancho roncava no mais profundo sono de sua vida. Dom Quixote então pôs-se aos berros, naquela trágica posição, imobilizado, com as mãos para cima, sobre o magro Rocinante impassível. "Estou encantado *per secula seculorum*", refletiu lá consigo, certo de que novamente fora vítima de algum mágico. E assim passou a noite.

Ao romper da manhã, quatro homens montados detiveram-se à porta da hospedaria e bateram.

— Cavaleiros ou escudeiros — gritou-lhes Dom Quixote —, ignorais por acaso que as portas deste castelo só se abrem ao nascer do sol? Retirai-vos e esperai que clareie o dia e o castelão vos admita.

— Que raio do diabo de castelo e castelão está o estafermo a falar? — exclamou um dos homens, espantado de ver aquele esqueleto humano, de pé sobre uma carcaça de cavalo e de mãos para o ar. — Uma reles tasca destas transformada em castelo! Vê-se cada uma nesta

vida. . . Desce daí e vem abrir-nos a porta, que é o melhor.

— Insolente! — berrou Dom Quixote. — Achas-me com cara de taverneiro?

Os homens riram-se e continuaram a malhar na porta. O estalajadeiro veio abrir, bocejando. Os homens saudaram-no a altos gritos. Rocinante assustou-se com a barulheira e escapou dali, deixando o seu dono dependurado pelas munhecas atadas. A dor fez Dom Quixote desferir um urro tremendo. Açoude o estalajadeiro, enquanto a travessa Maritornes voa à janela e desata a correia, deixando que o herói da Mancha se esborrache no chão.

Mas Dom Quixote ergueu-se incontinenti e pulou para cima do cavalo. E, sacudindo no ar a lança, bradou com voz terrível:

— Se alguém ousar dizer que mereci o encanto de que fui vítima esta noite, considere-se desde já desafiado — se o Príncipe Micomicônio o permitir.

Os viajantes abriram a boca. Não estavam compreendendo coisa nenhuma. Foi preciso que Cardênio, em rápidas palavras, lhes explicasse a loucura de Dom Quixote. Eles, então, depois de muitas risadas, propuseram-se a tomar parte na comédia do príncipe etíope, e Cardênio os apresentou ao herói da Mancha como pessoas de sua comitiva que também se haviam salvo do naufrágio.

Dom Quixote os saudou com solenidade e pediu ao príncipe que apressasse a partida, visto que estava cada vez mais ansioso por atracar-se com o gigante Zanaga.

A marcha continuou. O cura, porém, ia apreensivo. Se Dom Quixote percebesse que estava sendo conduzido para casa, certamente se revoltaria e lá se estragaria todo o plano. Teve uma idéia. Mandou construir uma grande gaiola gradeada onde um homem pudesse ficar à vontade, e arranjou um carro de bois. Pronto o gaiolão, Cardênio e os demais companheiros disfarçaram-se em fantasmas e de noite assaltaram Dom Quixote durante o sono. Amarraram-no e meteram-no na gaiola.

Ao ver-se tratado daquela maneira, Dom Quixote convenceu-se

de que realmente fora vítima dos terríveis mágicos, e mais ainda quando o barbeiro, mudando a voz, lhe disse:

— Ó valentíssimo Cavaleiro da Triste Figura, honra e glória do mundo! Não te aflijas do teu inesperado cativeiro. Assim que fores posto em liberdade, poderás dar começo à aventura contra o gigante que persegue o império de Micomicon.

E voltando-se para Sancho:

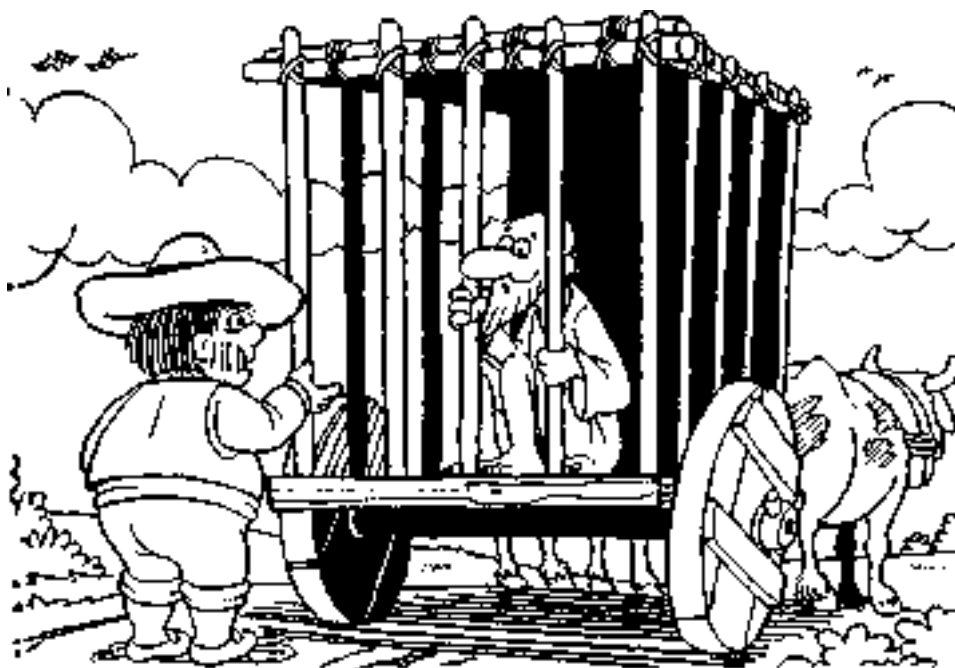
— E tu, ó, o mais nobre e leal dos escudeiros, consola-te de ver engaiolada a flor da cavalaria andante. Breve também subirás ao ápice da grandeza. Dá crédito às minhas falas. Segue em paz o grande herói cativo e não te inquietes. Os dias de glória estão próximos. Adeus.

Sossegado por aquela voz oracular, Dom Quixote respondeu, suspirando:

— Quem quer que sejas tu, ó duende que tomas a peito a minha sorte, não me deixes por muitos dias languescer neste vergonhoso cárcere. Tudo sofrerei sem uma queixa, contanto que esta provação me abra o caminho da glória. Quanto ao meu fiel escudeiro, se o destino me impossibilitar de oferecer-lhe a prometida ilha, ou um reino, minha gratidão e meu testamento o farão feliz.

Sancho agradeceu a bondade do seu amo, sem nem por sombras desconfiar da peça de que ambos estavam sendo vítimas.

Os duendes tomaram a gaiola e a arrumaram na carreta. Cardênio dispôs sobre Rocinante o escudo do herói e a bacia de barbeiro que era o elmo de Mambrino. Sancho montou no seu jumento. A mulher do estalajadeiro e a Maritornes vieram despedir-se, com fingida tristeza, do valente herói da Mancha. Dom Quixote consolou-as, dizendo que jamais esqueceria a ótima recepção que delas recebera.



A volta do engaiolado

— Sim, senhora! Boa bisca era a tal Maritornes — observou Narizinho. — Para mim não há gente pior que a que se diverte à custa dos pobres loucos.

— Também penso assim, minha filha — disse Dona Benta; — e no entanto é essa a inclinação da humanidade. Repare naquela demente que anda solta na vila. Assim que sai para a rua dando aqueles gritos, junta-se a molecada atrás — e um dia até o Pedrinho se meteu entre eles, eu bem sei. . .

O menino defendeu-se.

— Mas não foi para ajudar, nem me rir dela, vovó. Acompanhei-a apenas para observar. A senhora mesma diz que é preciso a gente não perder nunca a menor ocasião de observar a vida. Eu estava observando a loucura.

— Bom, se foi assim, está direito, porque aquela pobre louca só merece compaixão. Ficou gira, sabem por quê? Por perder uma filhinha

de cinco anos num desastre horrível.

— Lá vem vovó com coisas tristes! — protestou Narizinho. —
Volte depressa para a gaiola de Dom Quixote, antes que eu chore.

Dona Benta continuou a história do engaiolado.

— Não era mais necessário o auxílio de Cardênio — disse ela —
nem dos amigos de Cardênio. O cura e o barbeiro despediram-se deles,
prometendo inteirá-los mais tarde do resto da comédia. O falso príncipe
e sua comitiva montaram e partiram. Em seguida, pôs-se a caminho o
curioso farrancho do herói engaiolado.

À frente seguia o carreiro guiando os bois; lado a lado, dois
quadrilheiros que o cura chamara para auxiliá-lo; depois, o barrigudo
Sancho escanchado no burrinho e com a ilha a lhe ferver nos miolos;
depois, Rocinante, puxado pela rédea; finalmente, o cura e o barbeiro.

Dentro da gaiola via-se o grandíssimo cavaleiro da Mancha —
sentado, cabisbaixo, mudo, imóvel como a estátua da resignação.

Duas léguas caminharam assim até um vale de bom pasto, onde
se detiveram para descanso dos animais. Sancho, que começava a
desconfiar da comédia, aproximou-se do seu senhor e disse-lhe
baixinho:

— Meu amo, esses dois embuçados que nos seguem eu juro que
são o cura e o barbeiro lá da nossa terrinha. Tudo isto está me
cheirando a uma refinadíssima comédia.

— Desconfia dos teus olhos, amigo Sancho — respondeu o
herói. — Os mágicos encantadores tomam todas as formas.
Provavelmente tomaram a forma do cura e do barbeiro para melhor nos
iludirem.

Sancho ficou pensativo. Depois:

— Eu tinha vontade de fazer a V. Sa. uma perguntinha, mas
não ousou. . .

— Ousa, ousa, meu filho. Que é?

— É que. . . é que estou a matutar se V. Sa., depois que foi
encantado, não sentiu ainda uma certa necessidade. . .

— Sim, sim, amigo Sancho. Sinto necessidade de ver-me fora

desta prisão.

— Não é disso que falo, meu senhor. . .

— Então de que é?

Sancho explicou-lhe que necessidade era.

— Percebo — respondeu o herói. — Sinto-a, sim, e bastante, neste momento.

Sancho deu uma risada gorda.

— Apanhei-o! V. Sa. não vive dizendo que os cavaleiros encantados não comem, não dormem, não bebem, não fazem coisa nenhuma que os outros homens fazem? Logo, se V. Sa. sente a tal necessidade, então é que não está encantado.

Dom Quixote ficou pensativo.

Enquanto o amo e o escudeiro dialogavam, os animais comiam a verde relvinha, e o cura, o barbeiro e os quadrilheiros aliviavam os alforjes das comedorias. Sancho aproximou-se do cura e pediu-lhe licença para soltar Dom Quixote por uns instantes, a fim de que ele desse uma voltinha pelo mato. O cura concedeu a licença com uma condição: que o herói promettesse sob palavra voltar à gaiola sem fazer nenhuma tentativa de fuga.

— É boa! — exclamou o escudeiro. — Se V. Sas. são mágicos, não vejo necessidade de tal promessa. Basta que façam um aceno com a varinha e quem tentar fugir ficará grudado ao chão, preso de raízes. . .

O carreiro foi abrir a gaiola. Dom Quixote saiu, estirou os braços e foi dar umas palmadas no pescoço de Rocinante.

— Meu querido cavalo, flor dos corcéis! Breve nos tornaremos a ver e continuaremos nosso glorioso rosário de aventuras.

Em seguida, antes de dar a volta pelo mato, deteve-se junto ao grupo para um dedo de prosa. Nesse instante ouviu-se um toque de buzina. Dom Quixote aprumou-se, à escuta, pronto já para a peleja.

Era uma procissão de penitentes que pediam chuva. Num andor vinha uma grande imagem de Nossa Senhora, que imediatamente Dom Quixote tomou como uma princesa a implorar socorro. E ei-lo que agarra da lança, do escudo, e salta sobre Rocinante, dizendo:

— Notai, senhores, a utilidade da cavalaria andante. Reparai na infeliz princesa que os malandrins levam cativa. Quem a libertaria, se aqui não se achasse um cavaleiro andante?

Disse e fincou as esporas no cavalo, lançando-se contra a procissão.

— Espere! Espere! — gritaram o cura e o barbeiro, aflitíssimos. — É uma simples procissão de penitentes, senhor! É a imagem de Nossa Senhora e não princesa nenhuma! . . .

Foi o mesmo que clamar no deserto. Dom Quixote já ia longe.

— Vil canalha! — trovejava ele. — Libertai já essa infeliz princesa de ar triste que trazeis cativa.

A resposta foi uma gargalhada geral.

Dom Quixote enfureceu-se. Cobriu-se com o escudo e atacou. Mas um dos homens estava armado de porrete, com o qual lhe assenta tamanho golpe que o tonteia. Dom Quixote cai. Açodem Sancho, o cura, o barbeiro e explicam aos penitentes o caso do fidalgo da Mancha. E a procissão segue o seu caminho, enquanto o fiel escudeiro, debruçado sobre o amo imóvel, tudo faz para acordá-lo. Por fim, Dom Quixote abriu os olhos e suspirou.

— Amigo — diz ele —, ajuda-me a subir ao carro encantado. A dor que sinto no lombo não me permite cavalgar o valente Rocinante.

— Sim, meu senhor. Voltemos à nossa aldeia e fiquemos lá até que passe esse raio de encantamento, ou o que seja, que veio interromper nossas aventuras. Depois continuaremos — e havemos de operar prodígios.

E o invencível Cavaleiro da Triste Figura foi novamente enfiado na gaiola. A marcha recomeçou. No fim do sexto dia chegaram ao destino. Era domingo. Os camponeses, vindos a compras na aldeia, reuniram-se em redor do carro do gaiolão. Seguiram em massa — e foi assim que a caravana chegou à velha casa do fidalgo da Mancha.

O barulho atraiu à porta a sobrinha e a ama de Dom Quixote. Ao darem com ele numa gaiola, deitado num monte de palha, magríssimo e extremamente pálido, rompem as duas em choro e gritos.

A notícia da chegada dos dois heróis voou pela aldeia. A mulher de Sancho acudiu correndo. Abraçou-o, apalpou-o, como a ver se não lhe faltava pedaço nenhum, e perguntou logo pelo burrinho.

— Está mais que bom — respondeu Sancho — apesar do que lhe aconteceu. Desta vez não trouxemos a ilha: mas a ilha virá na certa. Serei conde, duque, marquês, o diabo. Governador dum grande reino, vais ver. E por conta já podes ir recebendo este ourinho — concluiu ele, entregando à esposa o saco de moedas.

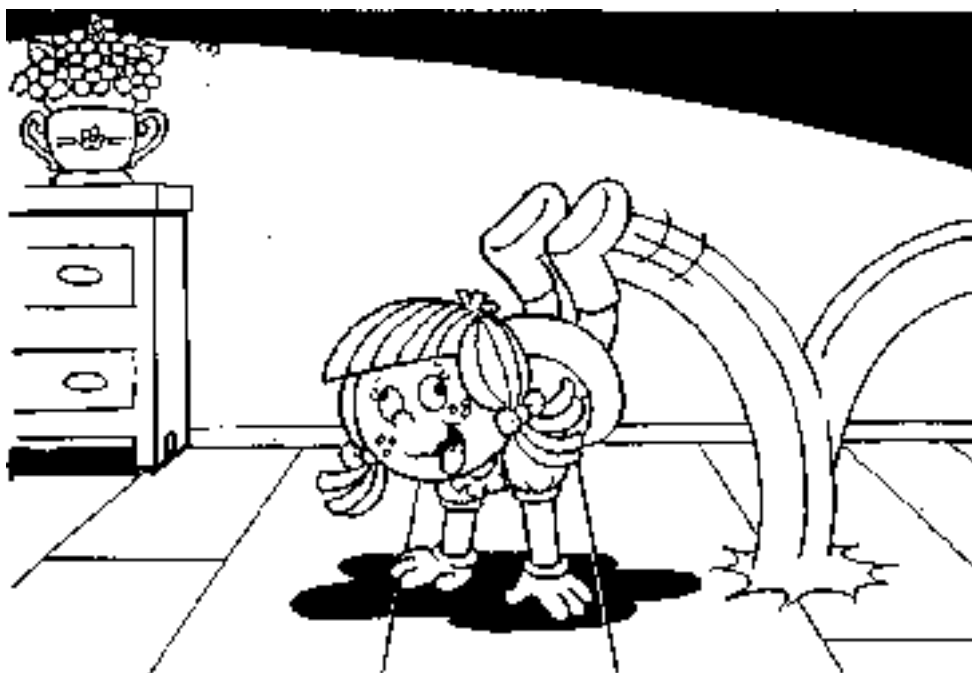
Os olhos da boa mulher brilharam.

— Oh, Sancho! Estou tão contente! Tudo isto só para começar? Então iremos longe. Uma ilha! Conde! Duque! Governador! Que beleza!

— Se é! — exclama Sancho. — Mas custa um bocado. Antes de a gente apanhar essas coisas, é tunda e mais tunda, pau e mais pau. Além disso, uma trabalhadeira sem fim; ora a galgar montanhas cheias de pedras e espinhos, ora a trepar em rochas empinadíssimas; hoje a dormir ao relento; amanhã a pousar em castelo que vira albergue — e sempre uma tunda de pau no fim. A ilha vem, não há dúvida, mas as costelas vão ficando pelo caminho. . .

Enquanto o casal dialogava neste tom, o cura pagou o carreiro e deu uma gorjeta aos quadrilheiros, os quais se foram. Dom Quixote foi carregado ao seu quarto e posto em sua velha cama.

— E cuidado, hein? — rematou o cura, dirigindo-se à ama e à sobrinha. — Não o deixem fugir. Olhem que me deu panças para botá-lo aqui. Cáspite! . .



Terceira saída de Dom Quixote.

Aventura do carro da Morte

Nesse momento Tia Nastácia entrou para avisar que uma pessoa lá na varanda queria ver Dona Benta. A velha saiu, deixando a criançada só.

Emília pôs-se a pular pela sala, como uma perfeita louca. Voltando-se para Pedrinho, Narizinho disse:

— As histórias de Dom Quixote estão virando a cabeça dela. Você vai ver, Pedrinho: o fim de Emília é no hospício. . .

— Ganja demais, é isso — explicou o menino. — Aqui quem manda é ela. Tudo quanto ela faz aquele sujeito conta nos livros. Daí a ganja. Emília já não respeita ninguém. Não obedece a ninguém — nem a vovó.

Emília continuava a dar vira-cambotas. Depois foi buscar um cabinho de vassoura e disse que era lança, e começou a espetar todo mundo. E botou um cinzeiro de latão na cabeça, dizendo que era o elmo de Mambrino. Por fim montou no Visconde, dizendo que era Rocinante.

Foi demais aquilo. Narizinho não agüentou. Correu para cima dela e deu-lhe um peteleco.

Nesse momento Dona Benta voltou.

— Que barulhada é esta, meninos?

— É inveja, Dona Benta! — berrou Emília. — Esses dois não me aturam mais, de inveja pura, puríssima — e ria-se, ria-se. . .

— Inveja de quê? — perguntou Narizinho. — Tinha graça, termos inveja duma maçaroca de pano de um cruzeiro e cinqüenta o metro. . .

— Inveja, sim! — berrou Emília. — Sou de pano, sim, mas de pano falante, engraçado paninho louco, paninho aqui da pontinha. Não tenho medo de vocês todos reunidos. Agüento qualquer discussão. A mim ninguém me embrulha nem governa. Sou do chifre furado — bonequinha de circo. Dona Quixotinha. . .

Dona Benta arregalou os olhos. Emília parecia realmente louca.

— Anastácia, acuda! — gritou ela. — Depressa um chazinho de erva-cidreira.

Ainda por uns minutos Emília esteve naquela crise de cambalhotas e fanfarronadas de todo o tamanho. Depois, subitamente, sossegou.

Só então Dona Benta pôde retomar o fio da história, mas enquanto falava ia espiando a boneca com o rabo dos olhos. Positivamente Emília estava mudada. Seria mesmo loucura?

— Por todo um mês — disse Dona Benta — Dom Quixote ficou de molho na cama, a retemperar-se com os bons caldos de galinha que a ama lhe dava. Suas forças foram-se levantando. No fim do mês veio o cura visitá-lo, sempre seguido de mestre Nicolau. O herói da Mancha os recebeu com a sua natural urbanidade.

— Está correndo a notícia — começou o cura — de que os turcos avançam com uma grande esquadra, sem que se saiba que ponto pretendem atacar. O nosso rei já mandou guarnecer de tropas e canhões as costas de Nápoles e da Sicília.

— Sua Majestade — respondeu Dom Quixote — agiu com todo o

acerto, embora não houvesse necessidade disso. Bastaria que mandasse convocar a sons de trompa todos os cavaleiros andantes de Espanha, inda que sejam só doze — e os lançasse contra os turcos. Um conheço eu, cujo fortíssimo braço bastaria para dar cabo de todos os sectários de Mafoma.

— Jesus! Santo nome de Jesus! — exclamou a sobrinha.

— Meu tio parece querer arvorar-se em cavaleiro andante!

— Arvorar-se! — bradou Dom Quixote. — Arvorar-se! Ignoras então, menina, que sou e sempre fui, pela graça de Deus, um invencível cavaleiro andante?

O cura, que contara toda aquela história dos turcos só para experimentar o estado de espírito do doente, saiu dizendo:

— Não melhorou nada. Continua tão louco como antes. Nisto soaram passos balofos. Era Sancho, que vinha vindo muito afobado. As duas mulheres saíram-lhe à frente.

— Vagabundo! Queres novamente induzir Dom Quixote a correr ceca e meca? — gritou-lhe a sobrinha.

A ama, de mãos na cintura, sacudiu a cabeça:

— Tudo por causa do raio da tal ilha! Imbecil! Se queres ser governador de alguma coisa, vai governar tua casa, que é o melhor. Tudo lá anda à matroca.

O cura e o barbeiro riam-se daquele pega. Mas Dom Quixote deu ordem para que o escudeiro entrasse.

— Ora vem cá, meu amigo. Senta-te. Que dizem de mim na aldeia?

— Que hão de dizer? — respondeu Sancho. — Dizem que V. Sa. não passa de um louco e eu dum imbecil.

— É sempre assim — filosofou Dom Quixote resignado.

— A inveja nunca poupa aos heróis. Veja Alexandre, veja César ou mesmo o divino Hércules. E ninguém tomou o meu partido?

— Ninguém — disse Sancho —, salvo um certo bacharel de Salamanca, filho de Bartolomeu Carrasco. Esse rapazola chegou ontem e anda doido por falar com V. Sa.

— Pois que venha! Que venha já! — gritou o fidalgo com alegria. — Corre a chamá-lo, Sancho.

O escudeiro apressou-se a cumprir a ordem. O rapaz veio.

Era um moço de vinte e tantos anos, magricela, descorado, de cara redonda e olhos espertos. Parecia maligno e brincalhão. Logo que entrou no quarto do doente, ajoelhou-se e disse:

— Consinta V. Sa. que eu beije a valentíssima destra do cavaleiro andante mais amado de quantos existiram, existem e existirão. O eco das proezas de V. Sa. enche o universo. Por toda parte o proclamam o orgulho e a glória da Mancha.

— Erga-se, erga-se, Senhor Carrasco — ordenou-lhe Dom Quixote com a voz ardente. Muito me alegra ter encontrado um digno apreciador da nobilíssima profissão que exerço.

Nesse momento Rocinante relinchou na estrebaria. Foi o bastante para Dom Quixote pegar fogo. Decidiu. Resolveu partir a correr mundo dali a três dias. O esperto bacharel achou a idéia excelente, e aconselhou-o a ir a Saragoça, onde estava para realizar-se uma justa ou torneio. Em seguida despediu-se com grandes palavras de admiração e louvor.

No dia seguinte a ama aparece na casa do bacharel.

— Ah, Senhor Carrasco! Tudo está perdido! Meu amo desandou — quer partir novamente. E para quê? Para reaparecer na aldeia atravessado num jumento ou metido numa gaiola, pálido que nem cadáver e por um fio. Valha-nos Deus! Estou que não sei mais o que fazer...

— Não se aflija — respondeu o bacharel. — Volte para casa. Vá cuidar do almoço que eu apareço dentro de meia hora.

Enquanto isso, Dom Quixote discutia com Sancho Pança a propósito do ordenado. Sancho desejava ordenado certo.

— Olha, amigo Sancho — dizia o cavaleiro —, eu nunca li em nenhuma história que os escudeiros recebessem ordenados. Os escudeiros nos servem unicamente com a esperança de, quando menos esperam, serem recompensados com uma ilha ou reino. E se não estás

por isto, é recolheres à tua casa. Continuaremos amigos como dantes.

Sancho, pensativo, cocava a cabeça. Logo depois entram no quarto a ama, a sobrinha e o bacharel. Este dá um abraço em Dom Quixote e diz:

— Ó flor da cavalaria! Não dilates a tua terceira arrancada. Corre à justa de Saragoça e se este escudeiro não quer acompanhar-te, eis-me pronto para substituí-lo.

O herói da Mancha voltou-se para Sancho.

— Então, que te parece, amigo? Bem vêes que não faltam escudeiros e de que naipe! Aqui está um finíssimo, eleito das musas de Salamanca. Oferece-se de coração aberto. Quer expor-se a todos os perigos, à fome, ao frio, às intempéries, só pela honra de acompanhar-me como fiel escudeiro. Ainda queres deixar-me, Sancho?

— Oh, nunca, meu querido amo! —olveu Sancho, debulhado em lágrimas.

A ama e a sobrinha rogaram mil pragas no bacharel e em Sancho, o que não impediu que naquele mesmo dia os três partissem de rumo a Saragoça.

Em caminho, perto duma floresta, viram, rodando ao seu encontro, um carro estranhíssimo, rodeado de gente mais estranha ainda. O carreiro era um diabo horrendo e à sua direita vinha a Morte sob a forma dum esqueleto humano. Atrás, um anjo de asas penduradas; depois, um imperador de coroa na cabeça; à esquerda do esqueleto, um cupido de arco e seta mas sem venda nos olhos. E um guerreiro armado de ponto em branco. E mais figuras assim.

O invencível cavaleiro da Mancha arregalou os olhos, surpreso. Mas ardendo por mostrar o seu heroísmo, avançou, bradando:

— Carreiro, cocheiro de Lúcifer ou quem quer que sejas: diz-me incontinenti que pretendes e para onde seges — e que gente levas contigo nesse carro que mais parece a barca de Caronte!

— Somos atores cômicos — respondeu o vestido de diabo. — Inda há pouco representamos um drama na aldeia próxima, e pretendemos representá-lo hoje mesmo na que fica a uma légua daqui

— por isso nem sequer nos despimos.

Dom Quixote desapontou.

— À fé de cavaleiro que supus tratar-se de coisa mais séria — disse ele. — Bem fala o ditado que as aparências enganam. Segue em paz. Vai representar o teu drama.

Nisto um dos atores se aproxima. Vinha coberto de dourados e guizos, com uma vara na mão com três bexigas cheias na ponta. Batia com ela e pulava, retinindo todos os guizos. A estranha e barulhenta figura assustou Rocinante, fazendo-o tomar o freio nos dentes e disparar num galope súbito, a que o cavaleiro não pôde resistir. Dom Quixote estatelou-se no chão. Açode Sancho. Apeia. O diabo dos guizos, vendo o burrinho à sua disposição, monta nele e dispara, a tocá-lo com bexigadas.

Sancho, aflito, ergue o amo, ajuda-o a cavalgar Rocinante e berra, angustiado:

— Veja, senhor! O diabo guizento furtou-me o burro!

— Que diabo? — perguntou Dom Quixote que não percebera a molecagem.

— O tal dos guizos, que assustou Rocinante. Lá vai ele longe, no galope. . .

— Não te aflijas, Sancho. Fá-lo-ei restituir o animalzinho ainda que tenha de apanhá-lo no centro da terra. Acompanha-me.

— É escusado, senhor — disse Sancho, com os olhos ao longe. — O ladrão acaba de apear-se. Largou o burrinho, o qual lá vem de volta, no trote. . .

— Não, não — insistiu Dom Quixote. — Quero castigar esses insolentes — e castigá-los-ei ainda que sejam imperadores.

E atirou-se contra o carro da Morte, por mais que Sancho lhe gritasse:

— Senhor, senhor! Não se meta com histriões. Isso é gente de má casta! . . .

Tudo inútil. O herói voava em cima dos ossos de Rocinante. Vendo aquilo, os atores prepararam-se para a resistência, munindo-se

de pedras.

A certa distância o herói da Mancha sofria o cavalo. Sancho insiste:

— Isso é mais que temeridade, senhor — atacar um exército comandado pela Morte em pessoa e composto de imperadores, anjos e diabos. Ali não vejo nenhum cavaleiro andante.

— Tens razão, amigo — respondeu Dom Quixote. — Esta aventura não me está parecendo natural. Abandonemo-la. Procuremos outras mais dignas do meu forte braço.

Vendo que o herói parará na carreira e fazia menção de voltar, os atores tornaram ao carro e puseram-se em marcha. E o incidente ficou por aí.

Quanto ao bacharel Carrasco, esse sumira-se.

XXII



Aventura de Dom Quixote com o Cavaleiro dos Espelhos

Quando Dona Benta chegou a esse ponto, parou e indagou da Emília.

— Onde anda o diabretinho? Emília desaparecera.

— Há de estar lá na cozinha atropelando Tia Nastácia — respondeu Narizinho. — Continue a história, vovó, enquanto a, atrapalhadeira não aparece.

Dona Benta continuou.

— A floresta marginal — disse ela — apresentava sombras convidativas; os dois heróis resolveram tirar uma soneca de descanso. Estavam no melhor dela quando, horas depois, um ruído súbito acordou Dom Quixote, o qual se senta e vê dois homens a cavalo que param perto. Um deles disse ao outro:

— Tira os freios dos cavalos. Esta sombra está boa para um descanso.

Em seguida deitou no chão as armas e fez o mesmo ao seu corpo cansado.

O alvoroço de Dom Quixote foi grande ao ver que se achava à frente dum legítimo cavaleiro andante. Acordou Sancho e disse-lhe, baixinho:

— Sancho, Sancho, desta vez temos aventura das boas.

— Que realmente seja boa — respondeu o escudeiro, esfregando os olhos. — De más estou farto. Onde anda ela?

— Não vês acolá aquele cavaleiro deitado?

— Vejo, senhor, sim, mas que tem isso? Acha que um cavaleiro deitado seja aventura?

— As aventuras começam assim, meu caro Sancho.

E, voltando-se para o desconhecido, gritou-lhe a frase clássica:

— Quem vive?

— Amigo — respondeu o sujeito.

Dom Quixote adiantou-se, acompanhado pelo fiel escudeiro.

— Queira sentar-se aqui ao meu lado — disse o desconhecido.

— Imagino que V. Sa. é cavaleiro andante, pois está guarnecido de armadura e armas e jazia reclinado neste bosque, como faziam os heróis de outrora que se dedicavam à nossa alta profissão.

— É verdade, senhor — respondeu Dom Quixote. — Tenho a honra de ser cavaleiro andante e passo a vida a socorrer os fracos e a vingar os oprimidos.

— E a conquistar reinos e ilhas — acrescentou Sancho — para com eles e elas brindar o fiel servidor.

— Quem está falando? — quis saber o desconhecido.

— É o meu escudeiro Sancho Pança — respondeu Dom Quixote.

— Escudeiro? E ousa intervir na conversa do seu amo? — observou o desconhecido. — Pois acolá tenho o meu, o qual, apesar de homem maduro, nunca se atreve a abrir a boca diante de mim.

— Essa é boa! — exclamou Sancho. — Se não abre a boca, é

que é mudo. Eu cá falo ao Senhor Dom Quixote sempre que me apraz — e não tenho papas na língua.

O escudeiro do desconhecido puxou Sancho pelo braço, murmurando-lhe:

— Afastemo-nos daqui para conversarmos à vontade. Retiraram-se os dois para um canto da floresta.

— Meu caro — disse o novo escudeiro —, nós levamos uma vida do inferno. Roemos pão duro, quando o há. Levamos pancadaria grossa. Suamos água e sangue.

— Assim é — concordou Sancho. — E em lugar de bons vinhinhos, só bebemos água das fontes e arroios.

— Isso mesmo. Mas esta noite não será assim. Tenho cá a minha borracha e este empadão. Toma um pedaço.

— Oh, vinho e empada! — exclamou Sancho, arregalando os olhos. — Que banquete!

Sancho mordeu a empada e a mastigá-la disse, com os olhos na borracha de vinho:

— Permite-me Vossa Mercê que eu pespegue um beijinho nessa menina?

— Com muito prazer — respondeu o outro passando-lhe a borracha.

Sancho deitou-se, com a borracha na boca e os olhos no céu. Ficou uns instantes naquela posição, a mamar o delicioso vinho. Por fim, senta-se e estala a língua.

— Este é legítimo de Ciudad Real, não?

— Adivinhou! E velhinho.

Entrementes, o cavaleiro desconhecido — que era o Cavaleiro dos Espelhos — declarava a Dom Quixote:

— Sim, senhor. Os meus trabalhos e aventuras igualam-se aos trabalhos de Hércules. Já percorri grande parte da Espanha, vencendo uma infinidade de cavaleiros. Mas o meu maior feito foi a derrota infligida ao famoso Dom Quixote de Ia Mancha.

— Dom Quixote de Ia Mancha, senhor? V. Sa. engana-se.

Dom Quixote de la Mancha está aqui. O que V. Sa. venceu era falso.

— Falso ou verdadeiro — replicou o dos Espelhos — o certo é que o venci. E tenho dito.

— Mente! — bradou o herói da Mancha. — Erga-se e tome a lança.

— Esperemos que amanheça — respondeu o outro — e então combateremos, mas com uma condição: o vencido obedecerá ao vencedor em tudo que não colidir com as regras da cavalaria andante. Aceita?

— Aceito — respondeu Dom Quixote.

Os dois campeões foram prevenir os respectivos escudeiros para que tudo aprontassem ao surgir do sol.

Só quando a manhã rompeu, pôde Sancho reparar na cara do seu amigo escudeiro, e assombrou-se do enorme nariz que ele tinha. Do seu lado, Dom Quixote observou o seu adversário, já com o rosto oculto pela viseira. Tinha a estatura mediana, se bem que retaco e forte.

Aproximam-se os cavalos arreados. Os dois contendores montam. Sancho, assustadíssimo com o tremendo nariz do escudeiro colega, sussurra para seu amo:

— Senhor Dom Quixote, estou com medo daquela penca. Vou ficar de longe, encarapitado numa árvore.

— Queres ver touros de palanque, é isso — murmurou o cavaleiro.

Disse e cravou as esporas no magro Rocinante, que saiu no galope. O Cavaleiro dos Espelhos fez o mesmo. Mas ao dar a esporada, o seu corcel empinou e o jogou ao chão.

Vendo aquilo Dom Quixote volta. Sancho desce da árvore. Vão os dois acudir ao cavaleiro desastrado. Tiram-lhe o elmo e, oh, pasmo! Oh, assombro! Não era outro senão o bacharel Sansão Carrasco! . . .

— Que te parece, amigo Sancho? — disse Dom Quixote. — A malícia dos encantadores é infinita. Transformaram o Cavaleiro dos Espelhos no nosso amigo Carrasco. . .

— Hum! — exclamou Sancho. — Pelo sim, pelo não, acho que V. Sa. deve cortar-lhe a cabeça.

Dom Quixote gostou da idéia e já ia sacando da espada, quando o escudeiro do bacharel lhe caiu aos pés, bradando:

— Suspenda, senhor! Suspenda! Olhe que vai matar o seu melhor amigo! . . .

— Nada de lérias — gritou Sancho, e vendo que o enorme nariz desaparecera do rosto do outro: — Onde está o seu nariz?

— Aqui — respondeu o escudeiro, mostrando um nariz de papelão.

Nesse momento Sancho reconhece o homem.

— Diabo! Não é o compadre Tomás Cecial?

— Em corpo e alma, caro Sancho. Vou contar tudo. Vou contar por que motivo nos disfarçamos deste jeito.

Mas Dom Quixote já estava com a ponta da espada no gasnete do cavaleiro.

— Confesse, cavaleiro, que esse que venceu não era o autêntico Dom Quixote de Ia Mancha e sim algum parecido; como eu confesso que V. Sa. não é o bacharel Carrasco e sim outro parecido.

— Perfeitamente, senhor — respondeu o cavaleiro, estatelado. — Confesso tudo quanto V. Sa. me ordenar.

Dom Quixote meteu a espada na bainha e o escudeiro Tomás ajudou o bacharel a erguer-se e a montar em seu cavalo. Estavam ambos desapontadíssimos. Carrasco se havia disfarçado em cavaleiro andante por instigações e conselhos do cura, com a idéia de bater-se com Dom Quixote, vencê-lo e obrigá-lo a tornar à aldeia. Infelizmente aquele inopinado tombo estragou tudo, fazendo o feitiço virar contra o feiticeiro.

O herói da Mancha, que tudo atribuía a feitiços e mágica, tomou o rumo de Saragoça, muito satisfeito consigo, enquanto o bacharel Carrasco, furiosíssimo com a derrota, jurava a todos os deuses não tornar à aldeia antes de bater para sempre o ilustríssimo Dom Quixote de la Mancha.

Meia légua dali Dom Quixote tem novo encontro — um homem montado em bonita égua, com um capote de veludo verde sobre os ombros e boné do mesmo pano. Num rico boldrié trazia um alfanje mourisco. Botas de verniz rebrilhante, esporas também verdes. Seu aspecto infundia confiança e respeito.

O homem entreparou e saudou Dom Quixote, mostrando-se admirado do encontro de tão magra e alta criatura sobre aquele magríssimo cavalo.

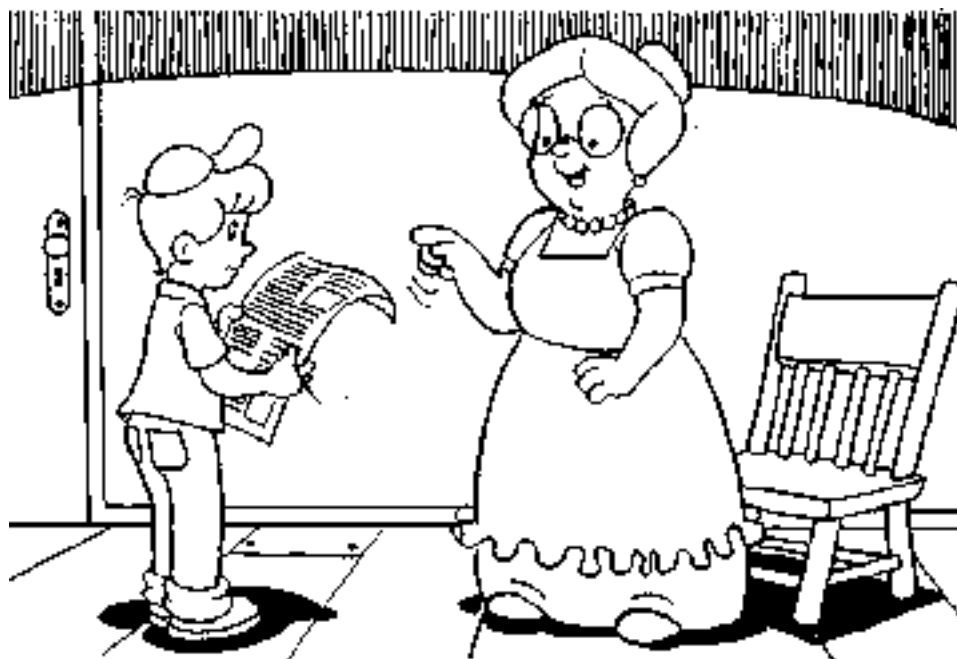
— Penso — disse o herói da Mancha — que V. Sa. está a estranhar o ver-me armado desta maneira. Contarei do que se trata. Sou um cavaleiro andante que quer ressuscitar a nobre profissão e corre mundo a socorrer donzelas e a vingar agravos. Chamo-me Dom Quixote de la Mancha, o Cavaleiro da Triste Figura.

O gentil-homem baixou a cabeça ao ouvir nomear aquele exótico apelido.

— Muito desejo — continuou o herói da Mancha — saber o seu nome e conhecer suas ocupações — se não sou indiscreto.

— Sou Dom Diogo de Miranda — respondeu o fidalgo. — Resido numa aldeia perto daqui, onde espero que V. Sa. me dê a honra de jantar comigo. Nasci razoavelmente rico. Acudo aos necessitados, arranjo a vida dos que a têm desarranjada; moro com minha mulher e filhos, e recreio-me na caça e na leitura dos bons livros.

— Uma vida que muito vos honra, Dom Diogo — disse Dom Quixote.



A grande coragem de Dom Quixote diante dos leões

Dona Benta interrompeu a narrativa para atender a uma pergunta de Pedrinho. O menino queria saber se ela estava contando a história inteira ou só pedaços.

— Estou contando apenas algumas das principais aventuras de Dom Quixote, e resumidamente. Ah, se fosse contar o Dom Quixote inteiro a coisa iria longe! Essa obra de Cervantes é bem comprida; passa de mil páginas numa edição in-16. Mas só os adultos, gente de cérebro bem amadurecido, podem ler a obra inteira e alcançar-lhe todas as belezas. Para vocês, miuçalha, tenho de resumir, contando só o que divirta a imaginação infantil.

— In-16, vovó? Que quer dizer isso?

— É uma medida do formato dos livros. Os livros são feitos de papel, como você sabe. O papel vem da fábrica em folhas. Em cada folha imprime-se um certo número de páginas. Espere. . . O melhor é dar um exemplo. Traga um jornal.

Pedrinho foi buscar um número do *Jornal do Comércio*, que Dona Benta toda a vida assinou por ser um dos mais antigos do Brasil.

— Pronto, vovó — disse ele. — Aqui tem um.

— Muito bem — disse Dona Benta. — Vamos agora tomar uma folha inteira e desdobrá-la sobre a mesa, assim. Aqui tem você uma folha de papel. Se dobrarmos esta folha pelo meio, quantas páginas ficam? Página é um lado só do papel. — Pedrinho dobrou a folha de papel e contou.

— Ficam quatro páginas.

— Isso mesmo. Ora, se imprimirmos um livro em páginas desse formato, esse livro se chamará um infólio. Agora dobre o papel mais uma vez e veja quantas páginas dá.

Pedrinho dobrou a folha de papel e viu que dava oito páginas.

— Muito bem. Um livro impresso em páginas desse formato é um livro in-oitavo, ou in-8. Dobre o papel mais uma vez e conte.

Pedrinho dobrou o papel mais uma vez e contou dezesseis páginas.

— Isso mesmo. Um livro impresso em páginas desse formato é um livro in-dezesseis, in-16. Dobre o papel mais uma vez e conte.

Pedrinho dobrou o papel mais uma vez e contou trinta e duas páginas.

— Justamente. Um livro impresso nesse formato é um livro in-trinta e dois ou in-32. Dobre mais uma vez.

Pedrinho dobrou e viu que dava sessenta e quatro páginas.

— Isso mesmo. Um livro impresso nesse formato é um livro in-sessenta e quatro, ou in-64.

— E se eu dobrar mais uma vez, teremos o formato in-128, que é o dobro de 64; não é assim? — perguntou o menino.

— Exatamente.

— Ora veja só, vovó, uma coisa tão simples e eu não sabia! Vou ensinar a Narizinho.

A menina vinha entrando.

— Narizinho — disse ele —, venha aprender uma coisa que você

não sabe. . .

— Depois. Temos novidade — respondeu ela. — Emília anda lá fora fazendo as maiores loucuras. Virou cavaleira andante e obrigou Rabicó a virar Rocinante. Arranjou escudo, lança, espadinha e até armadura. E quer atacar Tia Nastácia, dizendo que não é Tia Nastácia nenhuma, e sim a gigante Frestona. O pobre Visconde segue atrás como escudeiro, vestido de uma roupa larga, que Emília encheu de macela para que ficasse gordo e barrigudinho como Sancho. Só vendo, vovó! Está doida, doida. . .

— Bem, bem — disse Dona Benta. — Emília que se divirta por lá. Nós vamos continuar a nossa história. Onde ficamos?

— Ficamos no ponto em que Dom Quixote encontra o tal Dom Diogo.

— Sim. Ele pôs-se de prosa com esse fidalgo enquanto Sancho se afastava para comprar uns requeijões dum cabreiro que vinha passando. Nisto repontou um carro ao longe. Dom Quixote, que, para descansar a cabeça, dera o elmo para Sancho segurar, reclama-o. Sancho, às voltas com os requeijões, paga-os depressa e corre a atender ao chamado de seu amo, mas no açodamento distrai-se e enfia os requeijões dentro do elmo.

— Sancho, Sancho, depressa meu elmo — insiste Dom Quixote. — A aventura que se aproxima requer todas as minhas armas e todo o meu esforço.

Sancho, com os olhos no carro, entrega ao amo o elmo que Dom Quixote, sem dar tento, põe na cabeça com os requeijões e tudo. Um chuveiro de soro escorreu-lhe pelas faces.

— Que é isto, Sancho? Parece que os meus miolos estão se derretendo. Nunca tanto suor me alagou o rosto. Depressa um lenço para enxugar-me.

Sancho passou-lhe um lenço, mas Dom Quixote, tirando o elmo, vê lá no fundo a massa de requeijões. Cheira aquilo e brada, colérico:

— Ah, traidor! Guloso! Deitaste requeijão fresco em meu elmo!

— Requeijões frescos, senhor? — repetiu Sancho, fazendo-se de

assombrado. — Malditos encantadores! De que haviam de lembrar-se para perder-me no conceito do meu bom amo! Mas passe para cá a massa, senhor, que a guardarei no meu bucho.

Enquanto o escudeiro ia acomodando no bucho os requeijões esmagados, Dom Quixote enxugava a cara e a barba e punha de novo o elmo já vazio. Firmou-se na sela e bradou:

— Que venha agora o que vier. Vencerei até Satã com toda a sua recua de demônios.

Dom Diogo olha na direção do "inimigo" e nada mais vê senão um carro conduzido por dois homens, um atrás, outro montado numa das mulas. Dom Quixote, espetado no meio da estrada, de lança em punho, gritava:

— Para onde ides, amigos? A quem pertence esse carro? Que leva dentro? Que significam tais bandeirolas?

— Este carro é meu — respondeu o homem montado na mula. — Vão nele dois leões enjaulados que o governador de Orã manda de presente a el-rei. As bandeirolas indicam que é serviço de Sua Majestade. Eis tudo.

— São de bom tamanho esses leões? — pergunta Dom Quixote.

— Dos maiores que a Espanha ainda viu. E como estão esfaimados, peço a V. Sa. que não retarde por mais tempo a nossa viagem.

— A mim, leõezinhos! — exclamou Dom Quixote. — Já, condutor, abre-lhes a jaula. Quero medir-me com os cavaleiros do deserto. Quero provar aos mágicos encantadores quem é Dom Quixote de Ia Mancha.

Dom Diogo e Sancho muito trabalharam para dissuadi-lo de tão temerária resolução; vendo que era tempo perdido, correram dali a galope. Dom Quixote, receoso que Rocinante se espantasse com a caraça horrenda das feras, apeou. Enfrentaria os monstros a pé. E contra eles avançou, de espada em punho.

O condutor foi intimado a abrir de par em par a porta do gaiolão. Não teve remédio. Abriu-a, mas com espanto geral os leões, em vez de

se arrojamem contra o cavaleiro, olharam-no por alguns instantes e, passando a língua pela beicorra, deitaram-se, virando-lhe as costas.

Ofendido com aquela descortesia, Dom Quixote mandou que o condutor espancasse as feras.

— Impossível, senhor — respondeu o homem. — Se eu o fizesse, os leões me despedaçariam. Que mais pretende V. Sa.? Já os desafiou. Já provou a sua tremenda valentia e, como as feras se recusam ao combate, é que estão vencidas e V. Sa. vitorioso.

— Tens razão — concordou o herói. — Quero agora que me dê um atestado onde se confirme esta proeza altíssima.

i Que levem a breca os encantadores e viva a cavalaria andante! Em seguida agitou o lenço na ponta da lança para indicar aos medrosos, que de longe aguardavam o desenlace da aventura, que tudo ia bem. Dom Diogo e Sancho voltaram imediatamente.

— Amigo — disse Dom Quixote ao condutor —, podes seguir teu caminho, e dá tu, Sancho, três moedas a este homem.

— Pronto! — exclamou Sancho, metendo a munheca no bolso e tirando o dinheiro. — Mas que sucedeu aos leões? Estão mortos ou vivos?

O condutor desfez-se em gabos da extraordinária valentia do herói da Mancha, dizendo que tudo iria contar ao rei.

— Bem — disse Dom Quixote. — E poder ás igualmente informar ao rei que Dom Quixote tomou para si mais um título — o de Cavaleiro dos Leões.

Os viajantes prosseguiram na jornada. Dom Diogo não podia compreender a louca temeridade de Dom Quixote. Tudo se lhe afigurava um sonho; entretanto ele, Sancho e todos os mais haviam testemunhado o fato.

Lá pelas duas da tarde chegaram ao solar de Dom Diogo, onde foram recebidos pela esposa do fidalgo, Dona Maria Cristina, e o filho mais velho, Dom Lourenço. Um criado conduziu o cavaleiro a um belo aposento, onde Sancho o despiu das armas. Aliviado daquele trambolho, Dom Quixote foi ter com a dona da casa, à qual Dom Diogo

descrevia a prodigiosa aventura do Cavaleiro dos Leões.

Logo depois foram para a mesa, e o herói da Mancha, cuja fome era velha, comeu como poucas vezes em sua vida. Sancho, esse, quase rebentou.

Quatro dias passaram ali, comendo e bebendo do bom e do melhor. Ao cabo Dom Quixote disse a Dom Diogo:

— Senhor, sumamente agradeço a V. Sa. e à sua digníssima esposa a generosa hospedagem que me deram. Mas o ócio não quadra à vida dos cavaleiros andantes. Novas aventuras me chamam, sobretudo a que me levará à caverna de Montesinos.

Dom Diogo e o filho aplaudiram a bela idéia duma investida contra a famosa caverna de Montesinos.

— Já que ambos aprovam a lembrança, peço que me forneçam um bom guia.

Dom Lourenço ofereceu-se para levá-lo até lá, e o herói da Mancha, depois de mil agradecimentos a Dom Diogo e esposa, cavalgou o magro Rocinante. Sancho não se esqueceu de atochar de comestíveis os alforjes. Também levou umas cem braças de corda, conforme lhe recomendara o amo.

Chegados que foram junto à caverna, Dom Quixote apeou-se e Sancho passou-lhe a corda por debaixo dos braços, amarrando-a com firmeza — e lá ficou o Cavaleiro dos Leões com todas as suas armas, pronto para penetrar no abismo.

Havia por ali morcegos em quantidade, e corvos. Sancho e Dom Lourenço afugentaram aquela bicharia negra. Em seguida desceram Dom Quixote pela corda.

Minutos depois, como não recebessem nenhum sinal de baixo, resolveram suspender o corajoso herói, o que fizeram. Dom Quixote surgiu à tona adormecido. Com algumas sacudidelas voltou a si.

— Oh, meus amigos — exclamou, abrindo lentamente os olhos —, privastes-me do mais belo espetáculo do universo! Assentai-vos e ouvi.

Os dois homens sentaram-se lado a lado.

— Envolto nas trevas do abismo — começou Dom Quixote — percebi lá no fundo uma vaga claridade. Encaminhei-me na sua direção. Era uma abertura. Meti-me por ela e achei-me numa pradaria sem fim, na qual se erguia um deslumbrante palácio de cristal. Dele vinha saindo um venerável ancião de túnica verde e gorro negro. Trazia um rosário cujas contas vi serem enormes diamantes.

O ancião aproximou-se de mim e abraçou-me.

— Há muitos anos, ó valentíssimo cavaleiro da Mancha, que todos aqui jazemos encantados e a suspirar pela tua vinda. Segue-me, paladino ilustre. Quero revelar-te as assombrosas maravilhas deste palácio de luz, do qual eu, Montesinos, sou o governador eterno.

Calou-se e levou-me a uma sala de paredes de alabastro, onde vi um túmulo de maravilhoso feitio. Sobre o túmulo, um homem deitado.

Montesinos falou:

— Depois da batalha de Roncesvales, o famoso nigromante Merlin encantou grande número de guerreiros do exército de Roldão, bem como outras pessoas de sua comitiva. O cavaleiro que vês estirado sobre esse túmulo é o valoroso Durandarte, íntimo amigo meu.

Uma fala, então, saiu do homem deitado, que perguntou:

— Montesinos, caro primo, que é feito do meu fiel escudeiro? De minha mãe Ruidera? De suas filhas e sobrinhas?

— Ai! — respondeu Montesinos, com os olhos cheios de lágrimas — tu bem sabes que há quinhentos anos fomos trazidos para aqui pelo mágico Merlin. Tua mãe Ruidera, com suas filhas e sobrinhas, de tanto chorar se transformaram em fontes. O escudeiro Guadiana foi virado em rio. Mas talvez o famoso cavaleiro Dom Quixote de la Mancha nos desencante.

— Se p não fizer, paciência — respondeu Durandarte, voltando-se para o outro lado.

Neste momento, soam gritos lamentosos. Olho e vejo em outra sala uma procissão de belíssimas damas em trajes de luto, com alvos turbantes na cabeça.

— Eis as damas que compunham o séquito da infeliz Ruidera —

disse-me Montesinos. — Quatro vezes por semana formam essa procissão e circulam em redor do corpo de Durandarte.

Estava o venerável ancião nesse ponto da história quando senti um puxão na corda. Vi-me arrastado. Tudo desapareceu. Atravessei novamente a caverna escura e surgi cá em cima. Eis o que houve — concluiu Dom Quixote.

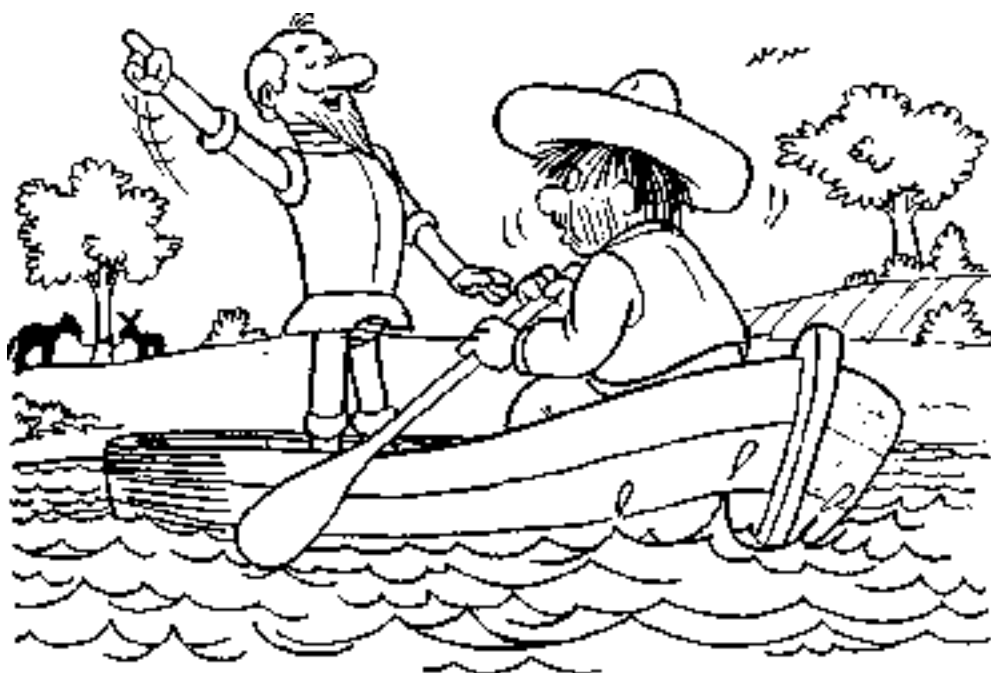
Todos se assombraram.

— Mas como pôde V. Sa. ver tantas coisas em tão pouco tempo que estive na caverna — só alguns minutos?

— Alguns minutos?! — exclamou Dom Quixote. — Saiba que vi o sol nascer e morrer três vezes durante o tempo que estive lá.

Dom Lourenço nada objetou. Apenas disse que tudo repetiria fielmente ao seu pai Dom Diogo. Jantaram juntos e partiram, cada qual numa direção. Dom Lourenço voltou ao solar; Dom Quixote e Sancho seguiram ao acaso.

XXIV



A barca encantada.

Dom Quixote encontra o duque

Nesse ponto a narrativa foi atrapalhada pelo súbito aparecimento de Tia Nastácia.

— Sinhá — veio ela dizer —, Emília parece louca. Entrou na cozinha montada no Rabicó, toda cheia de armas pelo corpo, com uma lança e uma espada, e uma latinha na cabeça que diz que é o "ermo" de Mambrino, e começou a me espetar com a lança, gritando: "Miserável mágico! Por mais que te pintes de preto e ponhas saias, não me enganarás! Pérfido! Infame encantador!" E uma porção de coisas assim, sem pé nem cabeça. E a diabinha me espetaria de verdade com a lança, se eu não jogasse no quintal umas cascas de abóbora. Rabicó foi voando para cima das cascas e levou consigo a louquinha. E o pobre Visconde atrás, sinhá — isso é o que dá mais dó! O pobre Visconde barrigudo, carregando uns saquinhos que ele diz que é alforje. . .

Dona Benta foi espiar pela janela e de fato viu as estripulias que a Emília dei Rabicó estava fazendo no quintal. Vestidinha de cavaleira andante, toda cheia de armaduras pelo corpo e de elmo na cabeça, avançava contra as galinhas e pintos com a lança em riste, fazendo a bicharada fugir num pavor, na maior gritaria. Até o galo, que era um carijó valente, correria a esconder-se dentro dum caixão.

Dona Benta gritou-lhe por várias vezes que acabasse com aquilo. Tudo inútil. A boneca fora tomada dum verdadeiro delírio de heroísmo.

— Não há remédio, vovó — disse Pedrinho —, temos de botar Emília numa gaiola, como o cura fez a Dom Quixote.

Todos aprovaram a lembrança.

— Faça isso, Nastácia — ordenou Dona Benta. — Agarre-a e ponha-a dentro da gaiola vazia do sabiá que morreu.

Tia Nastácia foi cumprir a ordem e dali a pouco reapareceu de gaiola em punho, com a cavaleira dentro. Emília esbravejou e espinoteou o mais que pôde. Por fim, cansada, sentou-se no poleiro, muito quietinha. Estava pensando no meio de fugir dali e vingar-se da negra.

— Uf! — exclamou Dona Benta. — Parece incrível que uma simples boneca de pano ponha a casa em polvorosa e nos dê tanto trabalho. Pendure-a aí nesse prego, Nastácia, e pode ir.

Tia Nastácia pendurou a gaiola no prego e voltou para a cozinha. Só então Dona Benta recomeçou a narrativa.

— Muito bem — disse ela com os olhos na gaiola. — Os nossos dois viajantes pernoitaram no bosque e na manhã seguinte encaminharam-se na direção do Ebro. Alcançando esse rio, avistaram uma barquinha sem velas, nem remos, amarrada a um tronco da margem. Dom. Quixote apeou-se.

— Que pretende fazer, meu amo? — quis saber o escudeiro.

— Entrar contigo neste esquife e entregar-nos a Deus e à aventura.

Disse e entrou na barca, ficando à espera do escudeiro. Mas Sancho não tinha coragem. Estava a tremer como geléia.

— Que é isso, homem pusilânime? — grita-lhe o cavaleiro. — Que te assusta desse modo? Eia, meu Pança! Coragem! ...

Sancho entrou e a barquinha partiu. Logo depois o cavaleiro disse:

— Eis-nos engolfados no vastíssimo oceano! Se eu tivesse cá um astrolábio, te diria com certeza absoluta em que ponto estamos a navegar. Mas mesmo sem astrolábio te asseguro que já está passado o equador.

— Como pode ser isso, meu amo, se ainda vejo acolá na margem do rio o meu burrinho e o cavalo de V. Sa.?

Dom Quixote não teve tempo de responder. A barquinha chocara-se de encontro a uma roda de moinho, despedaçando-se. Ambos se salvaram a nado. Nesse momento surgiu o dono da barca aos berros, exigindo o pagamento do prejuízo.

— Sempre os malditos encantadores! — exclamou Dom Quixote. — Sempre a me atrapalharem os planos! Ó desventurado cavaleiro que jazes nessa fortaleza, perdoa-me se não te libertei. Quis e não pude.

A fortaleza era o moinho em cuja roda se quebrara a barquinha.

Os donos da barquinha exigiram cinqüenta moedas de indenização, que Dom Quixote teve de pagar.

Depois de bem enxutos ao sol, os dois náufragos seguiram o seu caminho, e andaram, andaram, andaram até o encontro duns caçadores. Entre eles vinha uma formosa dama, de falcão em punho, montada em magnífica égua.

. — Sancho — diz Dom Quixote —, vai saudar da minha parte aquela ilustre dama e comunica-lhe que o Cavaleiro dos Leões pede licença para prestar-lhe homenagem. Toma muito sentido no bom desempenho desta missão.

— Fique descansado, meu amo — respondeu Sancho, metendo as esporas no burrinho. Aproximou-se da dama, apeou, ajoelhou e disse:

— Eu, ilustríssima e excelentíssima senhora, me chamo Sancho Pança e sou fiel escudeiro do grande Cavaleiro dos Leões, aquele que V.

Exa. vê acolá. Meu amo e senhor manda dizer a V. Exa., que muito deseja servi-la e honrá-la, bem como a essa ave que V. Exa. tem no punho; mas antes disso implora de V. Exa. a necessária licença.

— Amável e urbaníssimo escudeiro — respondeu a fidalga —, ergue-te e vai dizer ao teu amo, cujas façanhas já me são conhecidas, que eu e o duque meu esposo teremos imenso prazer em recebê-lo em nosso palácio, a pouca distância daqui.

Sancho voltou alegríssimo a dar conta da resposta, e Dom Quixote, empertigando-se na sela, tocou na direção da formosa duquesa. Já havia ela trocado umas palavras com o duque, combinando divertirem-se à custa do herói da Mancha. Iriam recebê-lo de acordo com todas as regras da cavalaria.

Dom Quixote chegou e esperou que o fiel escudeiro viesse segurar-lhe o estribo.

Sancho precipita-se para executar aquela cerimônia; no açodamento, porém, atrapalha-se ao segurar o estribo e vem ao chão. O herói da Mancha, sempre com olhos na duquesa, não dá tento àquilo e desce em falso — e também se estatela.

Furioso com o acidente, Dom Quixote pragueja em voz baixa contra o desazado escudeiro, que naquele momento dois caçadores erguiam do chão — e, coxeando do mau jeito que dera na perna, faz menção de ajoelhar-se ante a ilustre dama. O duque, seu esposo, o detém e o abraça, dizendo:

— Muita honra me será que o Cavaleiro dos Leões se digne acolher-se em meu palácio.

— A honra é toda minha — murmurou Dom Quixote urbanamente.

Encaminharam-se todos para o palácio, indo a dama à direita de Dom Quixote. O duque galopara na frente para dar ordens ao seu mordomo.

Na porta do palácio apearam todos. Dois criados de libre cobriram os ombros de Dom Quixote com um precioso manto escarlate. As janelas encheram-se de homens e mulheres que lançavam sobre o

ilustre visitante rosas desfolhadas.

— Viva! Viva a flor da cavalaria!

Caminhando gravemente, Dom Quixote exultava de ser recebido como lera nos livros, e não a pau, como sucedia quase sempre. Foi levado a uma amplíssima sala, ricamente atapetada, onde seis pajens lhe tiraram as armas e a armadura. Depois o conduziram ao aposento a ele destinado.

Chegada a hora do jantar, um pajem veio avisá-lo de que a mesa estava posta.

O duque e a esposa o esperavam de pé. Depois de alguma hesitação o herói aceitou o lugar de honra que a duquesa lhe designava, isto é, à sua direita.

— A respeito de lugares — disse Sancho — permitam-me V. Exas. que eu conte uma que se passou em minha aldeia. Certo barão, tendo convidado a jantar um pobre lavrador, acenou-lhe que se colocasse à cabeceira da mesa, que é o lugar de honra. O lavrador recusa. O fidalgo, cheio de cólera, agarra-o e o obriga a sentar-se, dizendo: "Assenta-te, vilão, e fica sabendo que em qualquer lugar em que eu me coloque para contigo, esse será o lugar de honra".

Ao ouvir aquele desfecho, o fogo da cólera subiu às faces de Dom Quixote — e foi a custo que os donos do palácio contiveram o riso. Nunca em toda a sua vida fora Sancho tão desastrado.

Finda a refeição, uma bela criada veio ensaboar a barba do herói da Mancha; outra passou-lhe uma toalha pelo pescoço. Depois de bem ensaboada aquela barba rude, a ensaboadeira fingiu que faltava água e retirou-se — e com a cara branca de espuma lá ficou Dom Quixote exposto aos olhares maliciosos dos presentes. Figura mais exótica era impossível.

— Que belo sistema! — exclamou Sancho.

— Barba ensaboada depois do jantar! Quando eu tiver minha ilha, hei de adotar lá esse costume. Mas quando me chegará a tal ilha?

— Não te desespere, meu caro Sancho — disse o duque. — Eu possuo nove. Dar-te-ei uma.

— De joelhos, Sancho! — bradou Dom Quixote. — Beija os pés de S. Exa., que te honra com tão alto donativo.

O escudeiro, radiante, atirou-se aos pés do duque.

A duquesa fez vir o despenseiro, ao qual ordenou que tratasse Sancho à vela de libra, já que era a flor dos escudeiros e breve estaria governador de um reino.

Feita a barba, Dom Quixote foi dormir a sesta. Sancho entupiu o estômago e fez uma visita ao amado burrinho. A duquesa retirou-se para os seus cômodos. O duque saiu a dar novas ordens. Queria que durante a estada ali do Cavaleiro dos Leões, todos o tratassem rigorosamente no estilo da cavalaria andante — não como é na realidade, mas como se lê nos livros.



História de Dolorida.

O cavalo encantado

— Lê nos livros nada! — gritou Emília, lá da sua gaiola. — Tudo isso são potocas. Camelo, quem acredita. Quando sair desta gaiola hei de botar fogo nesse Dom Quixote, como o cura botou fogo nos livros dele. E boto fogo na casa também. No sítio inteiro. No mundo inteiro. . .

Todos ficaram a olhar para a bonequinha, sem saber o que dizer. O estado de Emília era grave. Não se tratava mais daquela loucurinha divertida que ela sempre mostrou. Emília estava realmente louca, louca furiosa, varridíssima.

— Está demente, vovó — disse Pedrinho. — Está no pontinho de ser internada no hospício.

Ao ouvir essas palavras, Emília teve um novo acesso de cólera. Berrava, esperneava. Deu tantos pontapés nos arames da gaiola que furou um dos pés, deixando escapar uma porção de macela. Vendo isso, rompeu em choro.

Dona Benta condoeu-se do estado da coitadinha.

— Nós erramos, meus filhos, prendendo-a na gaiola do sabiá. Para as perturbações mentais a violência não é remédio. Vamos soltá-la e experimentar outro tratamento. Desça a gaiola, Pedrinho.

O menino desceu a gaiola. Abriu-a. Emília saltou fora, ainda lavada de lágrimas, com o pé furado estendido.

— Meu pé está acabando — dizia ela. — Meu pé está sumindo. Tia Nastácia, venha consertar meu pé. . .

Tia Nastácia apareceu com agulha, linha e um bocado de macela. Num instante deixou-a perfeitamente restaurada.

— Pronto! Está com o pé ainda mais bem-feito e gordinho do que antes. Pode andar.

Emília deu uns passos pela sala e riu-se, feliz.

— Estão vendo? — disse Dona Benta. — Bastou que a tratássemos com humanidade para que a loucura se fosse embora. Venha, Emília, sentar-se no meu colo para ouvir o resto da história. Seja boazinha.

Emília correu para o colo de Dona Benta e a história do cavaleiro da Mancha pôde continuar.

— O duque — disse ela — havia dado ordem ao mordomo para organizar uma farsa assim, assim, e explicou como a queria. O mordomo piscou o olho. Tinha compreendido tudo muito bem.

Nisto chegou a hora do jantar, que foi servido no jardim e correu sem novidade até a sobremesa. Inesperadamente um toque de buzina soou, seguido de rufo de tambores. Todos ficaram atentos, à espera de qualquer coisa. A coisa foi o aparecimento de um gigante entrajado de negro, com uma barba que lhe vinha até a cintura.

O gigante avançou a passos lentos e ajoelhou-se aos pés do duque, e disse em voz pausada:

— Excelência, sou Trifaldino, escudeiro da Princesa Trifaldi, a Dolorida. Essa desditosa princesa veio do reino de Candaia até aqui para implorar a V. Exa. que a informe quanto ao invencível cavaleiro Dom Quixote de Ia Mancha, o único ser humano que poderá salvá-la.

Ali na porta do palácio, minha ilustre ama espera licença para entrar.

— Já de muito tempo — respondeu o duque — sei dos infortúnios da triste Princesa Dolorida. Vai buscá-la e dize-lhe que, por uma feliz coincidência, o incomparável cavaleiro da Mancha é meu hóspede e está aqui.

O escudeiro retirou-se às arrecuas. Pouco depois apareceu a princesa, acompanhada de doze damas, veladas, vestidas de branco. Três delas sustinham a comprida cauda do vestido de Dolorida, a qual trazia o rosto oculto num véu e caminhava apoiada em seu escudeiro.

O duque e a duquesa ergueram-se para recebê-la. Dom Quixote também. Sem tirar o véu, Dolorida dobrou o joelho diante do duque, que a fez erguer-se e sentar-se ao lado da duquesa. E perguntou-lhe o que tinha a dizer.

A triste princesa disse:

— Poderosíssimo senhor, e vós, belíssima dama e ilustríssimos ouvintes aqui reunidos: não tardarei a comover-vos com a minha triste história, mas antes de tudo desejava ser informada se o gloriosíssimo cavaleiro Dom Quixote de Ia Mancha e o seu fidelíssimo escudeiro se acham presentes.

— Sim, madamíssima — bradou Sancho. — Eis ali em pessoa o valentíssimo Dom Quixote de Ia Mancha, e cá o seu fidelíssimo escudeiro Sancho Pança. Estamos os dois prontíssimos para defender em todos os terrenos a vossa dolorosíssima beleza.

. Dom Quixote fez uma curvatura, como a dizer que ele era ele, e prometeu tudo arrostar no serviço da desditosa princesa. Dolorida, emitindo um oh! de feliz surpresa, quis abraçá-lo pelos joelhos. O herói, comovido, obstou-lhe e pediu que contasse as suas desgraças.

A princesa começou:

— A Rainha Magonce, viúva do Rei Arquipielo, governava o famoso reino de Candaia, do qual era eu a única herdeira. Vários príncipes se apresentaram para obter minha mão. Entre tantos pretendentes, um só me agradou. Era jovem, gentil, músico e poeta. Encantada com ele, resolvi que nenhum outro seria meu consorte.

Casei-me, pois, com Dom Clavijo, contra a vontade de minha mãe, a rainha, que em conseqüência disso morreu de dor.

Logo após o enterro, surge do seu túmulo, montado num cavalo de pau, o famigerado gigante Malambo, primo de minha mãe e crudelíssimo feiticeiro. Vinha vingá-la. Para isso transformou Dom Clavijo num horrendo crocodilo de bronze, com esta inscrição sobre o pedestal em que se assentava: "O culpado Clavijo só recobrará sua forma primitiva quando o cavaleiro da Mancha se atrever a desafiar-me para combate".

Em seguida Malambo voltou-se para mim e com umas palavras mágicas me fez nascer no rosto, e no de minhas damas, compridas barbas de homem. Eis a razão de usarmos véus.

Para provar o que dizia, a princesa tirou o véu e todas as suas damas fizeram o mesmo. Que linda coleção de barbas negras, ruivas e brancas!

— Eis — continuou a princesa — o triste estado a que nos reduziu o miserável Malambo. Suas últimas palavras foram estas: "Vai em busca de Dom Quixote. Quando o encontrares, mandar-lhe-ei este cavalo de pau, que é mais rápido que o pensamento e se guia por meio duma cavilha de madeira. É a obra-prima do grande mágico Merlin".

Mal a princesa acabou de pronunciar essas palavras, eis que surgem quatro selvagens puxando um cavalo de pau.

— Pronto — dizem eles. — Cá está o famosíssimo ginete Cavilhardo. O paladino que vai bater-se com Malambo poderá cavalgá-lo, juntamente com o seu escudeiro. Mas para que o espantoso vôo desse cavalo não os assuste, é mister que ambos vendem os olhos e assim fiquem até que Cavilhardo relinche — sinal de que findou a jornada.

Dito isso, os selvagens largaram o animal de pau e desapareceram.

Dom Quixote não quis saber de mais nada. Estava a arder pelo início daquela aventura maravilhosa. Monta imediatamente *no* cavalo,

seguido de Sancho, o qual resmunga. Sancho preferia ficar naquela mesa, devorando mais petiscos. Um pajem lhes venda os olhos. Dom Quixote leva a mão à cavilha e a move. Gritos soam:

— Boa viagem! Boa viagem, valorosíssimo cavaleiro! Deus te guie a ti e ao intrépido Sancho!

Silêncio em seguida.

Julgando-se nas alturas, Dom Quixote observa para Sancho:

— Que maravilha, amigo! Jamais cavalguei ginete mais firme. Parece imóvel, e no entanto está a voar a mil léguas por hora. Percebo-o pelo deslocamento do ar.

— E eu também — confirmou Sancho. — Sinto um vento desta banda.

O duque havia mandado que uns homens com grandes foles ventassem a toda força sobre os imaginários viajantes.

— Se não me engano — disse Dom Quixote — estamos na região média do ar. Breve atravessaremos a linha do fogo.

O duque manda que se aproximem deles archotes acesos.

— Entramos já nessa região, meu senhor — exclamou Sancho. — Estou a arder e com medo de incêndio em minhas barbas. Uf! Vou desamarrar os olhos.

— Não faças tal, que seria a nossa desgraça. O reino de Candaia deve estar perto.

— Deus o permita! — murmurou Sancho. — Minhas nádegas não foram feitas para cavalgar uma dureza destas. Cavilhardo poderá ser um prodígio de velocidade — mas em macieza de sela, prefiro o meu burrinho.

O duque, a duquesa e os mais riam-se, tapando a boca. Jamais espetáculo tão cômico lhes passara pelos olhos. O fim da aventura foi ainda mais amolecado. Um pajem aproximou-se do cavalo de pau e deitou fogo na mecha que havia junto à cauda. A mecha incendiou a pólvora que recheava o cavalo. Puff! Uma explosão. Dom Quixote caiu dum lado; Sancho, de outro. Grande fumaceira envolveu tudo.

Enquanto isso, Dolorida e suas damas barbadas desapareciam

do jardim, e o duque, a duquesa e os mais se punham em atitude de sono profundo.

Dom Quixote e o escudeiro ergueram-se tontos, e depois que a fumaça se foi esgarçando viram uma lança cravada no chão com um pergaminho escrito.

"O incomparável Dom Quixote de Ia Mancha — dizia o escrito — rematou a aventura da Princesa Dolorida. Malambruno está satisfeito. . . Não exige mais. Acabou-se o encantamento. Que desapareçam as barbas! Que Dom Clavijo volte à sua forma natural e seja restabelecido no trono, ao lado de sua esposa. Glória eterna ao Cavaleiro dos Leões!"

Radiante com o feliz desenlace, o herói da Mancha vai despertar o adormecido duque, ao qual diz:

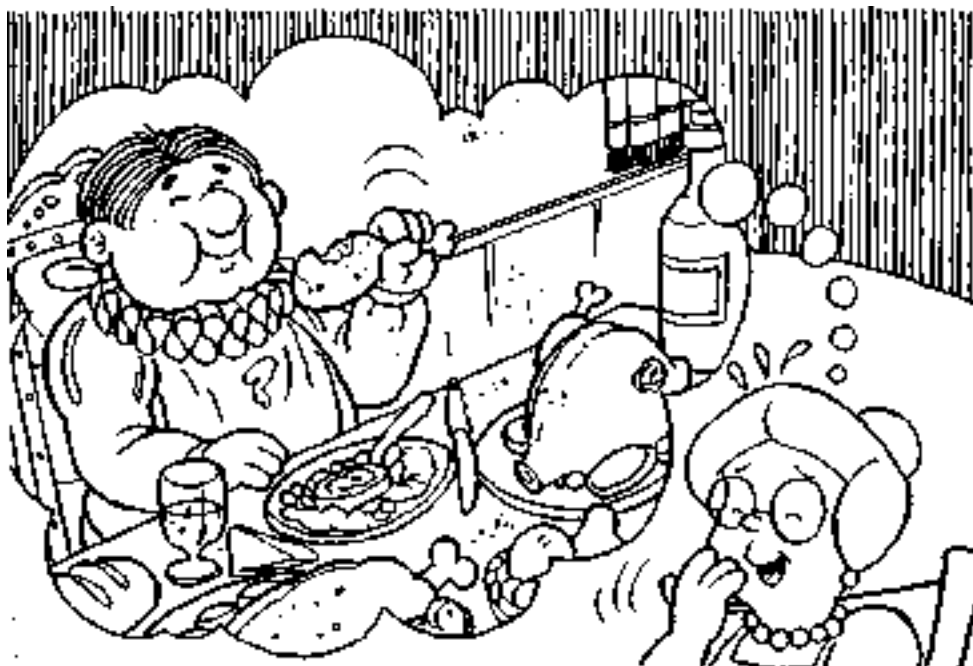
— Pronto, caríssimo duque! Tudo está findo, conforme o declara o pergaminho da lança.

O duque abriu os olhos; o mesmo fizeram a duquesa e todos os mais. Erguem-se. Rodeiam os grandes heróis. A duquesa interroga-o sobre a aventura.

— Ah, senhora! — exclamou o metediço Sancho. — Foi uma viagem espantosa. Atravessamos a região dos ventos e do fogo. Por um triz não se me queimaram as barbas. Senti o cheiro do chamusco; nesse momento levantei uma pontinha da venda dos olhos e vi lá embaixo a terra tão pequena que mais parecia uma noz. Os homens sobre ela eram ainda menores do que grãos de mostarda...

Todos sorriram e entreolharam-se.

XXVI



Conselhos de Dom Quixote. Sancho assume o governo da ilha

A narrativa teve de parar nesse ponto por causa da peneirada de pipocas que Tia Nastácia trouxe. Enquanto as comiam, Dona Benta deu uns conselhos à boneca.

— Nós todos aqui, Emília, gostamos muito de você — mas você às vezes se excede e abusa. O sábio na vida é usar a moderação em todas as coisas. Uma loucurinha de vez em quando tem sua graça; mas uma loucura varrida é um desastre — e acaba sempre em hospício ou gaiola.

Emília explicou-se.

— Sei disso, Dona Benta, mas às vezes me dá comichão de fazer estripulia grossa, como as do cavaleiro da Mancha.

Porque eu não acho que isso seja loucura. É apenas revolta contra tanta besteira que há no mundo.

— Lá vem você com as palavras plebéias! Muitas professoras, Emília, criticam esse seu modo desbocado de falar. "Besteira!" Isso não é palavra que uma bonequinha educada pronuncie. Use expressão mais culta. Diga, por exemplo, "tolice".

— E não é a mesma coisa?

— É, mas não ofende o ouvido das pessoas finas. Neste ponto eu estou de pleno acordo com os conselhos que Dom Quixote deu a Sancho, antes de ele assumir o governo da ilha.

— Amigo Sancho — disse Dom Quixote —, vais ser governador duma ilha e é bom que saibas comportar-te com a dignidade que o posto exige.

— E que devo fazer para isso, meu amo? — perguntou o escudeiro.

— Deves fazer e não fazer muitas coisas. Deves cortar as unhas e tomar banho todos os dias. Um governador sem unhas grandes e sempre bem lavadinho inspira mais respeito que um unhado e sujo. Deves falar com sobriedade, nem demais, nem de menos; e prestar muita atenção no que dizes, nunca usando palavras grosseiras ou plebéias. Deves abandonar esse hábito de ir enfiando um rifão sobre outro, como contas de rosário, venham ou não venham a propósito.

— Ah, isso há de ser difícil, meu amo, porque tenho na cabeça mais rifões do que os há nos livros. Dá aos pobres que emprestas a Deus. Foi buscar lã e saiu tosquiado. Quem quer vai, quem não quer manda. Os rifões são tantos dentro da minha cachola que quando abro a boca eles se atropelam para sair. E, afinal de contas, não constituem a sabedoria popular?

— Perfeitamente. São a sabedoria popular, quando bem empregados. Mal empregados, constituem a estupidez popular — e tu os empregas tão mal às vezes que com isso só mostras a estupidez que Deus te deu.

— Muito bem, senhor meu amo. Hei de botar tento nisso, porque Deus ajuda quem cedo madruga, e tantas vezes vai a bilha à fonte que um dia lá fica. Ou, como diz o outro, quem se faz de mel as

moscas atraí.

— Tá, tá, tá! Lá vem a asneirada. Outra coisa em que te debes comedir, Sancho, é no comer. Nada estraga tanto os homens como o excesso de comilança. Além de entorpecer o corpo e produzir a gota e mais doenças, estupidifica completamente o cérebro. Comer pouco é um dos maiores princípios da sabedoria.

— Está aí uma coisa bem difícil, meu amo. Quando penso em ser governador, o que mais me seduz é justamente a mesa farta que vou ter — os perus assados, as galinholas ensopadas, os ricos peixes de escabeche e o mais — e por cima de tudo aquela vinhaça velha, gostosa. Até lambo os beiços só de pensar nisso. . .

— Pois terás de te corrigir dessa gula; do contrário não ficas muito tempo na governança. Os reis gulosos têm reinado curto. Ou estouram, ou são depostos por homens menos excessivos no comer. Aconselho-te a que comas moderadamente; é o melhor meio de durares no governo da ilha.

Sancho cocou a cabeça.

Dom Quixote deu-lhe ainda muitos outros conselhos, cada qual mais sábio e digno de ser seguido.

Pronto. Estava Sancho preparado para bem dirigir a sua tão esperada ilha.

Nessa mesma tarde, depois de magnificamente vestido e dotado dum numeroso séquito, foi o novo governador despedir-se do duque e da duquesa, aos quais beijou a mão. Veio depois abraçar-se aos joelhos de Dom Quixote, que o abençoou. Finalmente pôs-se a caminho, montado num belo macho de ricos arreios, à frente de lustrosa comitiva. Encaminhou-se para um burgo duns mil habitantes, que pertencia ao duque e que lhe disseram ser a ilha da Baratária.

Às portas do burgo estavam reunidas as pessoas mais graduadas do lugar, em vestes domingueiras, que vinham receber o novo governador. Romperam toques de sinos. Gritaria. Foguetes. Aclamações. Sancho é conduzido triunfalmente para a igreja, na qual foi cantado um *Te Deum*. Finda a cerimônia, entregaram-lhe as chaves da

cidade e aclamaram-no governador perpétuo da ilha da Baratária.

Depois da igreja foi levado ao tribunal, onde o mordomo do duque lhe disse:

— É uso antigo de Baratária que cada novo governador comece julgando duas ou três causas, para que o povo possa avaliar de sua sabedoria e alegrar-se ou afligir-se do novo chefe que vai ter.

— Venham as causas — murmurou Sancho gravemente, já em tom de juiz.

Dois homens adiantaram-se. Um falou:

— Senhor governador, eu sou alfaiate. Este sujeito cá se apresentou em minha oficina com uns metros de pano e perguntou-me se eu lhe poderia fazer um capote.

— Posso, pois não — respondi.

Admirado de não haver eu medido o pano antes de responder, o homem julgou que houvesse pano de sobra e indagou:

— E dois capotes? Podes fazer?

— Perfeitamente — respondi.

— E três?

— Faço três, pois não — e até cinco.

O homem então encomendou cinco capotes. Eu fiz os cinco capotes e agora ele não quer pagar-me o trabalho. Sancho voltou-se para o segundo sujeito.

— O que esse alfaiate está dizendo é verdade? — perguntou.

— Sim, senhor. É a verdade pura — respondeu o homem.

— Muito bem — murmurou Sancho. — Nesse caso, que apareçam os capotes.

— Ei-los aqui, senhor governador — disse o alfaiate, mostrando-lhe cinco capotinhos minúsculos.

A assistência desatou a rir-se do provável embaraço do governador; mas Sancho, sem se atrapalhar, deu a seguinte sentença:

— O freguês que perca o pano; o alfaiate que perca o feitiço; os capotinhos que sejam divididos pelos presos da cadeia — e pronto.

Todos se admiraram daquela sabedoria.

Em seguida apresentaram-se dois velhos. Um deles disse:

— Senhor, eu emprestei dez escudos de ouro a este homem sem exigir recibo, supondo que fosse pessoa séria. Agora está a alegar que já me pagou a dívida, o que é falso.

— Que me diz a isto? — perguntou Sancho ao devedor.

— Digo que paguei os dez escudos e estou pronto para jurar.

— Então, jure.

O devedor, que estava com um bengalão, pediu ao credor que o segurasse, e só depois disso jurou, nestes termos:

— Juro por tudo o que há de mais sagrado que entreguei ao meu credor os dez escudos de ouro que ele me deu de empréstimo. — Disse e apressou-se em reaver a sua bengala.

Sancho ficou uns instantes pensativo, enquanto a assistência se entreolhava, certa de que dessa feita o governador iria embarçar-se no julgamento. Mas Sancho veio com uma solução inesperada. Voltando-se para o velho que acabava de jurar ordenou-lhe:

— Entregue esse bengalão ao outro.

O velho cumpriu a ordem, muito admirado. Sancho, então, disse ao outro:

— Quebre essa bengala ao joelho e veja o que tem dentro.

O credor assim o fez e ao partir a bengala viu saltarem de dentro os dez escudos de ouro.

— Pronto — exclamou Sancho. — Está julgado o caso. Leve os seus escudos, e este devedor patife que vá para a cadeia por ter tentado enganar-nos a nós todos.

A assistência ficou assombrada com a esperteza do novo governador, que parecia um verdadeiro Rei Salomão. E, contentíssimos, levaram-no dali para a sala dos banquetes. Na cabeceira da mesa estava um alto personagem vestido de preto, com uma varinha na mão.

Sancho, a morrer de fome, abancou-se e foi avançando num guisado de carneiro — mas o tal personagem tocou no prato com a varinha e o guisado desapareceu. Sancho leva a mão a uma terrina fumegante. A varinha do homem desce sobre a terrina, que também

desaparece.

— Que raio de diabo é isto? — brada o governador. — É então costume nesta terra comer com os olhos?

O homem de preto explicou-se.

— Eu, senhor, tenho a honra de ser o médico dos governadores da ilha, com a missão de zelar-lhes pela saúde, não deixando que comam o que lhes possa fazer mal. O primeiro alimento de que V. Sa. quis servir-se é de penosa digestão e por isso o afastei. O segundo poderia causar em suas ilustres tripas uma perigosa inflamação; por isso também o afastei. O que V. Sa. deve comer é apenas um pedaço de marmelada com uns biscoitinhos.

Sancho mediu o médico de alto a baixo e fechou a carranca.

— Como se chama Vossa Mercê?

— Meu nome é Pedro Rezio de Aguero — respondeu o doutor. — Nasci na aldeia de Tirteafuera, situada entre Carquel e Almodovar del Campo. Formei-me em medicina pela universidade de Ossuna.

— Pois, Senhor Pedro Rezio de Aguero — brada Sancho —, ponha-se já daqui para fora antes que eu o mande pendurar numa forca. Já! . . .

O médico safou-se e Sancho então comeu, comeu como nunca em toda a sua vida de comilão.

Durante a sobremesa chegou uma carta do duque. Dizia o seguinte:

"Acautele-se, senhor governador. Fui informado de que cinco assassinos pretendem assaltar V. Sa. esta noite. Sendo mister, mandarei socorro. Adeus. Confio na coragem e na prudência de V. Sa."

Sancho leu aquilo e voltou aos pratos, dizendo:

— Fortifiquemos as nossas posições. Uma fortaleza tanto mais resiste quanto mais bem consolidada — e entupiu-se com as comidas que restavam, até ficar como um chouriço que com uma gotinha mais rebenta.

XXVII



Sancho abandona a ilha e o que lhe acontece pelo caminho

— Como percebeu Sancho que as moedas estavam dentro da bengala, vovó? — perguntou a menina.

— Ele era maroto e os marotos pescam muito bem a maroteira dos outros — disse Dona Benta. — Quando viu o devedor entregar a bengala ao credor antes de fazer o juramento, e depois de feito o juramento agarrá-la de novo com certa avidez, desconfiou que ali havia marosca. E deu certo.

— Mas então, vovó, esse Sancho não era nada tolo — disse Pedrinho.

— Era e não era, meu filho. Há no mundo muita gente como Sancho. Ele tinha o sólido bom senso dos homens do povo e todas as qualidades e defeitos do homem do povo, isto é, do homem natural, sem estudos, sem cultura outra além da que recebe do contato com seus semelhantes. Já em Dom Quixote vemos o contrário. Possuía alta

cultura. Tinha todas as qualidades nobres e generosas que uma criatura humana pode ter — apenas transtornadas em seu equilíbrio. Quando vocês lerem a história de Dom Quixote como Cervantes a escreveu, convencer-se-ão de que o fidalgo da Mancha era um homem de alto engenho e muitas luzes — embora dementado pela mania do andantismo.

Podemos até dizer que esses dois homens representam a humanidade. Sancho é a matéria. Dom Quixote, o espírito. E como um não pode existir sem o outro, vinha daí a ligação, a amizade, a inseparabilidade do cavaleiro da Mancha e do seu escudeiro. Completavam-se.

— Eu me sinto muito do jeito de Dom Quixote e nada do jeito de Sancho — confessou Emília. — Tudo quanto Dom Quixote faz eu acho certíssimo.

— É que você pertence ao tipo superior, Emília. Sancho representa o tipo inferior da humanidade — o realista, o terra-a-terra. Dom Quixote é o idealista, o sonhador. Um é a barriga; outro é o cérebro. Mas as coisas do mundo só andam quando os dois tipos se ligam. Um nada faz sem o outro.

— Continue a história, vovó — pediu Narizinho. Dona Benta continuou.

— O mordomo do palácio do governador — disse ela — veio avisar S. Exa. Dom Sancho que a ceia o esperava — e que nela não apareceria o Doutor Pedro Rezio de Agüero.

— Ótimo! — exclamou Sancho. — Eu gosto de trabalhar, como todos estão vendo; mas só trabalho bem quando o bucho está cheio de coisas sólidas, abundantemente regadas do suco da uva. Vazio, não funciono.

E foi para a mesa. Ceou regaladamente, com arrotos de bem-aventurança. Lá pelo fim da refeição um oficial veio convidá-lo para uma volta pela ilha. O governador acedeu. Saíram juntos.

Ao passarem por certa rua, um soldado apresentou-lhe um mancebo que fugira ao avistá-lo. Aquilo parecera suspeito ao guarda.

— Por que fugiu, rapaz? — interpelou Sancho.

— Para não ser preso — foi a resposta.

— Muito bem. Mas onde ia a estas horas da noite?

— Tinha saído a tomar ar — respondeu o moço. — Gosto de ser levado pelas brisas noturnas.

— Ótimo. A principal brisa desta cidade sou eu — disse Sancho — e sopro-te na direção da cadeia. Levem-no.

Todos se riram da agudeza do governador.

Durante sete dias Sancho regeu aquele reino com alto saber, fazendo leis que até hoje são observadas e conservam o seu nome:

Leis e posturas do grande Governador Sancho Pança.

Certa noite em que ele descansava da trabalhadeira diurna, foi sobressaltado por um grande estrondo, seguido de repiques de sinos. A ilha como que se afundava. Sancho senta-se na cama, atento. Soam trombetas. Rufam tambores. Espantado daquilo, levanta-se e, mesmo em fraldas de camisa, abre a porta para o corredor. Um grupo de homens armados avançava com archotes acesos.

— Às armas! Às armas! Vista-se já, senhor governador! O inimigo acaba de desembarcar. Só o valor de V. Exa. poderá salvar-nos.

— Às armas? — repete Sancho, com voz trêmula. — Mas saibam os senhores que isso de armas não é o meu forte. Dirijam-se ao valente paladino, meu amo, e asseguro-lhes que, enquanto o diabo esfrega o olho, ele dá cabo de quantos inimigos houver, inda que sejam um milhão de gigantes.

— O perigo cresce, senhor! — bradam os homens. — Aqui tem V. Exa. armas. Tome-as e defenda a sua vida.

E assim dizendo arrumam com as armas em cima de Sancho e enfiam-no dentro daquelas cascas de ferro, que atam com correias. Na mão gorducha metem-lhe a lança. O pobre governador fica como uma tartaruga de ferro por fora e banhas trêmulas por dentro.

— Marchemos, governador! — gritam os homens. — Ao inimigo!

Vamos!.. .

Sancho quer dar um passo; perde o equilíbrio e estatela-se no chão. Nisto os archotes se extinguem. Trevas profundas. Dentro do escuro trava-se a peleja. Golpes de cá, golpes de lá, espaldeiradas, gritos de dor e cólera, elmos que retinem no chão ao cair — uma barulhada infernal. Sancho suava e tressuava, apavorado. Se algum daqueles golpes o pega de jeito. . .

Em dado momento um vulto lança-se sobre ele e encavalga-o, gritando:

— Tragam breu derretido e azeite a ferver! Fechem a porta! Levantem tranqueiras! Tudo bem. . .

— Bem? Nunca vi tudo tão mal — geme Sancho. — Tomara verme livre desta horrível ilha. . .

As vozes aumentam em redor dele.

— Vitória! Vitória! Apareça o governador para gozar o seu grande triunfo.

— Como hei de aparecer se nem posso levantar-me? Estou enlatado — responde Sancho. — Arranquem de mim esta ferralhada horrível. E dêem-me um trago de vinho.

Vem o vinho. Desarmam-no. Metem-no na cama — e Sancho não consegue conciliar o sono, tal fora o susto passado.

Na manhã seguinte ergue-se tarde. Veste-se lentamente, como quem está absorvido em cismas. Sai do aposento e, seguido dos habituais cortesãos, encaminha-se para a estrebaria, onde dá um beijo no focinho do jumento.

— Meu bom amigo e companheiro — murmura suspirando —, enquanto vivi contigo, a aproveitar-me do teu lombo e a prestar-te serviços, passei horas, dias e anos muito sossegados. Mas logo que te abandonei para, pela escada da ambição, subir ao trono da grandeza, só aborrecimentos e sustos tenho tido. . .

Ia falando e arreando o burrinho. Põe-lhe a sela. Põe-lhe o cabresto, o freio. Por fim, monta e diz aos cortesãos que o rodeavam:

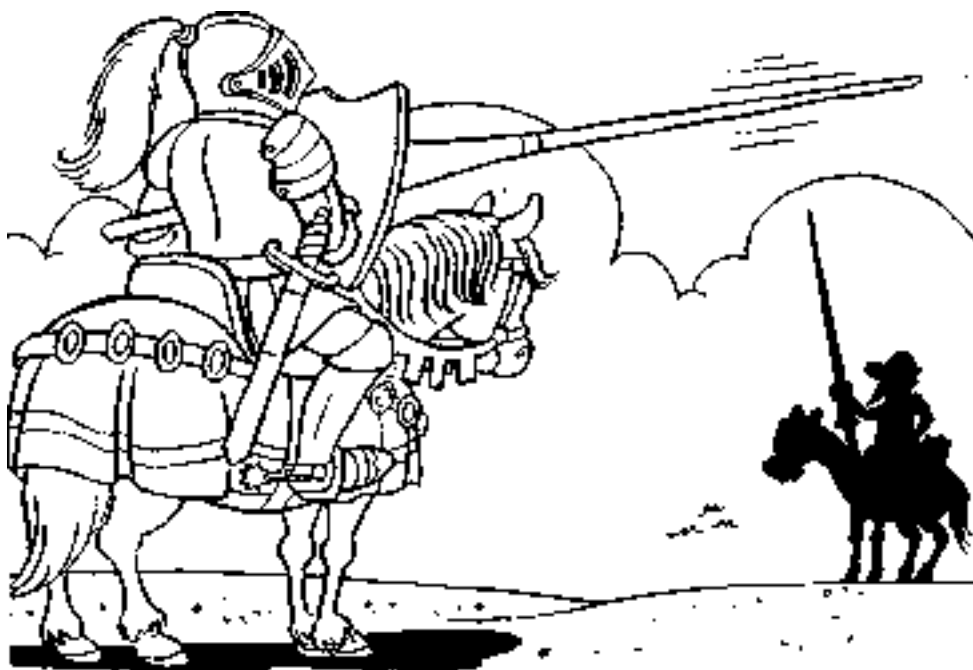
— Meus senhores, permitam-me que volte à minha liberdade de

outrora, pois sem liberdade não há ventura. Quero antes comer tranqüilo um pedaço de pão bolorento, do que ser um governador esfaimado pelo médico, contrariado por todos, pisado e cavalgado como fui. Adeus.

Disse e abalou no trote, deixando os burlões que se divertiam à custa dele desapontados com tamanho gesto e bom senso.

Tomou a direção do palácio do duque, mas lá não chegou. O burrinho tropeçou e caiu num profundo buraco. Impossibilitado de sair, lá deixou-se ficar Sancho a esperar pacientemente que o sol nascesse.

XXVIII



Dom Quixote em Barcelona.

O Cavaleiro da Branca Lua

— É uma lástima — disse Dona Benta — eu estar contando só a parte aventureira da história do cavaleiro da Mancha. Um dia, quando vocês crescerem e tiverem a inteligência mais aberta pela cultura, havemos de ler a obra inteira nesta tradução dos dois viscondes, que é ótima.

— Ótima nada! — berrou Emília. — A gente não percebe metade do que eles dizem. "Adarga antiga!" "Lança em cabido!" Bolas!

— É que está escrita em português que já não é bem o nosso de agora. Hoje usamos a linguagem a mais simplificada possível, como a de Machado de Assis, que é o nosso grande mestre. Os escritores portugueses, que chamamos clássicos, usavam uma forma menos singela, mais cheia de termos próprios, mais rica, mais interpolada. . .

— Lá vem, lá vem a senhora com palavras difíceis! Interpolada !.
Dona Benta riu-se.

— Sabem o que é? Nada mais, nada menos que a combinação de várias orações na mesma frase. Vou dar um caso.

Dona Benta abriu o livrão e procurou uma frase que servisse de exemplo. Achou esta, do episódio dos galeotes algemados. . .

"... tamanha foi a revolta, que os guardas, já para terem mãos nos galeotes, que se estavam soltando, já para se avirem com Dom Quixote que os acometia a eles, não puderam fazer coisa que proveitosa lhes fosse".

— Que embrulho! — berrou Emília. — Que "interpolação" levada da breca. . .

Dona Benta explicou:

— Neste período há muitos verbos e portanto muitas orações, umas interpoladas com outras, isto é, metidas entre as outras.

— Um picadinho de orações, uma salada — disse Emília. — Eu gosto dos períodos simples, que a gente engole e entende sem o menor esforço. Esses assim até dão dor de cabeça. São charadas.

— Para vocês, meus filhos, que estão começando a lidar com a língua. Já eu entendo o período perfeitamente, sem nenhuma dificuldade.

— E como se diz isso em língua moderna, simplificada?

— Poderá ser dito assim: "Tamanha foi a revolta dos galeotes que os guardas nada puderam fazer diante daquele duplo embaraço: os prisioneiros a se soltarem das algemas e Dom Quixote a atacá-los com a espada".

— Bom — disse Narizinho. — Isso já está mais claro.

— E não dá dor de cabeça — acrescentou Pedrinho. —

Eu poderei admirar muito os escritores clássicos; mas, para ler, quero os modernos, como esse tal Machado de Assis que a senhora tanto gaba.

— Bem, bem — disse Dona Benta. — Continuemos a história do cavaleiro da Mancha, que já vai perto do fim. Dom Quixote, depois que Sancho partiu para governar a ilha, começou a sentir muita falta nele, e a se aborrecer com as contínuas festas do palácio. Por fim deliberou ir-

se embora. Estava com saudades da aventureosa vida ao ar livre. Despediu-se do duque e da duquesa, montou no velho Rocinante e lá se foi sem destino certo.

Por casualidade passou rente à furna onde se afundara Sancho. Ouviu gemidos lá dentro. Parou para escutar. Uma voz dizia:

— Não haverá aí por cima alguma alma caridosa que se compadeça dum infeliz encovado vivo?

— Parece a voz de Sancho! — pensou consigo o cavaleiro e para certificar-se gritou: — Quem se queixa aí no buraco?

— Quem há de ser senão Sancho Pança, o governador da ilha da Baratária, antes disso o fiel escudeiro do famoso e saudoso cavaleiro andante Dom Quixote de la Mancha?

E para dar um atestado de que aquilo era assim mesmo, fez o burrinho dar um zurro.

— Eles mesmos! — murmurou Dom Quixote. — O zurro e a voz humana são sons meus conhecidos. Espera, amigo Sancho. Vou num galope ao palácio buscar ajuda.

Dom Quixote voltou ao palácio e contou ao duque o desastre sofrido pelo seu fiel escudeiro. O duque espantou-se de que Sancho houvesse abandonado o governo da ilha e ordenou aos seus criados que levassem escadas e cordas para tirá-lo do abismo. O que foi feito.

Quando o pobre Sancho se viu desenterrado, seu primeiro gesto foi correr ao palácio a fim de agradecer aos seus bons salvadores. Defrontando-se com o duque, fez uma reverência e disse:

— V. Exa. deu-me, sem que eu o merecesse, o governo da ilha da Baratária, que governei o melhor que pude. Súbito, o inimigo assaltou-nos. Houve o diabo. Por fim asseguraram-me que eu havia vencido. Mas, vencedor ou vencido, vi que não fui fadado para tais alturas. E antes que as alturas me abandonassem, abandonei-as eu. Nu entrei na ilha e nu a deixei — eu e o meu burrinho. Mas ao vir para cá, no escuro da noite, afundei numa cova — e lá estaria ainda se não fosse o meu bom amo e senhor Dom Quixote. Eis tudo, senhor.

O duque lamentou que Sancho houvesse abandonado um cargo

que vinha desempenhando tão bem, e prometeu arranjar-lhe outra coisa. Por sua parte a duquesa mandou que o mordomo o regalasse com bons petiscos — o melhor meio de consolá-lo em suas desgraças.

Contente de haver recuperado o seu fiel escudeiro, Dom Quixote deu-se pressa em pôr-se a caminho. Despediu-se novamente do duque, havendo troca recíproca das maiores gentilezas. A duquesa mandou dar a Sancho uma bolsa de duzentos escudos de ouro, que ele beijou com lágrimas nos olhos e meteu no seio.

Bem enlatado dentro da sua armadura e repimpado em cima dos ossos de Rocinante, com Sancho atrás no seu burrinho, Dom Quixote entreparou na frente do palácio. As janelas estavam cheias de fidalgos e damas. Na principal apareciam o duque e a duquesa. Dom Quixote fez-lhes um gentil cumprimento com a lança e partiu, saudado pelos lenços que se agitavam. Tomou o rumo de Barcelona, para onde o duque mandara cartas aos amigos, avisando-os da breve chegada do herói.

Trotam, trotam os dois, e por fim chegam à grande cidade justamente no dia de São João. Tudo lá mostrava o alvoroço da festa. Cavaleiros ricamente ataviados passavam a galope pelas ruas. Descargas de mosquetaria alternavam-se com o toque de tambores. Os canhões dos navios davam salvas.

Dom Quixote e Sancho maravilharam-se de tudo, e mais ainda que um grupo de cavaleiros os abordasse com estas palavras:

— Bem-vindo seja o luminoso farol da cavalaria andante, o valoroso, invencível e inimitável Dom Quixote de Ia Mancha!

Dom Quixote não teve tempo de responder. Foi levado em triunfo à residência de Dom Antônio Moreno, amigo particular do duque, onde teve o mesmo alto tratamento que recebera na corte ducal.

Sancho não cabia em si de contente, pois que a fartura de comida era ali a mesma que em casa de Dom Diogo e do palácio do duque. Comeu, comeu, comeu de arreborder.

Seis dias se passaram naquelas festas, com passeios contínuos. Num desses passeios, Dom Quixote, sempre montado no poderosíssimo Rocinante e seguido de Dom Antônio, encontrou-se na praia com um

cavaleiro armado da cabeça aos pés, montado num soberbo ginete. O cavaleiro pára e diz em tom arrogante:

— Ilustre e valoroso Dom Quixote de Ia Mancha, saiba que tem diante de si o Cavaleiro da Branca Lua, cujas memoráveis façanhas correm mundo. Venho medir minhas forças comas de V. Sa.; e como tenho absoluta certeza de minha superioridade aconselho a V. Sa. a render-se à discricção.

Surpreso de tanta arrogância, Dom Quixote replica:

— Rio-me da tua arrogância, cavaleiro, e da tua ingenuidade em supor que o paladino da Mancha possa render-se sem luta. Batamos. Dize as tuas condições.

— Ei-las — respondeu o Branca Lua. — Se eu vencer V. Sa., V. Sa. se retirará para sua casa, na aldeia, e ficará cinco anos sem cingir a espada. Se V. Sa. me vencer, ficará com minhas armas, meu cavalo e minha glória.

Dom Quixote aceitou as condições e tomou posição de combate. O Branca Lua fez o mesmo. Súbito, atiraram-se um contra o outro.

O cavalo de Branca Lua era muito mais vigoroso que Rocinante, de modo que no embate peito a peito o botou logo por terra, com Dom Quixote e tudo. Estava decidida a batalha. Branca Lua apoiou a ponta da lança no gasnete do adversário caído, gritando:

— Morto estás, se não confirmas as condições estabelecidas.

— Confirmo-as — murmurou o herói da Mancha, num suspiro.

O vencedor afastou-se no galope. Sancho e mais amigos ergueram Dom Quixote e o colocaram numa padiola — e lá seguiu para a residência de Dom Antônio o lúgubre cortejo.

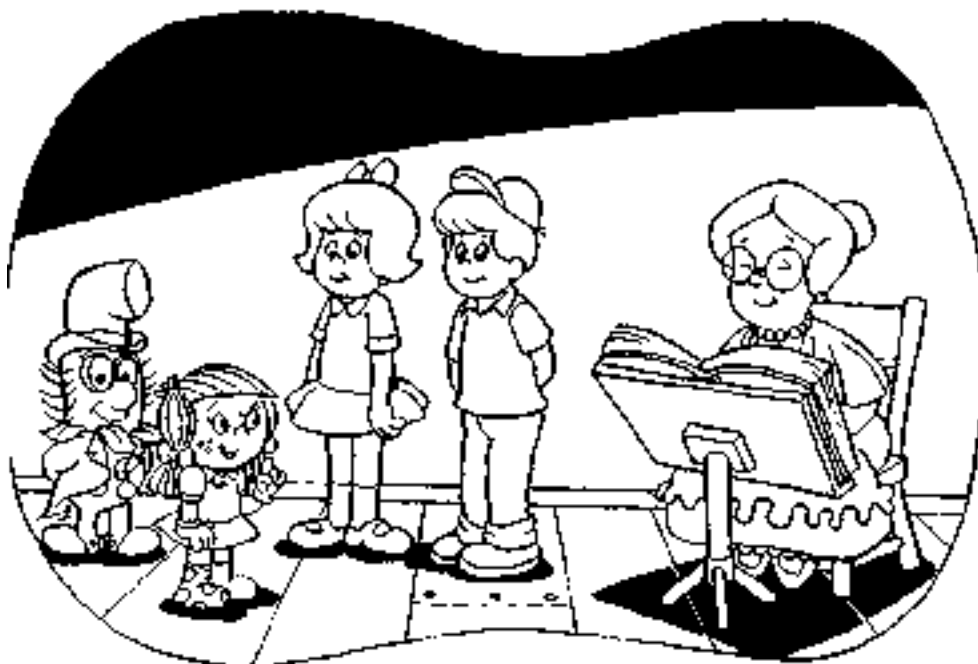
Tudo aquilo fora um arranjo do bacharel Simão Carrasco para salvar Dom Quixote e restituí-lo à família. Carrasco se disfarçara em Cavaleiro da Branca Lua, obtendo de Dom Antônio aquele excelente corcel, na certeza de que com o primeiro tranco daria com o matungo de Dom Quixote por terra. E tudo correu do modo previsto.

Moído da queda e mais ainda pela derrota moral, Dom Quixote ficou seis dias de cama em tratamento. No sétimo, levantou-se. Estava

em condições de retomar a viagem. Despediu-se de Dom Antônio, cavalgou Rocinante e, de cabeça baixa, numa grandíssima tristeza, tomou rumo de sua casa. Pelo caminho não lhe saiu da boca uma só palavra.

Na aldeia foi recebido pelo cura, pelo barbeiro e pelo bacharel Carrasco, que o abraçaram afetuosamente. Ao entrar em casa a sobrinha e a ama lançaram-se a ele, radiantes de felicidade.

Essas expansões de carinho, porém, não lhe serviam de consolo. De sua cabeça não saía, nem por um momento, a lembrança da fatal derrota. E de tanto mói e remói, adoeceu.



Doença e morte de Dom Quixote

— Coitado de Dom Quixote! — exclamou Narizinho. — Esse tal Cavaleiro da Branca Lua não passava dum grande malvado. E o duque e todos os seus amigos não passavam duns perversos sem coração.

— Realmente, minha filha, dói-me assistir ao fim do famoso cavaleiro da Mancha, sobretudo quando lhe lemos a história completa, do modo pelo qual Cervantes a escreveu. Mas tudo na vida tem que ter um fim. Cervantes não podia conservar Dom Quixote vivo a vida inteira.

— Por que não? — objetou Emília. — Eu, se fosse o Saavedra com dois *aa*, não o mataria nunca. Deixá-lo-ia como uma espécie de judeu errante — eternamente vivo. Para que matá-lo? Para que deixá-lo morrer? Não acho graça nenhuma nisso. . .

— É que todos nós morremos, Emília. Não tinha propósito Cervantes não pôr termo à vida do seu personagem.

— Tinha sim — insistiu Emília. — O fato de toda gente morrer não é razão para que ele morresse. Podia ficar para semente, como o

judeu errante. Ser uma exceção. A senhora não vive dizendo que todas as regras têm exceção?

— Mas as leis da natureza não têm exceções, Emília — e morrer é uma lei da natureza.

— Bolas para a natureza! — gritou a boneca. — Para mim Dom Quixote não há de morrer. Não quero ouvir o resto da história. Até logo. Vou brincar com o Quindim e levo Dom J Quixote bem vivinho dentro da minha cabeça. Não sou urubu. " Não gosto de carniça. Até logo! — e saiu da sala correndo.

Dona Benta ficou uns instantes pensativa.

— Conte logo a morte dele, vovó — pediu Narizinho.— Tia Nastácia não tarda com os pinhões — hoje é pinhão.

— Pois morreu, minha filha. Ficou vários dias de cama, cada vez mais magro, seco e amarelo. O cura, o barbeiro e o bacharel vinham visitá-lo todos os dias.

— E Sancho?

— Também. O pobre Sancho estava numa aflição nunca vista. A sua amizade pelo cavaleiro era profunda.

Lá pelo oitavo dia, o médico o desenganou. Disse que estava por horas. Percebendo que era assim mesmo, Dom Quixote reuniu todos os seus amigos e falou:

— Meus caros, já não sou Dom Quixote de la Mancha. Voltei a ser aquele antigo Alonso Quijana, que o povo desta aldeia havia cognominado o Bom. Já não sou imitador desses cavaleiros andantes que os livros descrevem e que a loucura me levou a tomar como modelos. Sou o vosso velho amigo, um homem que perdeu a razão e só no fim da vida a recobrou.

Todos se entreolharam com surpresa e dor. O moribundo prosseguiu:

— Sinto-me cada vez mais fraco. Chamai o tabelião para anotar minhas últimas vontades.

— Escreve — disse-lhe Dom Quixote. — Deixo a Sancho, meu fiel amigo, duzentos escudos de ouro. À minha sobrinha deixo tudo

O AUTOR E SUA OBRA

A elegante bengala do pai fascinava o menino José Renato Monteiro Lobato. Mas como poderia usá-la se as iniciais eram JBML? E não havia jeito de apagá-las sem estragar a beleza de um objeto tão querido. Resolve, então, o dilema com uma solução simples e inventiva: passa a, assinar-se José Bento Monteiro Lobato, nome que conservará até o fim.

Monteiro Lobato nasceu a 18 de abril de 1882 nos arredores de Taubaté, numa chácara que era a residência da cidade de seu avô, o visconde de Tremembé. Duas coisas encantavam o menino: a vida ao ar livre com os brinquedos feitos de mamão verde, chuchus, etc, e a biblioteca de seu avô. Alfabetizado por sua mãe, teve depois um professor particular e, aos sete anos, entrou para um colégio de Taubaté.

Logo demonstra sua vocação: escreve crônicas, poemas, contos e também faz desenhos para o jornalzinho colegial "O Guarani". Em 1900, quando termina o secundário, Lobato quer desenvolver seu talento para o desenho na Escola de Belas-Artes. Mas o avô impõe uma carreira ao jovem de dezoito anos: o direito. Aos vinte e dois anos, já formado, vai para Areias, onde se casa. Vara superar o tédio da cidade sem atrativos e parada no tempo, escreve artigos para jornais do vale do Paraíba.

Em 1911, morre o visconde de Tremembé, e Monteiro Lobato herda suas terras. Entrega-se à modernização de sua fazenda, mas esbarra na velha estrutura rural do país. Abandonados, sem higiene e alimentação, sem nenhuma orientação que os torne produtivos, os caboclos continuam praticando as queimadas que aprenderam com os avós. Assim nasce o Jeca Tatu, célebre símbolo do caipira brasileiro. Mas Lobato adverte: "Jeca não é assim. Está assim".

Volta-se com seu dinamismo para a atividade cultural e editorial. Compra a famosa "Revista do Brasil" e lança "Urupês" (1918), reunião de contos regionalistas. Junto com "Cidades mortas" (1919), "Negrinha" (1920), "Onda verde" (1921), "O choque das raças ou o presidente negro" (1926), forma parte do conjunto de suas obras para adultos.

Depois do fracasso de sua primeira editora, funda a Companhia Editora Nacional (1923). Sua última investida nesse campo será a fundação da Editora Brasiliense (1945), com Caio Prado Jr. e Artur Neves. Outra de suas grandes lutas consiste na campanha pela exploração do ferro (para fabricar máquinas) e petróleo (para movê-las). O Brasil possui esses dois elementos: por que os brasileiros não os exploram e combatem os interesses estrangeiros? A campanha nacionalista de Lobato, apesar dos desgostos, divergências com soluções adotadas e até da prisão por seis meses, em 1941, daria frutos positivos.

Mas voltemos no tempo: em 1920, Lobato elabora o conto infantil "A história do peixinho que morreu afogado". Resolve ampliá-lo e introduz cenas de sua infância, publicando-o em 1921 com o nome de "Narizinho arrebitado". É o ponto de partida para a criação de uma série de aventuras no Sítio do Pica-Pau Amarelo, onde fica o Reino das Águas Claras.

Entre seus felizes habitantes, estão Emília, a boneca de pano que diz tudo o que lhe passa na cabeça; o Visconde de Sabugosa, o sábio de espiga de milho; Pedrinho e Narizinho, eternas crianças sempre abertas a tudo; Dona Benta, avó dos meninos, contadora de histórias que aceita a imaginação das crianças e admite as novidades que mudam o mundo; Nastácia, a empregada que fez Emília, suas crendices e seus quitutes.

Nesse mundo, um pozinho mágico (pirilimpimpim) rompe os limites do espaço e do tempo, levando suas personagens a viverem as mais incríveis façanhas. Essas maravilhas narrativas, às quais não falta a preocupação de informar e educar, têm encantado gerações e gerações de crianças brasileiras. Recentemente, sua obra foi transformada numa série de televisão, "Sítio do Pica-Pau Amarelo", mas nada substitui o prazer e o estímulo à imaginação originados da leitura da obra infantil de Monteiro Lobato.

Depois da eleição do marechal Dutra para a presidência da República, o escritor, desiludido, resolve exilar-se voluntariamente na Argentina, onde funda a Editorial Acteón. Publicadas em espanhol, suas obras conhecem o mesmo sucesso que haviam conquistado no Brasil, Em

1947, volta à pátria e morre no dia 4 de julho de 1948, após ter sofrido um espasmo vascular.

Sua obra original para crianças e jovens consiste em: "Reinações de Narizinho", "Viagem ao céu", "O saci", "Caçadas de Pedrinho", "Hans Staden", "História do mundo para as crianças", "Memórias da Emília", "Peter Pan", "Emília no País da Gramática", "Aritmética da Emília", "Geografia de Dona Benta", "História das invenções", "Serões de Dona Benta", "Dom Quixote das crianças", "O poço do Visconde", "Histórias de Tia Nastácia", "O Pica-Pau Amarelo", "A reforma da natureza", "O Minotauro", "A chave do tamanho", "Fábulas", "Histórias diversas", "Os doze trabalhos de Hércules".

OBRA INFANTO-JUVENIL DE
MONTEIRO LOBATO

(Edição do Círculo do Livro)

Volume 1

REINAÇÕES DE NARIZINHO

Volume 2

VIAGEM AO CÉU / O SACI

Volume 3

CAÇADAS DE PEDRINHO /

HANS STADEN

Volume 4

HISTÓRIA DO MUNDO PARA AS CRIANÇAS

Volume 5

MEMÓRIAS DA EMÍLIA / PETER PAN

Volume 6

EMÍLIA NO PAIS DA GRAMÁTICA /

ARITMÉTICA DA EMÍLIA

Volume 7

GEOGRAFIA DE DONA BENTA

Volume 8

SERÕES DE DONA BENTA

Volume 9

HISTÓRIA DAS INVENÇÕES / DOM QUIXOTE

DAS CRIANÇAS

Volume 10

O POÇO DO VISCONDE

Volume 11

HISTÓRIAS DE TIA NASTÁCIA / O PICA-PAU AMARELO

Volume 12

A REFORMA DA NATUREZA / O MINOTAURO

Volume 13

A CHAVE DO TAMANHO / FÁBULAS

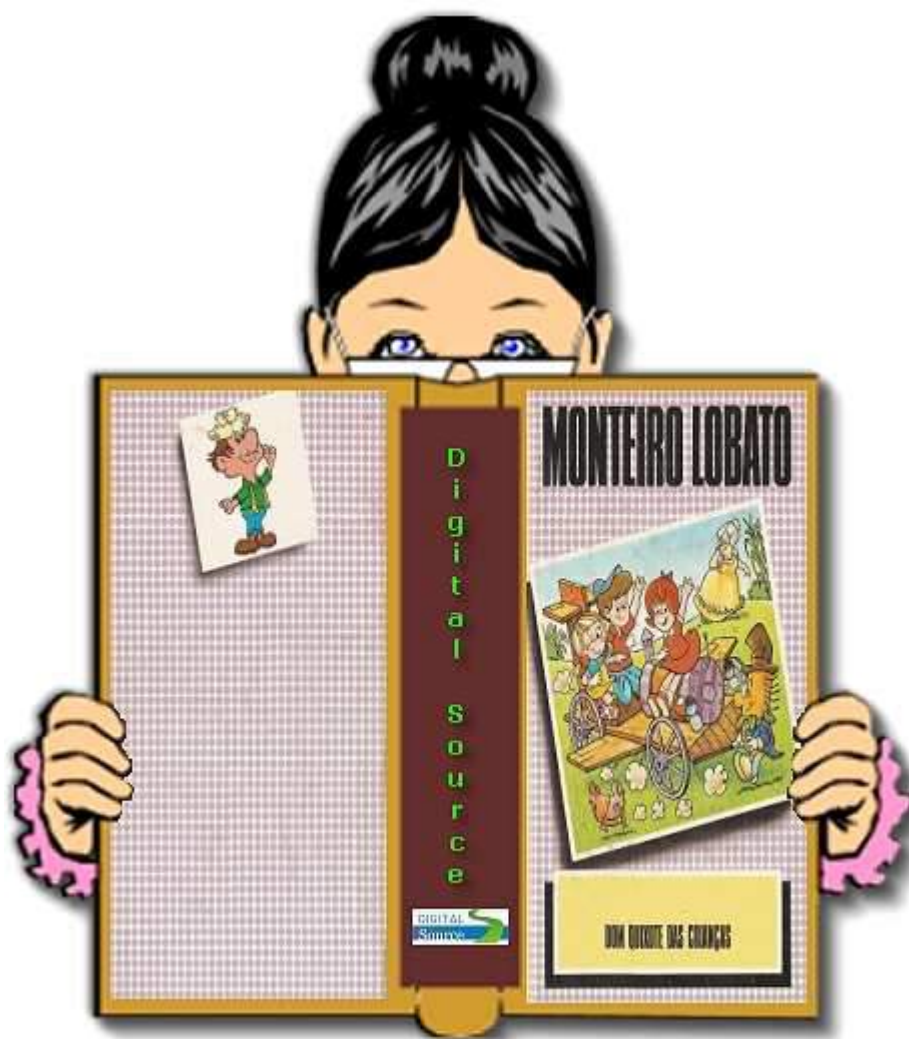
Volume 14

OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES - I

Volume 15

OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES - II /

HISTORIAS DIVERSAS



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>